

QUEILA BARBOSA LOPES

**ANGLICISMOS
E ACREANIDADE**



Universidade Federal do Acre

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

QUEILA BARBOSA LOPES

ANGLICISMOS E ACREANIDADE

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação (Strictu Sensu) em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Vicente C. Cerqueira (UFAC)

Rio Branco
Universidade Federal do Acre
Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade
2008

© LOPES, Q. B. 2008.

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Acre

L864a	LOPES, Queila Barbosa. <i>Anglicismos e acreanidade</i> . 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Acre, Rio Branco-Acre, 2008.
	Orientador: Prof. Dr. Vicente Cruz Cerqueira
	1. Estrangeirismos, 2. Acreanidade, 3. Linguagem, 4. Identidade, I Título
	CDU 81'23 (811.2)

QUEILA BARBOSA LOPES

ANGLICISMOS E CREATIVIDADE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação (*Strictu Sensu*) em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre, como requisito à obtenção do título de Mestre.

23 de junho de 2008.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Vicente Cruz Cerqueira
Universidade Federal do Acre

Prof^a. Dra. Lindinalva Messias Chaves
Universidade Federal do Acre

Prof^a. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará

Rio Branco – Acre

Ao meu esposo, Francisco Socorro de Lima Silva, cujo nome é a resposta para a pergunta: ‘Como você conseguiu trabalhar, ter uma filha e ainda escrever uma dissertação de mestrado?’

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu saúde e uma vontade férrea;

Ao meu esposo, que abdicou da proximidade de seus familiares, pela paciência e carinhosa dedicação exclusiva nesses anos, para que eu pudesse realizar esse sonho;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Vicente Cruz Cerqueira, por todo carinho;

À minha pequena filha, Agatha, que mesmo sem ainda proferir vocábulos completos conseguiu preencher minha alma de alegria e força com seu sorriso e olhar carinhosos nos momentos mais árduos e cansativos;

À minha família, especialmente minha mãe, Francisca Simão Barbosa, pelas orações constantes;

À Dione Pizarro, que nos últimos momentos compartilhou das madrugadas de leitura. Agradeço sua dedicação para que eu conseguisse cumprir meus prazos;

Ao Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo, Universidade Federal do Ceará, cuja orientação fraterna me foi fundamental e iluminadora;

À Vera Bambirra, Iza Reis e Eliomar, amigos que se tornaram irmãos, sempre dispostos a me dar força e auxílio.

Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. (RESENDE & RAMALHO, 2005)

SUMÁRIO

Resumo	03
Abstract	04
1 A Língua Portuguesa no Acre e estrangeirismos	05
1.1 O Surgimento da questão.....	05
1.2 Delimitando fronteiras.....	09
1.2.1 Um pouco de História.....	10
1.3 Estrangeirismos, empréstimos lingüísticos e anglicismos.....	16
1.3.1 Conceituando.....	16
1.3.2 Estrangeirismos X empréstimos lingüísticos.....	18
1.3.2.1 Motivação para empréstimos.....	20
1.3.2.2. Intervenção legal na língua.....	23
1.3.3 Anglicismos.....	26
1.4 Estrangeiros sim, estranhos não.....	30
2 Anglicismos na Paisagem Lingüística de Rio Branco	34
2.1 O tempo e o espaço.....	34
2.2 Semelhanças e diferenças	37
2.2.1 Português e inglês.....	37
2.2.1.1 Sonoridade.....	38
2.2.1.2 Estrutura silábica.....	40
2.2.1.3 Encontros consonantais (iniciais e finais).....	44
2.3. Categorização e análise das ocorrências.....	45
2.3.1 Empréstimos lexicais (Uma palavra).....	47
2.3.2 Empréstimos sintático-lexicais (Duas palavras).....	51
2.3.3 Empréstimos sintáticos I - Os modificadores.....	56
2.3.4 Empréstimos sintáticos II – Caso genitivo.....	59
2.3.5 Criatividade lingüística.....	66
3 Anglicismos e Acreanidade: Em busca de uma relação	78
3.1 Linguagem e identidade.....	81
3.1.1 Língua e sujeito.....	85
3.1.2 Língua performática.....	88
3.2 A presença do estrangeiro.....	91
3.3 Identidade, um conceito em debate.....	95
3.3.1 Identidades na fronteira, segundo Hall e Bhabha.....	97
3.4 A identidade acreana.....	100
4 Palavras Finais	102

RESUMO

ANGLICISMOS E ACREANIDADE

O presente estudo está concentrado sobre a presença de anglicismos no Estado do Acre, principalmente em como esse tipo de empréstimo lingüístico é usado e quais regras regem a criação de vocábulos com feições anglófonas na paisagem lingüística, nos espaços publicitários gráficos, da cidade de Rio Branco, como elementos que materializam características da identidade acreana. Para alcançarmos esse objetivo registramos fotograficamente as ocorrências que compõem o *corpus* do estudo, num total de 159. Os locais da coleta das ocorrências foram os bairros: Calafate, Centro e Bosque, na capital do estado do Acre. Feitos os registros encontramos, na análise lingüística dos vocábulos, alguns traços indicativos do conhecimento dos usuários da língua alvo (Língua Inglesa) utilizados para anglicização de vocábulos do léxico da língua receptora (Língua Portuguesa) e vice-versa. A liberdade com que os usuários misturam traços de uma língua com outra denota a força da comunidade anglófona entre os brasileiros, especificamente no estado do Acre, cujo contato com essa comunidade se dá principalmente através das tecnologias midiáticas globalizantes. Apesar dos países vizinhos serem de língua espanhola, o Acre não apresenta empréstimos lingüísticos oriundos dessas comunidades lingüísticas de maneira significativa. Esses resultados nos levaram a conclusão de que a identidade acreana é tão compósita como as demais identidades da pós-modernidade a despeito do fato de ser o Acre considerado distante dos grandes centros culturais, não havendo, portanto, uma acreanidade como identidade fechada e fixa.

PALAVRAS-CHAVE: Língua, Identidade, Acreanidade, Anglicismos.

ABSTRACT

ANGLICISMS AND 'ACREANIDADE'

The present study is concentrated about the anglicisms presence in Acre State, more specifically in how that kind of linguistic borrowing is used and which rules govern the creation of words with English-speaking features in the linguistic landscape, in the advertising writing spaces, of Rio Branco, like elements that materialize characteristics of people in Acre identity. In order to achieve that objective we took pictures of the occurrences that compose the corpus of the study, in a number of 159. The places of the occurrences collection were the districts: Calafate, Centro and Bosque, in the capital of the state of Acre. Made the records we find, in the words linguistic analysis, some indicative lines of the users knowledge of the target language (English Language) used for 'anglicization' of words of the lexicon of the receiver language (Portuguese Language) and vice versa. The liberty with what the users mix traces of a language with other denotes the force of the English-speaking community between the Brazilians, specifically in the state of the Acre, whose contact with that community happens mainly through the globalizing media technological. Despite of the neighboring countries are Spanish language, Acre does not present linguistic borrowings of those linguistic communities in a significant way. Those results lead us to the conclusion of Acre identity is so 'composite' as others post-modernity identities despite the fact of being considered a state distant from the big cultural centers, not having therefore an 'acreanidade' like identity closed and sets.

KEYWORDS: Language, Identity, *Acreanidade*, Anglicisms.

1 A LÍNGUA PORTUGUESA NO ACRE E ESTRANGEIRISMOS

1.1 O surgimento da questão

*Diferentemente lindo/ surpreendentemente belo/ não me compare/ sou incomum*¹... Esses versos, veiculados pelo discurso midiático no Brasil, podem servir como exemplo da existência, na sociedade vigente, de um desejo de valorização do diferente. Utilizamos a palavra *desejo* porque o respeito às diferenças ainda está longe de se tornar uma realidade em nosso cotidiano. A lingüística tem contribuído muito com a candente preocupação contemporânea do respeito à diferença.

A relação linguagem e identidade apresenta-se, aos estudiosos e aos leigos, como uma das razões de valorização das variantes lingüísticas e da liberdade de expressão. Embora, só recentemente a lingüística, como ciência, venha contribuindo com estudos relativos ao tema, podemos afirmar que os leigos já a praticam com conhecimento empírico.

Os falantes geralmente não receiam em concluir que a língua utilizada por um outro falante identifica-o como pertencente a essa ou àquela comunidade lingüística. Essa noção de pertencimento parece estar intrinsecamente relacionada ao conhecimento da língua que todo falante possui intuitivamente. Mesmo um usuário considerado ‘analfabeto’ pelas instâncias pedagógicas oficiais pode emitir juízos sobre **pertencimento** quando ouve um discurso, e o faz com certa freqüência. Não é raro ouvirmos julgamentos sobre o pertencimento ou não de um falante a uma certa comunidade lingüística, baseados na oitiva da fala do mesmo, embora nem sempre esse juízo seja confirmado e, por vezes, esteja completamente equivocado.

Tomemos, como exemplo, um falante ‘nativo’² do português brasileiro (PB) natural do Acre. É comum questionar-se a origem de um falante ao se ouvir em seu discurso algo diferenciado do que seja intuitivamente considerado como o ‘jeito de falar’ acreano, seja pela presença de algum vocábulo novo, por um termo usado em contexto

¹ Versos iniciais da música-tema da última campanha publicitária dos produtos de higiene pessoal Albany veiculada no Brasil há três anos.

² Relevante lembrar que foi o colonialismo que definiu o que é ser ou não nativo. Não foram os próprios indivíduos pertencentes à comunidade lingüística menos ainda os que nas terras colonizadas já estavam bem antes da chegada destes colonizadores. A língua, do colonizador, se impôs pela força no país.

diferente, pelo ritmo da fala ou ainda pela produção de alguns fonemas de maneira outra da que costumeiramente se ouve nas terras acreanas. Embora saibamos ser esse jeito de falar acreano fruto de uma mistura bastante diversificada, um usuário-receptor do PB se sente habilitado a classificar um falante como **acreano** ou **não-acreano** antes de ser informado da origem do mesmo. Caso o emissor identifique-se como acreano, o receptor questiona o motivo de algum diferencial na pronúncia ou do uso distinto de termos conhecidos ou não. Tal distinção, auditivamente perceptível ao usuário, pode acabar por ocasionar discriminação e distanciamento inicial, pois o ‘nativo/acreano,’ ao articular sua língua de forma estranha àquela considerada como sendo o jeito de falar do seu povo, do acreano, por exemplo, pode dar a entender que não lhe agrada o pertencimento àquela comunidade, como se a mesma não fosse digna de tê-lo como membro.

Sapir teceu considerações que podem ser bastante ilustrativas quando tratamos de noção de pertencimento e do jeito de falar de uma comunidade, como na afirmação:

Não há duas línguas que sejam suficientemente similares a ponto de serem consideradas como representantes de uma mesma realidade social. Os mundos em que as diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não meramente o mesmo mundo com diferentes rótulos. (SAPIR apud BASSNETT, 1999, p. 13).³

Acrescentaríamos a essa afirmação que nem duas línguas, nem dois dialetos, ou sequer dois idioletos poderiam ser tão semelhantes a ponto de representar uma mesma realidade social. Portanto, não concordamos com o “determinismo Lingüístico” e nos posicionamos com aqueles que afirmam que a história e cultura de um povo acabam imprimindo em seus indivíduos maneiras diversas de perceber o mundo, não por causa da língua, mas através da língua que é produzida socialmente. Acrescentamos ainda que os indivíduos são plenamente capazes de construir sua identidade, escolhendo um jeito de ser diferente dos de sua casa, família, e/ou comunidade lingüística. No entanto, a capacidade de construção de uma identidade exige que o sujeito adquira, no decorrer da vida, instrumentos que o possibilitem estabelecer resistência perante a construção de uma identidade atávica e massificada que a sociedade pretende impor aos seus componentes.

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, encontramos estereótipos, difundidos entre alguns brasileiros, de sorte que um indivíduo natural do Amazonas, por exemplo, costuma sentir-se à vontade para rotular de sulista um indivíduo que use o termo

³ No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with different labels attached.

‘guri’ para designar ‘criança’, pela oitiva do discurso do mesmo. Tais julgamentos ocorrem sem constrangimento quando o ouvinte-juiz encontra-se diante de tal uso na fala, a não ser que o mesmo reflita sobre a heterogeneidade de nosso país.

A facilidade em rotular um indivíduo nasce provavelmente da crença de que cada língua representa uma realidade diferente, como afirma Sapir. Ora, se ouve um ‘nativo’ falar diferente do que considera como sendo o ‘seu’ jeito de articular as palavras, o ouvinte acaba por concluir que o falante, integrante da mesma comunidade lingüística, não aprecia a realidade na qual está inserido ou que preferiria pertencer à outra realidade por considerá-la superior a sua. Ou seja, parece ao outro que o falante procura de algum modo distanciar-se da comunidade em questão, por vezes, usando uma variante⁴ diversa da de seu grupo, e na maioria das vezes, tentando aproximar-se de uma realidade vista como melhor, reproduzindo o jeito de falar dessa comunidade ‘desejada’.

Acreditamos não haver dúvidas quanto a essa noção de pertencimento que os falantes intuitivamente possuem. Fica-nos, portanto, o questionamento a respeito de como essa(s) relação(ões) entre linguagem e identidade se materializa(m) no cotidiano desses falantes, e em que situações ou espaços sociais essas relações⁵ se fortalecem ou se transformam.

Foi o magistério, mais precisamente, no ensino de língua estrangeira moderna – língua inglesa, ao qual dediquei treze anos, que nos suscitou questionamentos a respeito de uma contradição que acaba por desembocar na discussão sobre a relação linguagem e identidade, a saber, a presença dos estrangeirismos oriundos da língua inglesa e o que essa presença indica a respeito da identidade dos acreanos.

Os estrangeirismos afetam de alguma maneira a identidade acreana? Podemos afirmar que anglicizou-se nossa acreanidade? E por fim, existe uma acreanidade a ser afetada pelo uso constante de estrangeirismos? Essas questões surgiram principalmente da resistência dos estudantes ao aprendizado do inglês, testemunhada durante o período em que trabalhei no ensino de língua inglesa em escolas públicas. Segundo os alunos, há diversos motivos para essa resistência, além das diferenças entre os dois sistemas lingüísticos que foram sempre apontadas como o principal motivo para a dificuldade na aprendizagem. Dentre as razões citadas pelos estudantes para o desinteresse está o fato de o Acre se localizar geograficamente distante dos convencionados “grandes centros

⁴ Ou um modo de falar diferente.

⁵ Usamos ‘relações’ e não ‘relação’ pelo fato de que sociedade e língua são plurais e conseqüentemente produzirão relações sempre plurais.

culturais”, além dos mesmos estarem financeiramente impossibilitados de viajar para outros países de língua inglesa ou ainda de viverem sob a égide da exclusão digital. Aqueles que já foram digitalmente incluídos perceberam que o conhecimento dessa língua auxilia muito a comunicação na Web. Quais seriam as explicações para a presença de tantos estrangeirismos em Rio Branco, no Acre, a não ser o contato cultural mediatizado pelas tecnologias da informação a que temos acesso atualmente? Haveria outra maneira de explicar os estrangeirismos presentes no Acre?⁶

Garcez (2002, p.15) discute essa relação de não-identificação, e do contato entre as comunidades, em sua conceituação de estrangeirismos ao afirmar que:

Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades lingüísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de *identidade alienígena*, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo.

E essa suspeita de *identidade alienígena* é colocada pelos alunos, como sendo o obstáculo intransponível para a aprendizagem. Contudo, apesar dessa resistência em aprender a língua inglesa, rejeitada por grande número de educandos como *estranha*, identidade não desejada e mesmo assustadora, e das fronteiras com países não-anglófonos, os anglicismos são mercadoria de alta cotação no Acre⁷ e são utilizados com grande liberdade, não apenas nos termos tecnológicos, onde seu uso tornou-se aparentemente inevitável, como também nas mais diversas ocasiões e espaços.

A *identidade alienígena* à qual resiste na escola é a mesma que ele prefere ao defrontar-se no cotidiano com a possibilidade de escolha entre uma palavra estrangeira ou não para designar, por exemplo, um novo negócio, que almeja seja bem sucedido.

Os estrangeirismos estão onipresentes no Estado do Acre. Uma leitura da paisagem urbana da capital do Estado nos permite ratificar essa afirmação. Podemos encontrá-los em muros, placas de anúncios, plaquetas, fachadas de lojas, nos carros, propagandas espalhadas pela cidade; e mesmo quitutes, produzidos pelos munícipes para comercialização interna, não escapam de apresentar vocábulos em inglês ou, na ausência desses, elementos estruturais do seu sistema lingüístico aplicados em palavras da língua portuguesa no claro intuito de anglicizá-las. Essa contradição entre a resistência ao

⁶ Discutiremos respostas a essa pergunta em nosso terceiro capítulo.

⁷ Não diferentemente do resto do Brasil e dos demais países latinos.

aprendizado⁸ e a preferência por termos em inglês no cotidiano, para destacar ou valorizar algo, foi uma das razões pelas quais sentimo-nos instigados a realizar essa pesquisa, discutindo a relação⁹ linguagem e identidade e a maneira com que se materializa na vida dos acreanos residentes em Rio Branco. Vemos a presença de estrangeirismos no cotidiano dos falantes de língua portuguesa no Acre, e a liberdade de criação com os vocábulos anglófonos, como um exemplo da maneira como essa relação se corporifica.

Portanto, nesse trabalho voltamos nosso olhar para os estrangeirismos como presença, até então bem vinda, do estrangeiro em terras acreanas, analisando os usos e tecendo uma relação entre eles e sua consequência como possíveis processos identitários de um povo que sempre foi constituído por culturas plurais. Interessantemente é essa constituição que nos impossibilita, ou pelos menos dificulta bastante, o delineamento de um perfil do que seja a propalada ‘acrianidade’ no estado.

1.2 Delimitando fronteiras

Precisamos compreender sem digressões o que significa a palavra acrianidade antes de darmos continuidade a discussão a que nos propomos. Esse termo, diferente do que poderíamos designar de *acrianês*, não se refere exclusivamente ao modo de falar dos acreanos, a alguma peculiaridade da fala desse povo, mas a um sentimento de pertencimento, uma identidade cultural, que há alguns anos as campanhas políticas principalmente, têm tentado afirmar a existência no povo acreano. O que nomeiam *acrianidade*, então seria a designação da identidade desse povo que, segundo a História Oficial, defendeu sua agregação ao Brasil e não à Bolívia, se caracterizando, portanto, como uma identidade na qual o povo, consciente de suas raízes, não se permite confundir ou miscigenar com o estrangeiro, pois valoriza muito suas tradições históricas. Alguns dos versos do hino acreano deixa transparecer uma prontidão dos acreanos, frente a estrangeiros, em defesa do que lhe é identitário:

Mas se audaz estrangeiro algum dia/ Nossos brios de novo ofender/
Lutaremos com a mesma energia/ Sem recuar, sem cair, sem temer/ E

⁸ Ainda que saibamos que há ‘resistência’ ao aprendizado na escola de qualquer disciplina, observamos que quando se trata do ensino de língua inglesa essa resistência é mais forte ainda e surge diante dos discentes embasada nas questões arroladas nessa subseção.

⁹ Embora esteja no singular entendemos que linguagem e identidade se corporificam em relações, haja vista serem ambas plurais.

ergueremos, então, destas zonas/ Um tal canto vibrante e viril/ Que será como a voz do Amazonas/ Ecoando por todo o Brasil. (MANGABEIRA, 1903)

Considerando esse conceito de acreanidade e observando a presença de tantos anglicismos nos espaços públicos de comunicação gráfica dos acreanos, mais precisamente nas fachadas de estabelecimentos comerciais, faixas, cartazes, *outdoors* e pinturas em muros, acreditamos ser possível, a partir da análise do uso desses anglicismos, delinear algumas características antagonicas à existência desse sentimento de acreanidade.

As hipóteses de nossa pesquisa consistem, deste modo, nas seguintes questões: O modo como as palavras da língua inglesa são utilizadas, no ecossistema lingüístico estudado, configurariam a identidade acreana? Poderíamos, ainda embasados na análise dos usos de anglicismos, afirmar que a *acreanidade* não passa de um mito? Há sinais morfossintáticos, nesses usos, capazes de denunciar a fluidez dessa possível identidade? Há possibilidade de concluirmos haver contradição entre o uso de anglicismos e acreanidade?

Essa discussão a respeito da presença de estrangeirismos num ecossistema lingüístico de uma região ou estado qualquer necessita de um olhar para a história narrada a respeito desse estado e de sua criação, que auxilie na busca de possíveis vestígios históricos das causas dessa presença. Não podemos deixar de considerar pelo menos alguns pontos da história de um povo ao discutirmos sua identidade, se consideramos a identidade também como fruto de um percurso histórico específico. Desse ponto de vista, nas linhas seguintes apresentamos alguns pontos que consideramos relevantes para a compreensão do que tenha sido, até o presente momento histórico, a construção de uma acreanidade.

Além dessa atenção para a História Oficial do Estado, se deve fazer uma passagem pelos conceitos de estrangeirismos e empréstimos lingüísticos pensados por estudiosos da linguagem. É o que nos propomos na seção a seguir.

1.2.1 Um pouco de História

A história oficial narrada sobre o Acre destaca o estado como sendo diferenciado dos demais do Brasil. Segundo essa narrativa ele foi o único da Federação que realizou uma revolução para ter o direito de ser brasileiro, e o fez não por desejo do governo federal, mas por vontade explícita e heróica dos que nessa terra viviam antes de ela ser anexada ao Brasil. De acordo com essa história os primeiros falantes do português

brasileiro residentes no estado empenharam suas vidas, há pouco mais de cem anos, pelo direito de pertencer ao território do Brasil. Contudo, eles não foram os primeiros a habitar essas terras. Anterior a sua vinda, havia nesse território, uma forte presença indígena, que sofreu tentativa de dizimação pela ganância e desrespeito às diferenças entre os povos, práticas tão peculiares ao ‘homens’. A visão que o branco tem do índio parece justificar seus atos, conforme se pode depreender da afirmação a seguir:

A figura do índio está inclusa no velho preceito evolucionista que os coloca num patamar de inferioridade em relação aos outros indivíduos, não atendendo ao estereótipo do herói que se deseja materializar para a história. A sede pelo portento, pelo maravilhoso instaura algo que não se prende no tempo; por isso a figura do herói é tão importante para a configuração do mito, porque ela encarna a aura de um povo. (QUEIROZ, 2006, p. 1)

Como o elemento autóctone não atende ao modelo de herói que temos internalizado, e que é peça muito importante para a configuração do mito fundador nas narrativas históricas, presentemente é valorizado nas campanhas publicitárias a respeito do estado como o ‘exótico’, não tendo muita voz ou destaque e nem é respeitado como deveria. Segundo podemos ainda hoje ouvir nas escolas de ensino fundamental no Acre a respeito da colonização e do confronto com o homem não-índio, alguns povos indígenas decidiram colaborar em parte com os invasores. Muitos índios desses povos tornaram-se mateiros, remadores, guias, e seringueiros. Os mesmos povos que antes eram os senhores dessas terras passaram a ser empecilho à exploração da famigerada borracha e do caucho¹⁰; por esta razão muitos foram assassinados, aprisionados para servirem de escravos, ou mesmo tiveram suas mulheres vendidas aos seringueiros como objeto.

Dentre as muitas etnias presentes nessas terras antes da vinda do ‘homem branco’, apenas quatorze sobreviveram ao genocídio do final do século XIX e início do século XX, com graus de proficiência em língua indígena preocupantes para aqueles que levantam as bandeiras de preservação das culturas e línguas de cada etnia. Dessas etnias sobreviventes, seis são bilíngües enquanto que oito são monolíngües¹¹ em língua portuguesa. Isso significa dizer que a tentativa de extermínio não se limitou ao assassinato de corpos, mas também de almas, da cultura de alguns povos indígenas presentes nos áureos tempos da borracha.

¹⁰ Nome científico *Castilloa elastica*, árvore que fornecia mais látex do que a seringueira.

¹¹ Dados fornecidos em 2007 pela Gerência de Educação Indígena na SEE – Secretaria de Estado de Educação do Acre.

Segundo a Gerência de Educação Indígena da Secretaria de Estado de Educação do Acre, na atualidade, um assustador total de cinquenta e sete por cento (57%) dos povos indígenas presentes no Estado do Acre falam apenas língua portuguesa. O que significa que muito da riqueza cultural desses povos se perdeu junto com a língua que falavam. Pois, como afirma Crystal (2000, p. 53), "com cada língua que morre uma outra fonte de dados – para filósofos, cientistas, antropólogos, lingüistas, historiadores, psicólogos, escritores – é perdida"¹². Ezra Pound, (apud CRYSTAL, 2000, p. 53) também nessa linha, já afirmava que "a totalidade da sabedoria humana não está contida em uma única língua, e nenhuma língua por si é capaz de expressar todas as formas e graus da compreensão humana"¹³.

O português brasileiro falado no Acre teria ganho em riqueza e compreensão de mundo caso houvésssemos respeitado e tivéssemos conseguido construir uma relação de alteridade com os povos indígenas encontrados nessas terras.

A presença do elemento autóctone hoje na vida dos acreanos se resume às reservas indígenas, que se tornaram espaços de interesse para apenas uns poucos pesquisadores ou curiosos. Raros são os acreanos que demonstram alguma inclinação para aprender alguma frase de qualquer língua indígena, ou usam o léxico de alguma etnia para destacar ou designar algo. Normalmente, só há esses usos quando para a divulgação do estado em outras regiões do país, mesmo existindo no atual governo do Acre uma aparente busca de valorização das raízes, que os indígenas integram.

Apesar da tentativa de total apagamento desse elemento autóctone, o Acre é um estado fruto da unificação das culturas indígenas com a dos demais indivíduos que se estabeleceram nesse território. Se o Acre é uma terra multi-étnica, formada por imigrantes e indígenas, muito se deve ao período áureo da borracha.

A ocupação do espaço que deu origem ao atual Estado do Acre, está profundamente ligada, ao uso da borracha como matéria-prima nas indústrias de automóveis e de outros produtos, e a migração de nordestinos, provocada pela seca que atingiu o nordeste nos anos de 1877 e 1880. (MONTREZOL, 2000, p. 9)

O motivo central para que fosse iniciada a colonização do Acre foi, sem dúvida, a influência do interesse brasileiro e de outros países – especialmente a Inglaterra – na

¹² [...] as each language dies, another precious source of data – for philosophers, scientists, anthropologists, folklorists, historians, psychologists, linguists, writers – is lost.(p. 53)

¹³ The sum of human wisdom is not contained in any one language, and no single language is capable of expressing all forms and degrees of human comprehension. (p. 53)

extração gumífera. Apesar da nação em formação – o Brasil – não demonstrar qualquer interesse pela anexação das referidas terras como pertencentes ao seu território, o conhecimento de que a seringueira era abundante suscitou interesse de exploração. O mundo precisava da borracha para produzir as invenções que dependiam desta matéria-prima e a região amazônica, em especial o Acre, passou a ser a grande fonte mundial da goma elástica.

Contudo, nestas terras a mão-de-obra era escassa, e a seca nordestina dos anos de 1877 e 1880 fez com que muitos nordestinos viessem para o Estado, atraídos pela idéia de um local que se constituía em um espaço com uma floresta abundante, verde, com fartura hídrica, em que, principalmente, viram a possibilidade de ganhar renda suficiente para melhorar sua qualidade de vida e a de seus familiares. O governo federal contribuiu muito para a disseminação dessa idéia através da propaganda, divulgada com o intuito de atrair imigrantes para essa região do país. Entre os que se sentiram atraídos “o cearense foi o nordestino que mais procurou os seringais, seguidos dos maranhenses, piauienses, rio-grandenses do norte, paraibanos, alagoanos e pernambucanos” (MONTREZOL, 2000, p. 9). Em terras ainda não acreanas, os indivíduos que deixaram sua terra em busca de uma melhoria de vida encontraram muitos desafios e obstáculos a sua sobrevivência, como a ganância dos seringalistas, as doenças tropicais, principalmente a malária - então chamada de ‘cezão’, a ferocidade de animais como a onça, a saudade de sua casa, além das péssimas condições de subsistência.

Quando a borracha acreana perdeu parte de sua importância¹⁴ no cenário econômico mundial aconteceu o grande êxodo rural e regressão no processo de ocupação do estado pelo homem ‘branco’. A partir dos anos 70, a ocupação se deu principalmente por razões agro-pecuárias. Um estado com tantas terras não produtivas servia bem a criação de gado, principalmente. Dessa forma, o governo de Francisco Wanderlei Dantas proporcionou as condições para a implantação da pecuária no Acre. Com o *slogan* “Produzir no Acre e investir no Acre”, em 1973, “o governo promove campanhas publicitárias nos grandes centros, particularmente no Centro-Sul, incentivando assim, a economia basicamente extrativista a se transformar em outra baseada na pecuária de corte extensiva” (MONTREZOL, 2000, p. 10). Atenderam a esse convite muitos ‘paulistas’¹⁵, ainda de acordo com Montrezol.

¹⁴ Por conta da produção da borracha na Malásia e na China.

¹⁵ Denominação genérica dada aos compradores de terra, oriundos principalmente do sul do país.

Não podemos esquecer que não foram somente os falantes de língua portuguesa e indígenas que constituíram o que chamamos hoje de povo acreano. **Estrangeiros**¹⁶ oriundos principalmente da Síria, também vieram para essas terras, atraídos pelas possíveis facilidades de enriquecimento que elas poderiam oferecer. Esta imigração se deu principalmente na época de maior valorização da borracha produzida nos seus seringais.

Os povos de quem se encontra registro histórico, além do povo português, são os sírios e libaneses que inclusive foram muito atuantes na comercialização de produtos diversos com seringalistas, na época em que a borracha era valorizada como ouro. Eles forneciam aos grandes seringalistas o ‘aviamento’ do mês, que era constituído de farinha, óleo, açúcar e alguns outros produtos da cesta básica a ser vendida para os seringueiros, sempre em um preço que ia muito além do negociado na cidade.

No caso do Acre, dentre os povos estrangeiros destacaram-se as participações de portugueses e sírio-libaneses. Uns e outros estavam integrados ao sistema econômico de exploração da borracha, na condição de seringalistas, comerciantes, marreteiros e seringueiros. No que se refere aos sírio-libaneses, atuavam fundamentalmente no abastecimento dos seringais. Alguns, além de terem sido proprietários das casas comerciais de maior projeção, chegando a possuir navios, eram também donos de seringais. (BEZERRA, 1993, p. 25)

Esse é um dado relevante para nossa pesquisa, considerando que muitas das ocorrências fotografadas existem dentro de alguma relação comercial, em sua maioria deixando de existir fora desse contexto. Ora, tendo o incipiente comércio acreano forte presença dos sírios e dos libaneses, era natural se esperar heranças lingüísticas desse tempo pelo menos nesse espaço de comercialização. Ainda é possível encontrar em Rio Branco¹⁷, capital do estado, comércios que foram abertos por esses dois povos nas margens do Rio Acre, sendo uma das mais populares a Casa Farhat, a qual o governo do Estado do Acre dedicou uma revista em homenagem aos 90 anos de funcionamento.

Em uma entrevista ao ‘Cadernos do Acre’ (Série Comemorativa), o Prof. Carlos Alberto Alves de Souza, do Departamento de História da UFAC, comenta a presença desses estrangeiros em terras acreanas ao afirmar: “Dizer que eles formaram uma cultura não é verdade. Deixaram contribuições como na comida, por exemplo”¹⁸. Essa afirmação

¹⁶ Os falantes de língua portuguesa também eram ‘estrangeiros’ para a população indígena já residente nas terras amazônicas.

¹⁷ Assim como em todo o estado.

¹⁸ A cultura por eles trazida e incorporada pelos brasileiros residentes no Estado em sua arquitetura, por exemplo, foi substituída pela *art nouveau* para tornar o prédio mais imponente. Haja vista o povo sírio e/ou

pode ser constatada na contemporaneidade acreana. Na bagagem os estrangeiros trouxeram a língua e os costumes de seu país de origem; contudo, não encontramos termos ativos hoje no ecossistema lingüístico a não ser uns poucos emprestados junto com a culinária como a *esfirra* – produto feito de trigo recheado de frango desfiado, pedaços cozidos de batata inglesa e uma azeitona – quitute trazido por eles para as terras acreanas que caiu no gosto dos residentes no estado. Podemos saborear uma *esfirra* em quase qualquer lanchonete da cidade, e caso peçamos uma em alguma lanchonete que não a tenha, não seremos indagados sobre a natureza desse alimento; todos os acreanos conhecem-no. Se não encontramos a influência árabe na língua, em contrapartida, a presença de estrangeirismos oriundos da língua inglesa aparece abundantemente, inclusive em nome de alimentos. Discutiremos com mais detalhe essa questão no decorrer do texto.

Os empréstimos originados dos povos anglófonos vão além dos pertinentes aos empréstimos culinários, mas também marcam presença nesse setor. Um indivíduo falante do português brasileiro que esteja vivendo na zona urbana de uma cidade brasileira dificilmente não conhecerá o *X-búrguer*. Os *X-búrgueres* foram emprestados de povos anglófonos junto com a guloseima. Esse estrangeirismo, então, é tão popular que poucos falantes se perguntam sobre a origem dessa designação. O que deveriam fazê-lo pela construção interessante desse vocábulo nos cardápios dos estabelecimentos em que se é possível adquiri-lo. Um aprendiz de língua inglesa, no entanto, tem instrumentos suficientes que o conduzam a conclusões a respeito disso.

Primeiramente, consideremos um anglófono que se senta à mesa de uma lanchonete e se depara com esse termo no cardápio. Provavelmente deduziria, pelo contexto de uso, do que se trata, porém estranharia o uso da letra **x**, considerando que a pronúncia dessa letra em inglês é [‘eks], o que poderia significar ao anglófono como o ‘**ex**’ da palavra **ex-president**, correspondente ao português: ex-presidente.

Criado pela cultura inglesa, esse tipo de refeição ganhou os cardápios das lanchonetes a partir de meados do século XX com o surgimento das grandes redes mundiais de *fast-food*. Nesse caso, podemos afirmar que os falantes do português brasileiro chegaram de *cheeseburger* ao nosso famigerado *X-búrguer* – que fora o ponto de partida para criações como *X-tudo*, *X-egg*, *X-bacon*,... – seguindo intuitivamente o modelo de tradução de Eugene Nida (apud BASSNETT, 1991), que podemos representar pelo esquema a seguir:

libanês ter sido rotulado como ladrão, enganador e conseqüentemente ter pouco prestígio entre os indivíduos residentes nessas terras, hoje não podemos mais encontrar registros dessa herança que existiu.

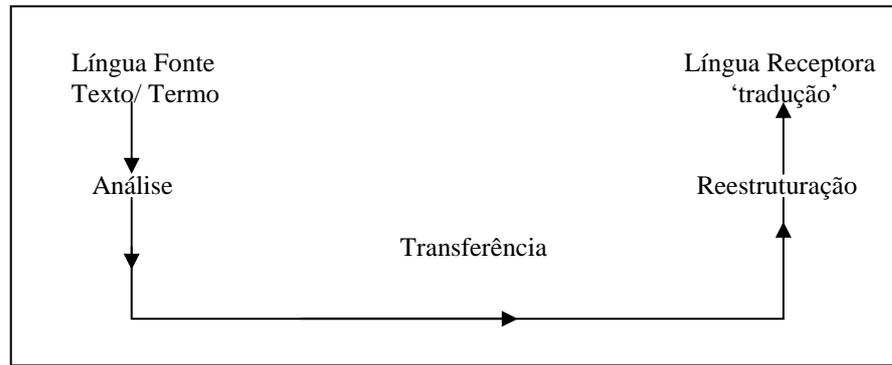


Ilustração 1 - Esquema com base em Nida (1991)

Tomando o termo *cheeseburger*, fez-se uma análise do estrangeirismo, realizando a transferência com a reestruturação que consistiu na troca do *cheese* pelo 'X' a partir da conclusão, para os falantes do português, da equivalência sonora entre os dois.

A criação de vocábulos como o citado acima suscita questionamentos quanto à motivação da presença de anglicismos no Acre. Se considerarmos o contato entre línguas como momento indispensável para que se ocasione a ocorrência de empréstimos lingüísticos, e no caso do estado acreano, consideraremos este como sendo artístico-cultural. Aliás, os países com os quais temos maior proximidade geográfica são de língua espanhola. A discussão entra então na questão das fronteiras e das identidades pós-modernas que discutiremos no trabalho.

Embora os estrangeirismos se apresentem em todo o estado do Acre, esta pesquisa se restringe a capital Rio Branco como o território sobre o qual colhemos as ocorrências e desenvolveremos nossas considerações a respeito da presença de estrangeirismos, destacando sua diferença diante dos demais estados da federação como o estado cuja história oficial procura divulgar entre os indivíduos o sentimento de viverem em uma unidade federada que pode ser considerada como a mais brasileira de todas, pois lutou para se ter o direito de pertencer ao território dessa federação.

1.3 Estrangeirismos, empréstimos lingüísticos e anglicismos

1.3.1 Conceituando

A respeito dos estrangeirismos, os estudiosos que discutem essa realidade lingüística concordam em uma coisa: esse é um fenômeno invariável no contato entre comunidades lingüísticas. Onde ocorrem contatos entre usuários de línguas diferentes,

inevitavelmente lança-se mão do uso de empréstimos lingüísticos, pois, como sabemos é discutível a possibilidade de tradução perfeita e algumas realidades lingüísticas precisam utilizar um empréstimo que possa transferir um significado de uma realidade cultural à outra. Cada comunidade relaciona-se com o mundo de uma maneira particular que está estreitamente ligada a sua história. Ao ocorrer o encontro entre culturas diferentes fatalmente se encontram lacunas no léxico para as designações fruto das peculiaridades da comunidade. A respeito dessa dificuldade de tradução Bassnett (1991, p. 15) comenta:

Mesmo aparentes sinônimos não produzem equivalência. [...] Por esta razão um dicionário dos chamados sinônimos pode dar *perfeito* como sinônimo para *ideal* ou *veículo* como um sinônimo para *condução*, mas em nenhum dos casos pode se dizer haver completa equivalência, já que cada unidade contém em si um conjunto de associações e conotações intransferíveis.

Para a autora a sinonímia perfeita – chamada por ela de tradução intralingual (BASNETT, 1991) – é contestável. Logo, baseados nessa afirmação, podemos concluir que a tradução interlingual – entre diferentes línguas – é discutível em um grau ainda maior. Ora, se num mesmo sistema lingüístico não há duas palavras totalmente equivalentes, a probabilidade de ocorrer equivalência entre dois termos de sistemas lingüísticos diferentes beira a impossibilidade. Conseqüentemente, é mais simples emprestar do que ficar tecendo ilações sobre a equivalência entre termos de duas línguas diferentes até se concluir qual a melhor adequação ou criação lingüística.

A aceitação desses vocábulos tomados emprestados pela comunidade lingüística receptora é que vai decidir se eles acabarão sendo considerados como termos não-estrangeiros. Temos em língua portuguesa, por exemplo, termos indígenas e africanos, assimilados na época do Brasil colônia, que hoje compõem nosso léxico como palavras da língua portuguesa. Tornaram-se tão familiares a nós como se tivessem sido gerados no nosso sistema lingüístico a partir da mistura de termos do português falado no Brasil. Há tanto tempo nos deliciamos com um belo *curimatã* que não nos lembramos da origem Tupi desse vocábulo. Apossamo-nos dele. Ainda mais recentemente aceitamos em nosso cotidiano os termos advindos das inovações da informática que em sua maioria foram tomados emprestados, concomitantemente à aquisição dessas novas tecnologias, daqueles que as venderam a nós e sem as quais muitos humanos modernos não saberiam mais viver.

Contudo, diferenciar conceitos como estrangeirismos e empréstimos lingüísticos parece-nos uma tarefa controversa. Os limites que dizem onde encerra um e começa o

outro parecem sutis demais para serem demarcados e erguidos a partir deles, muros de separação. Na seção seguinte tratamos dos conceitos propostos por alguns lingüistas para esse(s) fenômeno(s) lingüístico(s).

1.3.2 Estrangeirismos x empréstimos lingüísticos

A opção de colocá-los lado a lado nesse ponto foi exatamente por não haver entre os lingüistas um explícito limite entre os mesmos. Alguns conceituam apenas um deles, o empréstimo lingüístico deixando a entender que os estrangeirismos são na verdade empréstimos lingüísticos.

Barbosa (1990) considera ser o estrangeirismo ‘um empréstimo vocabular não integrado à língua que o toma, conservando da outra os fonemas, a flexão e a grafia’. De acordo com essa conceituação, com o passar do tempo, havendo a aprovação dos falantes da língua alvo, esse estrangeirismo tenderia a se adaptar à fonologia e à morfologia dessa língua. Esse processo de transformação foi denominado de aclimação por Barbosa (1990). Logo, Barbosa (1990) distingue os dois fatos lingüísticos, considerando empréstimo lingüístico os termos estrangeiros aclimatados, e estrangeirismos aqueles que são emprestados sem qualquer alteração/aclimação. Afirmação que pode ser representada no seguinte quadro:

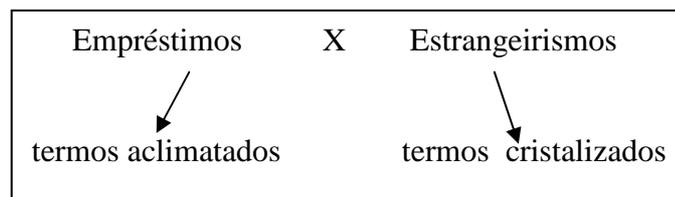


Ilustração 2 - Empréstimos e estrangeirismos baseados em Barbosa.

Para Barbosa (1990) esses são dois fenômenos lingüísticos diferentes, embora ambos sejam produtos do contato entre comunidades lingüísticas. A diferença entre eles reside exatamente na aclimação ou não dos termos emprestados pela comunidade receptora, isso não significa necessariamente afirmar que as designações dadas por Barbosa (1990) representem estágios de aceitação dos termos estrangeiros, e que todo empréstimo há de ser, algum dia, aclimatado. Os dois fatos lingüísticos são incorporados pelos indivíduos de acordo com as possibilidades de sobrevivência daqueles e sua vida útil será sempre determinada pela comunidade lingüística, em seus sujeitos, que os acolhe.

Embasados nessa conceituação de aclimatação (BARBOSA, 1990) podemos afirmar que todo estrangeirismo que seja bem sucedido, no tocante a aceitação dos falantes da língua alvo, está destinado à aclimatação cedo ou tarde. Isto considerando que há adequação da sonorização de acordo com o sistema fonotático do sistema lingüístico receptor, mesmo havendo a manutenção da escrita do vocábulo que fora tomado emprestado.

Câmara Jr. (1998) afirma que o empréstimo lingüístico abrange o conjunto de mudanças que uma língua sofre em contato com outra e acaba por estabelecer traços lingüísticos novos dentro da língua receptora, não expondo a questão da aceitação da comunidade lingüística como fator distintivo entre estrangeirismos e empréstimos lingüísticos, como Barbosa (1990). Câmara Jr. (1998), portanto, apresenta o resultado do contato entre as línguas: a mudança, sem fazer referência à aceitação da comunidade receptora como fator que diferencie essas ocorrências. Isso significa dizer que, para esse autor, os empréstimos ocasionam as mudanças lingüísticas dentro de uma língua, frutos simplesmente do contato entre as comunidades. Os empréstimos lingüísticos são, portanto, instrumentos através dos quais ocorrem as principais inovações numa língua alvo, havendo, para essa troca acontecer, a necessidade do contato com a língua da qual se originam os empréstimos.

Assim como os empréstimos vocabulares não integrados à língua nacional revelam-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, os vocábulos nacionais empregados com a estrutura de vocábulos estrangeiros são da mesma forma estrangeirismos para Câmara Jr. (1998, p. 111). Segundo este autor, o que caracteriza o estrangeirismo seria a ‘estranheza’ típica de vocábulo que diverge do sistema fonotático da língua portuguesa ou de sua morfologia.

Bloomfield (1933, p. 444), na mesma linha de Câmara Jr. (1998), considera ser o empréstimo lingüístico “a adoção de traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional”. Logo, ele não constrói essa relação de divergência entre os empréstimos lingüísticos e os estrangeirismos, feita por Barbosa (1990), tendo em vista que os dois representam o uso de traços diferenciados dos da língua receptora. Assim, o falante da língua alvo (língua receptora) reconhece os empréstimos por deter conhecimento a respeito de seu sistema lingüístico e eventualmente por ter algum conhecimento da língua cujo termo, ou traço lingüístico, foi tomado emprestado.

Haugen (1950, p. 212), reiterando Bloomfield (1933), conceitua empréstimo como sendo a ‘tentativa de reproduzir, numa determinada língua, padrões já existentes em outra’.

Haugen (1950), Bloomfield (1953) e Câmara Jr. (1998) não se reportam a aceitação pelos usuários como relevante para a ocorrência desse fato lingüístico, diferentemente de Barbosa (1990), apresentando-o como fruto do contato, sem discutir outras condições necessárias para a efetivação dos empréstimos.

A conceituação de empréstimo de Bloomfield (1933), Haugen (1950), Barbosa (1990) e Câmara Jr (1998) foram inexoráveis à fundamentação de nossa discussão, sendo que a distinção colocada por Barbosa (1990) entre empréstimos e estrangeirismos parece-nos ser a que mais será adequada ao que nos propomos nesse trabalho. Optamos, portanto pela designação de ‘estrangeirismos’ às ocorrências por nós analisadas, cientes de que estes são empréstimos lingüísticos fruto do contato entre línguas.

Na próxima seção tentaremos suscitar a reflexão a respeito da motivação dos empréstimos, procurando aprofundar um pouco mais a discussão sobre essa ocorrência cada vez mais comum na contemporaneidade.

1.3.2.1 Motivação para empréstimos

Segundo Dubois (2004, p. 209),

Há *empréstimo lingüístico* quando um falar A acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou o traço emprestado são por sua vez, chamados de empréstimos. O empréstimo é fenômeno sociolingüístico mais importante em todos os contatos de línguas.

Ou seja, uma língua toma emprestada(o) de outra uma unidade ou um traço lingüístico por não tê-lo(la), em não havendo se caracteriza a necessidade lingüística da comunidade receptora. Essa necessidade de uso no cotidiano dos falantes pode ocorrer em razão da inserção de um objeto, produto tecnológico ainda novo, em uma comunidade lingüística ou por qualquer outra razão que envolva a influência de uma sobre a outra. Ora, se o falar A, tomando os termos de Dubois (2004) ao referir-se a língua, não possuía a unidade lingüística e a toma emprestada de um falar B, caracteriza-se a lacuna no léxico deste último, e por conseqüência, a necessidade lingüística. Não havendo essa lacuna, não haveria necessidade de empréstimo de um falar qualquer. A partir da afirmação de Dubois podemos afirmar que há a necessidade de uma lacuna no léxico da língua alvo para que um

termo possa vir a ser assimilado pelos usuários como empréstimo, servindo assim como ‘enriquecimento’ lexical da comunidade lingüística receptora.

Dubois (2004), portanto, acrescenta a essa discussão um elemento novo: a necessidade, embora não lance mão desse vocábulo explicitamente. Enquanto Haugen (1950), Bloomfield (1933) e Câmara Jr. (1998), em suas conceituações, expõem o fato como responsável pelas novidades vocabulares em uma língua, Dubois (2004) afirma que para que isso chegue a ocorrer deve haver uma lacuna no léxico da comunidade receptora.

Ainda segundo Dubois (2004), empréstimo é o fenômeno sociolingüístico mais importante em todos os contatos de línguas. Essa afirmação levanta o questionamento de que tipo de contato há, entre o português e o inglês, no Acre que justifique presença tão significativa de anglicismos, considerando, como declaramos antes, fazerem fronteiras conosco somente comunidades de língua espanhola.

Langacker (1972, p. 186), em contraposição a Dubois (2004), ao discutir a questão dos empréstimos afirma que:

O empréstimo é um fenômeno muito comum. Provavelmente nenhuma língua cujos falantes tenham tido contato com qualquer outra está completamente livre de formas emprestadas. Entretanto, as línguas diferem radicalmente com relação à proporção de unidades lexicais em seus vocabulários que podem ser atribuídos a empréstimos. (...) As razões pelas quais as línguas diferem em quantidade de empréstimos são sem dúvida mais históricas e culturais do que lingüísticas. O empréstimo não é nunca uma necessidade lingüística, visto ser sempre possível ampliar e modificar o uso das unidades lexicais existentes para fazer face às novas necessidades de comunicação.

Não há necessidade lingüística de emprestarmos da língua inglesa, por exemplo, o **Mister** como pronome de tratamento, pelo fato de termos o vocábulo **Senhor** que exerce a função com efetividade, porém, desconhecemos qualquer concurso de beleza que não intitule o (a) premiado (a) como **Mister/Miss** no Brasil. O uso desse vocábulo está limitado aos âmbitos em que a beleza é discutida. Entende-se por belo, modelo de beleza alguém a quem se refira acrescentando o **Miss** ou **Mister** anteposto ao nome, bastando esse acréscimo para o receptor compreender que está sendo elogiado, seja num concurso de beleza ou numa conversa informal, denotando não só beleza, mas porte ou talhe real. O empréstimo, portanto, ocorreria não pela lacuna existente no léxico do falar brasileiro, mas por *razões históricas e culturais*. As mesmas razões que nos levam a nem pensar na possibilidade de criarmos novos termos coerentes às inovações que o desenvolvimento da sociedade nos coloca. Langacker (1972) usa o advérbio de tempo *nunca* para enfatizar que

as necessidades lingüísticas de uma comunidade poderiam suscitar a criação de termos e não somente estimular empréstimos lingüísticos. Não nos seria possível criar um termo para *dispenser* de água, hoje disponível em portas de alguns refrigeradores? Ao emprestarmos, o fazemos não de qualquer comunidade. Os empréstimos poderiam vir de outra comunidade lingüística que não a de língua inglesa. Porém,

A língua inglesa é a língua dos povos invictos, o que naturalmente não é o caso nem do francês, nem do alemão, nem do russo [...] é a língua da riqueza, dos homens que são seguros de si e que podem ser tomados como modelo, sem deixar de ser a língua do não-conformismo e da liberdade de espírito [...] O inglês se impõe como a língua da inovação. (RAJAGOPALAN, 2005, p. 15-23).

Os fatos históricos acabaram por fixar em nossas memórias discursivas a relação entre a trajetória bem-sucedida de um povo e sua língua. Sendo a língua dos vitoriosos a inglesa, nada mais ‘natural’ que preferirmos os termos anglófonos para emprestarmos de forma a integrarem nosso dia-a-dia embora haja a presença de outros estrangeirismos no nosso vocabulário como os africanismos. Sabemos, por exemplo, o que significa o vocábulo *cachaça* e a maioria dos usuários da língua portuguesa considera-o como de origem portuguesa, no entanto, esse termo que hoje integra nosso léxico tem origem africana. Rajagopalan (2005) acrescenta à nossa discussão, com a afirmação acima, que o empréstimo lingüístico segue a tendência de afirmação, por um povo, de sua força e imponência. O que reitera a afirmação feita por Langacker (1972), de que nunca há uma real necessidade lingüística dessas ocorrências entre as línguas.

Podemos perceber que, no caso de empréstimos oriundos de países não-anglófonos advindos para preencher uma possível lacuna em nosso léxico, há a aclimação da palavra enquanto que a maioria dos anglicismos mantém a grafia e, por vezes, a pronúncia é intencionalmente mantida. Vejamos como exemplo, um termo corriqueiramente utilizado no mundo da moda – **Top Model**. Esse termo está tão intrinsecamente relacionado ao mundo dos desfiles e modelos com cachês exorbitantes, que a tradução, até então impensada, parece soar como diminuição do glamour aureolar que envolve tudo relativo a esse universo. Ao tomarmos emprestados os vocábulos das comunidades anglófonas implicitamente quereríamos tomar emprestado, tornando nossas, concomitantemente as vitórias e conquistas nos campos científicos e militares do chamado ‘primeiro mundo’ que tem a comunidade anglófona como mais poderosa.

Garcez & Zilles (2002) afirmam que a decisão quanto à legitimidade de um empréstimo como digno de uso prestigioso passa pelo consenso tácito de toda a comunidade, em consonância com Barbosa (1990). Se assim não o fosse, tais escolhas não seriam feitas. Se houvesse fraqueza de sentido para a comunidade lingüística que toma os empréstimos, a preferência por anglicismos já há algum tempo, teria, pela força da lei, sido dizimada do ecossistema lingüístico dos estados da federação, pois há legisladores, que acreditando na força da lei para dirimir os empréstimos lingüísticos entre os brasileiros, redigiram proposta de supressão desses usos, sendo inclusive aprovada.

1.3.2.2 Intervenção legal na língua

Foi aprovada no Brasil em agosto de 2003 uma lei contra os estrangeirismos, motivada pela abundância de anglicismos detectada pelo então deputado Aldo Rebelo do PC do B. De acordo com a lei:

Art. 3º. É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano, nos seguintes domínios socioculturais:

- I - no ensino e na aprendizagem;
- II - no trabalho;
- III - nas relações jurídicas;
- IV - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica oficial;
- V - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica em eventos públicos nacionais;
- VI - nos meios de comunicação de massa;
- VII - na produção e no consumo de bens, produtos e serviços;
- VIII - na publicidade de bens, produtos e serviços. [...]

Art. 4º. Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei. [...]

Art. 5º. Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência. (Projeto de Lei no. 1676/99).

Aldo Rebelo justifica o projeto de lei argumentando ser em prol da promoção, defesa e o uso da língua portuguesa em todo o país. No intuito de proteger a identidade e a unidade nacional, a lei coloca proibições de uso de estrangeirismos, prevendo a criação de uma comissão de especialistas para criarem um glossário de termos em língua portuguesa que sejam correspondentes aos termos das inovações tecnológicas importadas.

A respeito da “pureza” de nossa língua tão “patrioticamente” defendida pelo deputado, convém lembrarmos que é um tanto questionável. Uma língua pode ser rotulada como pura se tiver uma fonte única.

Não é o latim a fonte única do nosso léxico, e concebe-se facilmente porquê. Um povo não vive isolado, segregado de todos os outros povos do mundo: tem contacto com alguns deles, e relações, de várias espécies, com quase todos. Foi o que sucedeu ao latim no tempo antigo, e depois continuou a suceder quando, já diferenciado em português, arrancou vôo da ‘ocidental praia lusitana’ e foi pousar e expandir-se em África, Ásia, América e Oceania. (SILVEIRA, 1983, p. 21)

Se desde os primórdios, bem antes da famigerada globalização, a língua portuguesa sempre acolheu os termos emprestados de outras línguas com as quais os falantes tinham contato, não há motivos para entendermos que ela tenha, a partir de uma lei, uma atitude diferente na contemporaneidade.

A aprovação desse projeto de lei implica que os senadores brasileiros crêem na efetividade de uma legislação sobre a língua de um povo. Embora se tenha discutido bastante quanto à legitimidade dessas proibições, e a lei tenha sido aprovada há quatro anos atrás, percebemos que o uso de estrangeirismos, com preferência pelos anglicismos, vigora em todo o país a revelia do que estabeleceu a legislação aprovada a respeito. A presença da língua inglesa continua forte. É difícil, mesmo em uma curta viagem de ônibus pela cidade de Rio Branco, por exemplo, não nos depararmos com ocorrências como “**Say no to Drugs**” (Diga não às drogas) nos mais diversos espaços – em adesivos nos cadernos de estudantes, em frases ou expressões em camisetas, nos *jeans*. Talvez fosse o caso de afirmar que os anglicismos se disseminam mais a cada ano, fortalecendo o pensamento de que jamais será o legislativo quem regerá os rumos que a língua portuguesa tomará no Brasil ou em qualquer lugar do planeta. A respeito dessa discussão, afirma Sírio Possenti (2002, p. 168),

[...] trata-se tanto de cultivar a língua portuguesa quanto de punir usuários de termos estrangeiros em certas circunstâncias. Gostaria que o projeto produzisse como efeito a descoberta do óbvio: que, para proteger de fato nossa língua, temos que tornar nossa economia poderosa e nossa cultura tão charmosa que nenhuma outra nos tente.

Essa questão deixou de ser interessante à mídia¹⁹. No entanto, seu retorno se constituiria em debate profícuo, uma vez que colocaria no centro da discussão os porquês da ineficiência de uma legislação que visou à interferência na língua. Quando voltamos ao período entre a data de aprovação da Lei até o corrente, percebemos que a *identidade alienígena* (GARCEZ, 2002) se torna cada vez mais presente em nosso cotidiano e é incorporada sem qualquer estranheza. Portanto, concluímos que políticas que visem à proteção de nossa língua portuguesa não se efetivaram por proibições legais. Essa proteção passa pela necessidade de políticas que levem à melhoria da auto-estima do povo brasileiro. Somente com acesso a melhores condições financeiras, ao direito à saúde, a uma educação de qualidade e distribuição de renda mais equitativa, o usuário identificará sua língua como algo a preservar, uma vez que a mesma é reflexo da sociedade.

Mesmo não sendo a única razão para a incorporação de estrangeirismos, podemos afirmar que, enquanto esses fatores de nossa sociedade não se alterarem, a cultura do outro vai nos atrair e continuaremos tomando emprestado termos da língua de um povo que a indústria cultural nos vende como sendo modelo de sociedade. Embora essa não seja a única razão da presença de estrangeirismos lingüísticos em uma comunidade, é uma razão pertinente e que não poderia ser desconsiderada nessa discussão.

O tomar emprestado tais elementos pode transformar nossa língua. Lyons (1987) confirma a afirmação de outros estudiosos desse fenômeno (LANGACKER, 1972; CÂMARA JR., 1998; BLOOMFIELD, 1933 e HAUGEN, 1950) de que os empréstimos lingüísticos se apresentam como fator importante para a mudança lingüística; contudo nossa análise, de caráter sincrônico, não tem a pretensão de prever possíveis mudanças lingüísticas causadas pelos freqüentes anglicismos difundidos no ecossistema lingüístico da cidade.

Veremos alguns exemplos que podem ser vislumbrados como passíveis de ocasionarem mudanças lingüísticas em comunidades falantes da língua portuguesa, no capítulo de análise e na listagem das ocorrências em anexo.

¹⁹ Em dezembro do ano de 2007, foram veiculados na mídia nacional os limites exigidos pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara para o uso de estrangeirismos, implicando inclusive em multas, aplicadas pelo PROCON, caso não fossem obedecidas as traduções obrigatórias junto aos mesmos. A ausência de uma tradução se caracterizaria como um desrespeito ao consumidor. Nem assim houve qualquer alteração de uso destes termos no Brasil.

1.3.3 Anglicismos

Anglicismos são empréstimos lingüísticos oriundos da língua inglesa, sejam estes empréstimos flagráveis no nível lexical, sintático ou fonológico.

Ao sermos apresentados a novas tecnologias não é raro, junto com o conhecimento e/ou aquisição do objeto, vir uma palavra nova aos nossos ouvidos assim como é novidade o produto apresentado. Invenções necessitam ser batizadas e os genitores normalmente escolhem o nome pelo qual tal ‘filho’ será chamado. Como é mais fácil simplesmente chamar pelo nome com que foi batizado do que renomear o produto em questão, não adquirimos somente objetos, mas também os termos que os designam. Listemos alguns exemplos: o *pen drive* (gravador de arquivos possibilitando a mobilidade dos mesmos de um computador a outro), o *mouse* (auxiliar na seleção de textos em edição ou na ativação de algum aplicativo no computador). Além de palavras também tomamos emprestado construções sintáticas como a posição do modificador em língua inglesa.

Nossos dados revelaram, por exemplo, que na hora de escolher o nome de um estabelecimento comercial ou o nome de um serviço que se presta à comunidade acreana, na maioria das vezes o proprietário do estabelecimento prefere trocar a posição canônica do modificador na língua portuguesa pela de língua inglesa. Essa troca chega a passar despercebida para muitos que não a vêem como exemplos de anglicismos em nomes-fantasia como: **Fortal Confeções** ou **Pedro Cabeleireiro**.

Na primeira ocorrência há ausência de concordância de número. O modificado exigiria em português a mesma flexão de número no modificador, enquanto que em língua inglesa o modificador não se flexiona. Na língua portuguesa seria correto dizer Confeções Fortais, pois nessa construção o modificador está posposto ao termo modificado e flexionado quanto ao número em concordância com o mesmo, sendo possível ainda Confeções de Fortal, indicando a origem das confeções, ambas possibilidades descartadas pelo que optara pelo nome do estabelecimento supracitado.

Retomando Dubois (2004) é relevante lembrar serem os empréstimos lingüísticos fruto do contato entre línguas. Embora haja uma aura de inconcretude que cerca tudo o que se refere à linguagem, a relação interação-troca-mudança remete ao que ocorre com qualquer ser vivo em *habitat* diferente do seu. O contato geográfico oportuniza trocas que culminam no surgimento de termos novos nos dois sistemas lingüísticos.

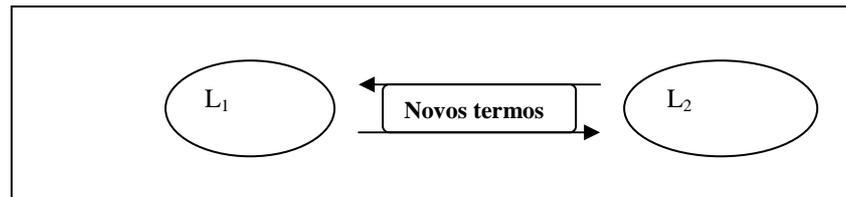


Ilustração 4 – Conseqüência do contato entre línguas.

No entanto, o contato cultural costuma oportunizar empréstimos de forma diferente, normalmente nesses casos a quantidade de vocábulos tomados emprestados de uma comunidade lingüística tem forte relação com o poder econômico com o qual esta se apresenta diante da outra. Desse modo a comunidade lingüística vista como mais forte, mais poderosa, mais capaz e, conseqüentemente, mais atraente, será a maior fonte de empréstimo mesmo havendo contato com outras, como aconteceu com a língua inglesa no período de 1100 a 1500, correspondente ao *Middle English* (Inglês Médio) com forte presença e influência da língua francesa.

Muito vocabulário novo foi incorporado com a introdução de novos conceitos administrativos, políticos e sociais, para os quais não havia equivalentes em inglês. Em alguns casos, entretanto, já existiam palavras de origem germânica, as quais, ou acabaram desaparecendo, ou passaram a coexistir com os equivalentes de origem francesa, em princípio como sinônimos, mas, com o tempo, adquirindo conotações diferentes. (SCHÜTZ, 2007)

Se considerarmos **pig** e **pork**, por exemplo, dois termos atualmente integrantes da língua inglesa para designar **porco**, sendo o primeiro de origem anglo-saxônica e o segundo de origem francesa, teremos um exemplo do que oportuniza o contato cultural. Embora os dois termos designem **porco** tratam de coisas distintas; **pig** designa o animal porco; **pork**, no entanto, é o termo a designar a carne de porco destinada para a alimentação; diferença que distingue qual entre os dois povos (anglo-saxônico ou francês) estava a cuidar dos animais e qual estava a ser servido destes no período em que as duas palavras começaram a integrar um único léxico.

Um falante de qualquer comunidade lingüística ao interagir com usuários de outros sistemas lingüísticos necessariamente estabelece trocas que podem ocasionar mudanças inclusive comportamentais que influenciem as gerações seguintes transformando-as. Tomamos emprestado num tácito desejo de nos assemelharmos – ou porventura tomar-lhes o lugar – àqueles cujo poder almejamos por considerá-los superiores a nós. Nossa luta pela sobrevivência está no cerne. Se tivermos mais poder e não houver

superiores a nós, somente iguais, nossa ‘vida’, em tese, estaria mais prolongada, pelo menos não teria ameaça direta.

O fascínio que exerce sobre nós a língua dos países economicamente fortes se materializa sempre que almejamos expressar poder, estilo, sofisticação e modernidade. Tal fascinação não surge de uma natural superioridade dos povos destas nações, mas fora produzida historicamente em todas as formas não-suaves de colonização e de construção de uma nação.

Em relação a esse fascínio Paiva (1996, p. 24) constata que

O inglês estampado pelas ruas das grandes cidades constitui-se num dialeto comercial próprio do povo brasileiro. O caso genitivo, por exemplo, virou índice de bar e lanchonete, pois é nos nomes desses estabelecimentos que vamos encontrar uma maior ocorrência de ‘s, mesmo que tal uso viole as regras da gramática inglesa.

Devido ao deslumbramento do povo brasileiro a essa língua – e o que ela representa no imaginário coletivo – sua incorporação no linguajar acontece de tal forma que produz anglicismos que talvez não possamos encontrar em outros países onde não há essa postura de inferioridade em relação a cultural inglesa. Nisto consiste a afirmação de Paiva (1996). O que registramos na paisagem lingüística dos bairros selecionados para o registro das ocorrências constitui um “dialeto comercial próprio do povo brasileiro”. Nas ocorrências apresentadas é irrefutável a hibridização das duas línguas e é quase impossível inferir o significado do que se quis dizer sem utilizar os dois sistemas lingüísticos envolvidos na produção das mesmas.

O Acre, embora considerado afastado dos grandes “centros culturais”, reproduz essa tendência nacional criando termos híbridos em todos os sentidos. As criações acreanas demonstram que os criadores desses novos termos detêm algum conhecimento da estrutura da língua inglesa, caracterizando o vocábulo como anglicismo pelo acréscimo de um único elemento estrangeiro, sem, no entanto ser vocábulo da língua inglesa. *Stilo Magazine*, por exemplo, é fruto de algum prévio conhecimento da gramática da língua inglesa. Em inglês, o vocábulo que inicia o nome do estabelecimento, se escreve: *Style*; enquanto em português, o termo é **estilo**. A supressão da vogal acaba por deixar o início desse termo como um encontro consonantal próprio à língua inglesa. A língua portuguesa não tem esse encontro consonantal em início de sílaba, aliás, em qualquer posição o encontro em português é impróprio: “s” pertence à sílaba anterior e o “t” à seguinte (es-ti-lo).

As críticas em relação a esses usos se repetem a cada nova criação. Professores da área, estudiosos de língua inglesa e mesmo estudantes no ensino médio e nas universidades costumam condenar os criadores desses vocábulos. Com receio de serem apontados como ignorantes, os mesmos negam que a expressão tenha estrutura de anglicismo, ou apontam outros criadores desconhecidos. Entre as razões para as inovações há inclusive os que as defendem afirmando se tratar de um ‘nome próprio’ o que confere ao proprietário do estabelecimento a liberdade de escolha e criação, sem respeito à gramática da língua inglesa ou portuguesa.

Os críticos dessas criações esquecem um detalhe relevante concernente ao uso da língua. A partir do momento em que uma língua se coloca como mecanismo utilizado na comunicação internacional se amplia a rede de usuários desta e, conseqüentemente, as possibilidades de criação embasadas na estrutura fundamental da mesma. Como observa Widdowson, “é motivo de enorme orgulho e satisfação para os falantes nativos do inglês que sua língua seja um meio internacional de comunicação. Contudo, o fato é que ela é internacional apenas na medida em que deixa de ser sua língua”. (apud RAJAGOPALAN, 2005, p. 152). A língua inglesa que hoje é estampada nos endereços mais diversos nos países do mundo é o inglês que seus usuários mundo afora criam embasados no conhecimento ao qual tiveram acesso sobre o código lingüístico almejado. A partir do que apreenderam como sendo a estrutura da língua têm seu ponto de partida para as mais diversas criações.

Segundo Rajagopalan (2005, p. 155), “o hibridismo inevitável é o preço que todo e qualquer idioma tem de pagar ao se transformar em língua franca”. Pelas ocorrências registradas na zona urbana da cidade de Rio Branco, podemos afirmar que a ‘liberdade’ lingüística²⁰ que o acreano apresenta em relação à língua inglesa pode ter sido produzida, não pela percepção dessa ‘sentença’ aplicada a uma língua que deseje se impor para a comunicação entre diferentes povos, mas simplesmente por serem tão expostos a ela que se tornara familiar demais e, portanto, os mesmos se sentem habilitados a usá-la intuitivamente como entenderem ser melhor.

O estado do Acre acompanha a tendência nacional de não se preocupar com a gramática da língua inglesa em alguns usos. A partir de um conhecimento básico da estrutura do inglês, o rio-branquense cria o que podemos designar de anglicismos acreanos.

²⁰ Nos referimos à ‘liberdade lingüística’ como sendo aquela não tolhida pela escola, de criação livre a partir do conhecimento da língua em uso, sem ocasionar ruídos na compreensão.

No entanto, não exclusivamente, pois a mesma construção pode ter sido criada em outra cidade brasileira.

Segundo Paiva (1996, p. 26)

A importação de palavras estrangeiras atende muito mais a uma necessidade simbólica de identificação com uma sociedade de grande poder político e econômico do que a necessidade de nomear novos conceitos e objetos. Como qualquer mercadoria, os empréstimos também sofrem variações de “cotação de mercado”. Aqueles que passam a ser usados pelas camadas populares são abandonados pelas elites e substituídos por outros, pois perdem o valor ao deixarem de se caracterizar como propriedade privada das classes privilegiadas.

Apesar de sermos considerados como um povo que se orgulha de pertencer a este estado, cuja história oficial está repleta da coragem e determinação de nossos antepassados, o acreano quer assemelhar-se em poder e grandeza a comunidade anglófona. Esse desejo de semelhança termina por conduzir a desvalorização de costumes considerados acreanos. Usamos o termo ‘considerados’ pelo fato de nossa cultura não ser advinda exclusivamente do elemento autóctone presente nas terras acreanas quando da chegada de migrantes, mas ser fruto do intercâmbio entre outras culturas e costumes trazidos pelos que ‘colonizaram’ esta terra, assim como todas as outras dessa nação. O fato é que, embora o acreano queira deixar claro suas origens, demonstra uma valoração inquestionada do que sejam os costumes e valores do estrangeiro.

A reprodução de costumes dessa comunidade possibilita um falso sentimento de pertencimento – desejado pelos integrantes do Terceiro Mundo. Aquele repete os hábitos de um povo, ou cultura a que teve acesso, tendo a impressão de fazer parte desta de alguma forma, ainda que apenas por identificação.

1.4 Estrangeiros sim, estranhos não

Os anglicismos estão presentes em Rio Branco como presença estrangeira, mas não como presença estranha. Uma evidência em favor dessa afirmação pode ser encontrada, por exemplo, na análise do hibridismo lingüístico entre traços do PB e da LI que é possível perceber em algumas fachadas de estabelecimentos comerciais, principalmente. Essa hibridização lingüística denota uma familiaridade com o sistema lingüístico do qual se toma o empréstimo, que são estrangeirismos não aclimatados, mas não como totais estranhos a nós. Essa familiaridade era possível para nossos antepassados

apenas com os povos geograficamente próximos, como os peruanos e bolivianos, países cuja língua materna é o espanhol. A proximidade que aparentemente levaria a um número inevitavelmente grande de espanholismos no estado não o fez no passado e nem sequer no presente. Embora hoje tenhamos muito mais facilidade do que nossos antepassados para transitar na fronteira Brasil-Bolívia, o acreano contemporâneo pouco ou quase nada se interessa pela língua dos bolivianos, que não lhes parece atraente. A maioria se dirige ao país vizinho em busca dos eletrônicos a preço razoável como os *laptops*, e não para enriquecimento cultural, embora este ocorra e as relações interpessoais se estabeleçam. Se comprador e vendedor se entendem é o que basta, e os brasileiros que até lá vão voltam felizes, com sacolas cheias, às vezes até com algum troco, mas sem qualquer empréstimo lingüístico que passe a integrar seu léxico. A cultura do povo que lhes fornece produtos tão em conta não o atrai. Pelo fato da proximidade geográfica facilitar o contato entre as duas comunidades lingüísticas seria lógico encontrarmos muitos espanholismos em nosso ecossistema, mas não é isso que registramos. Por isso mesmo vemos, nesse exemplo, que questões como fronteiras e espaço-tempo foram alteradas de forma significativa na contemporaneidade, de modo que nem sempre o que está mais fisicamente próximo é o único com o qual estabelecemos mais relações.

A pós-modernidade nos trouxe uma realidade diferente na questão das fronteiras. Parafraseando Hall (2004, p. 79-80), na era das comunicações globais, o estrangeiro está situado apenas à distancia de uma passagem aérea ou mesmo terrestre. A comunidade acreana residente em Rio Branco não se exclui dessa geografia. Tomemos a afirmação do autor sobre as identidades pós-modernas:

Por outro lado, as sociedades da periferia têm estado *sempre* abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A idéia de que esses são lugares “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”.

Embora muitos brasileiros ainda tenham uma imagem do Acre como lugar periférico, afastado dos lugares onde tudo acontece, como se nada relevante aqui ocorresse, e fôssemos apenas o espaço do exótico, o estado tem as mesmas aspirações que os demais da federação. Na realidade, somos considerados uma sociedade da periferia do Brasil. Mesmo que esse pensamento fosse a síntese dos fatos sobre o Acre, uma verdade é que estamos abertos às mesmas influências culturais a que os outros brasileiros estão. Afinal,

as tecnologias midiáticas globalizantes ampliam o acesso a diversas culturas possibilitando o contato cultural, responsável, por exemplo, pelos empréstimos lingüísticos que utilizamos. A difusão de quantidade tão representativa de anglicismos, detectada através das ocorrências registradas para a pesquisa são uma mostra de que, no mundo pós-moderno, o espaço das fronteiras diferenciou-se.

Bhabha (2005, p. 301) falando sobre o espaço e a identidade pós-modernos afirma:

O que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciais: a regulação e negociação daqueles espaços que estão continuamente, *contingencialmente*²¹, se abrindo, *retraçando as fronteiras*²², expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero ou raça (destaques no original).

As fronteiras pós-modernas não se inscrevem nas mesmas linhas geográficas delimitantes da nacionalidade de um recém-nascido. O limite que seria responsável pela nacionalidade de um indivíduo, na atualidade, não nos parece tão delimitado e firme. De fato, fazemos fronteiras com Peru e Bolívia, países de língua espanhola, o que, no entanto não significa dizer que não estejamos em maior contato com outras culturas ou ainda que a maioria dos empréstimos lingüísticos sejam espanholismos.

Por outro lado, embora haja essa aparentemente irreversível fusão de culturas, há um desejo, não menos intenso, de diferenciação. O Acre vive ainda um momento político de resgate de sua história, seu passado, seus heróis. Há um desejo de reavivar ou estabelecer na memória do povo acreano a coragem e a altivez dos revolucionários. Logo, o acreano pode ser inserido na categoria dos povos pós-modernos que, segundo Bhabha (2005, p. 308),

(...) estão divididos entre um atavismo “nativista”, até nacionalista, e uma assimilação metropolitana pós-colonial, o sujeito da diferença cultural torna-se um problema que Walter Benjamin descreveu como a irresolução, ou liminaridade da “tradução”, o elemento de resistência no processo de transformação, “aquele elemento em uma tradução que não se presta a ser traduzido”.

Assim, da mesma forma com que almejamos o poder do Outro, do estrangeiro, também orgulhamo-nos da nossa acreanidade, da história tecida por nossos antepassados

²¹ Grifo do autor.

²² Grifo nosso.

com a pretensa altivez narrada pelos documentos históricos oficiais do estado. O estrangeiro, com quem nos encontramos diariamente, já não nos é estranho, há uma aura de familiaridade imposta pela globalização à qual a tecnologia midiática nos conduz de maneira incisiva. Na verdade, podemos afirmar que, ao lançar o olhar num espelho, gostaríamos de ver refletidos o poder e força até então tão naturais às comunidades anglófonas, mas sem deixar nosso perfil acreano se apagar, posto que também está sendo construído de modo a sugerir coragem, força e determinação.

A respeito da construção do que seja uma ‘identidade acreana’ discutiremos a relevância do estrangeiro – nesse estudo, através dos anglicismos – como presença conflitante, mas também como condição *sine qua non* a autocompreensão dessa identidade não se torna plenamente possível. Se chegarmos à conclusão de que existe uma identidade acreana esta será embasada pelo confronto com o estrangeiro, espelho único diante do qual é factível a diferenciação do ‘eu’ e do ‘outro’.

Negligenciar a linguagem nesta questão é ato de irresponsabilidade lingüística. A análise lingüística dos anglicismos coletados no ecossistema lingüístico em questão, apresentada no segundo capítulo, nos fornecerá subsídios necessários à conclusão do que seja a identidade acreana e a influência da linguagem para que ela se estabeleça ou não.

Discutiremos a relação língua e identidade sobre a égide do conceito de identidade de Hall, Bhabha e os conceitos de língua e sujeito levantados por Bakhtin, por entendermos

que a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 1997, p. 95).

Embora haja neutralidade na palavra, também é ela o fenômeno ideológico por excelência (BAKHTIN, 1997). Ainda segundo o autor russo (1997, p. 36) “a realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo, sendo que sua neutralidade consiste no fato de poder preencher qualquer outra função ideológica: estética, científica, moral, religiosa,(...)”. Ou seja, se hoje a palavra *pen drive* está relacionada com desenvolvimento tecnológico pode, a depender do uso que os grupos sociais, as comunidades, vierem a fazer dela, passar a ter relação com qualquer outra coisa, pois estas relações são estabelecidas socialmente, não sendo elemento intrínseco à palavra. Logo, os anglicismos presentes no ecossistema lingüístico de Rio Branco têm muito a ver com nossa identidade, pois se as palavras às quais reagimos são apenas as que despertam em nós ressonâncias ideológicas

ou concernentes à vida, estas palavras têm muito a dizer sobre quem somos e como somos no mundo, ou seja, qual nossa identidade. Se os anglicismos não causassem em nós uma reação forte e positiva, um encantamento, não haveria tanta facilidade de nos encontrarmos com eles em nosso cotidiano no Acre. Por conseqüência, analisar as ocorrências principalmente as que são fruto da criatividade lingüística, pode auxiliar em muito aos pesquisadores da identidade acreana para encontrar vestígios do que signifique ser essa identidade para o acreano.

Essas questões serão aprofundadas no decorrer do trabalho.

2 ANGLICISMOS NA PAISAGEM LINGÜÍSTICA DE RIO BRANCO

2.1 O tempo e o espaço

A coleta de dados foi feita por meio fotográfico na paisagem lingüística de Rio Branco, capital do Estado do Acre, nos bairros: Centro, Bosque e Calafate. Durante o período de fevereiro de 2006 até dezembro de 2007 estivemos semanalmente nos bairros com o intuito de coletar ocorrências e ainda verificar quaisquer alterações, nos registros feitos anteriormente. O ato de pedir permissão para fotografar a parte externa dos estabelecimentos em que encontrávamos ocorrência de anglicismos, foi um momento em que encontramos algumas dificuldades. Todos os proprietários de estabelecimentos, cujas fachadas exibiam anglicismos, não se mostravam receptivos ao registro fotográfico, chegando a se justificar afirmando que a escolha havia sido feita por outra pessoa que não estava por perto na ocasião.

Embora grande parte desse *corpus* seja oriunda de fachadas de comércios, ele também se constitui de anglicismos encontrados em cartazes, faixas, carros e demais espaços de comunicação social. Assim, os estrangeirismos analisados nesse capítulo querem exclusivamente servir de embasamento para a discussão de qual seja o perfil identitário do povo acreano. Fica, então, para uma outra oportunidade a análise de uma estratificação social a partir da localização dos usos e do possível público que se queira ou não atrair ou convencer com a preferência por anglicismos. Propomo-nos, portanto, alicerçados nessa análise, responder questões como: Existiria uma acreanidade? Em caso de resposta afirmativa, o que a caracterizaria?

Entendemos ser, este tipo de objeto de análise, um especial instrumento no qual podemos encontrar as respostas para essas nossas perguntas, embasados em Freitas (2006, p. 241) quando afirma que “todo ato de nomear dá-se sempre no bojo de uma política de representação que, por sua vez, está diretamente relacionada com o processo de construção de identidade”. Se um cidadão acreano abre uma firma²³, constrói um estabelecimento comercial, ele se esmera na escolha de um nome que o designe. E se acaba optando por um anglicismo, a discussão sobre essa escolha vai ao encontro com a questão da identificação desse indivíduo, assim como ao de sua comunidade lingüística, tendo em vista que ele é um componente de uma sociedade com a qual compartilha uma série de valores. Esta série de valores é que determinarão, na verdade, nossas escolhas, muito embora não tenhamos sempre consciência de quais valores nos conduziram à opção a qual chegamos. Logo, analisar a escolha feita significa poder ler, através da mesma os valores que a determinaram. Retomemos, para corroborar nossa assertiva, Freitas (2006, p. 249)

Se considerarmos que a nomeação carrega em seu próprio ato a questão da avaliação (cf. RAJAGOPALAN, 2000, 2003), temos de admitir que nossas escolhas têm um caráter político e, dessa forma, uma implicação ética; pois o próprio ato de nomear já se constitui numa política de representação que adotamos, construímos (e reconstruímos) conceitos que acabam se tornando naturalizados, [...]

A escolha dos usuários acontece dentro de uma arena de lutas em que uma série de significados, (re)afirmados e (re)construídos socialmente, é que acabam por determinar a preferência por um termo ou nome em detrimento de outro. Uma escolha por si só já é bastante significativa ao representar valores e conceitos constituintes da identidade daquele que a efetivou. A opção feita nesse contexto, portanto, pode auxiliar no trabalho de delimitação do perfil identitário da sociedade na qual ela se materializou, por se tratar de indício claro dos valores imbricados na escolha que se dá também a partir do outro. Para respaldar nossa opção de análise, recorramos a Bakhtin (1997, p. 113),

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.

²³ Aqueles que trabalham no mercado informal não foram excluídos dessa coleta de dados, pois encontramos a presença de anglicismos tanto em construções pomposas como nas mais simples.

A seleção de uma palavra passa necessariamente, em nossa consciência individual, pelo questionamento de a quem ela será transmitida. Não usamos as mesmas palavras para o chefe de nossa seção, para um amigo, ou para um vizinho. Ao proferir uma apresentação oral, a primeira pergunta que nos fazemos antes de prepará-la é a qual público vamos nos dirigir.

Bakhtin (1997, p. 112) trata desse tema quando discute a questão da situação social mais imediata como relevante na determinação da enunciação. Diz o autor que “na maior parte dos casos é preciso supor, além disso, um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”.

O perfil da platéia ou público ao qual nos dirigimos normalmente delinea a apresentação podendo chegar ao ponto de um mesmo tema, com as mesmas palavras, ter características performáticas bastante diversas em dois públicos distintos.

O mesmo ocorre ao pronunciarmos qualquer vocábulo, inclusive um anglófono. Se estamos falando de um estado brasileiro, o Acre, portanto, podemos afirmar que a motivação que leva indivíduos acreanos a preferir anglicismos, também se dá a partir do pressuposto de que essa escolha está ancorada por uma série de valores dentro do horizonte sócio temporal no qual se encontram. Os vocábulos, mesmo que apenas com feições anglófonas, são preferidos em detrimento de um do PB nesse contexto. Ao optar por tais vocábulos, o usuário tem consciência da força que têm em sua comunidade e que o impacto causado é maior do que qualquer jogo de palavras lusófonas. Se o outro, pertencente à mesma comunidade lingüística, não o aceitasse, e não tivesse em sua consciência individual o mesmo conceito em relação a esses vocábulos, eles não teriam espaço em seu ecossistema lingüístico.

Para que exista uma ponte é necessário o apoio dos dois lados da margem de um rio, caso um desses lados não forneça esse apoio a comunicação não se concretiza. Se o anglicismo como palavra, que é ponte, não tivesse o apoio, aceitação do outro – receptor/replicador, não haveria espaço para sua presença-agência nesta sociedade transitar livremente.

O que acabamos por naturalizar com tais escolhas é, a bem da verdade, a valoração delas que foi internalizada em nossa comunidade através da indústria cultural²⁴. Com o uso, o valor, socialmente construído para aquele termo escolhido, se reafirma e fortifica. Se a comunidade lingüística imprime certo valor a um estrangeirismo, e os

²⁴ Especialmente em se tratando do inglês.

usuários, em total aquiescência, lançam mão desses termos com frequência, conseqüentemente eles se tornam cada vez menos ‘estranhos’ e terminam por serem incorporados de modo a fazerem parte do léxico dessa comunidade. Um bom exemplo é o que tem acontecido aos termos oriundos da área computacional.

Por estarmos tratando aqui especificamente da presença de anglicismos em uma cidade brasileira, convém discutirmos as duas línguas em contato: o inglês e o português, de modo que possamos confrontar diferenças e semelhanças. Assim, trataremos desses pontos nas próximas páginas.

2.2 Semelhanças e diferenças

Nas subseções que se seguem nos propomos a introduzir, em nossa análise lingüística dos anglicismos encontrados na paisagem lingüística de Rio Branco, as semelhanças e diferenças que podemos elencar entre as duas línguas em contato: a receptora - o português brasileiro e a fonte – o inglês, sem definirmos ser o inglês americano ou britânico, por não haver entre as ocorrências qualquer elemento comprobatório da preferência por um ou outro pelos usuários.

O que de fato podemos afirmar é que o usuário do PB detém certo conhecimento do sistema lingüístico anglófono no geral, que o habilita de uma certa ‘liberdade’²⁵ para a utilização dos empréstimos oriundos desse sistema.

Embora, à primeira vista, possam parecer questões não pertinentes em análises da língua escrita, decidimos iniciar a exposição das semelhanças e diferenças entre as duas línguas, tendo como ponto de partida a sonoridade e o ritmo. Essa opção se ancora, nesse contexto, na análise de que tanto um quanto outro (sonoridade e ritmo) têm nas sílabas um elemento relevante para sua produção. Ao percebermos que uma das preferências dos usuários é a troca da estrutura silábica inicial e final das palavras em português, de maneira que essas sejam anglicizadas, como veremos a seguir, não poderíamos deixar de inserir essa questão sob o risco de não imprimirmos em nosso trabalho a clareza desejada.

2.2.1 Português e inglês

A afirmação de que as línguas têm diferenças perceptíveis aos usuários de uma comunidade lingüística, desde o primeiro contato, não representa uma novidade, chegando

²⁵ Especificamente quando ‘cria’ vocábulos a partir das noções que detém a respeito desse sistema.

a ser incontestável. Se estivermos falando de português e inglês então, os falantes de língua portuguesa costumam não ter nenhuma dúvida ao declarar serem os dois sistemas lingüísticos completamente diferentes. Há falantes de português que chegam a afirmar que o anglófono fala de ‘trás pra frente’, ‘tudo ao contrário’ do que ‘fala um brasileiro’, e sempre ‘muito mais rápido’. Há usuários da língua portuguesa que apresentam aparentemente verdadeiro horror à língua inglesa justamente por a considerarem totalmente diversa da sua língua materna.

Iniciamos esse capítulo, de análise da presença de anglicismos no ecossistema lingüístico de Rio Branco, colocando os dois códigos lingüísticos - inglês e português - frente a frente.

Trataremos aqui não apenas dos contrastes, mas também das semelhanças entre as duas línguas, os elementos sintáticos, mórficos e fonológicos que sejam semelhantes nos dois sistemas lingüísticos entre os quais aparentemente só existem diferenças.

2.2.1.1 Sonoridade

O ritmo é uma das principais características de uma língua e estabelece a sonoridade dos sistemas lingüísticos. Os estudiosos das línguas classificam as mesmas em *stress-timed*(acentual) e *syllable-timed*(silábica), o primeiro termo é usado para as línguas cujo ritmo é estabelecido pela quantidade sílabas tônicas; e o segundo classifica aquelas que têm seu ritmo delineado pela quantidade de sílabas. Isso significa que duas sentenças com a mesma quantidade de palavras em línguas diferentes – e com número aproximado de sílaba por vocábulos – são produzidas em tempos totalmente diversos, de forma que a sentença da língua *stress-timed*(acentual) pareça ter menor número de palavras. As sílabas são pronunciadas de maneira razoavelmente distinta em ambos os grupos.

As duas figuras a seguir exemplificam de forma interessante e clara essa diferença entre as duas línguas.

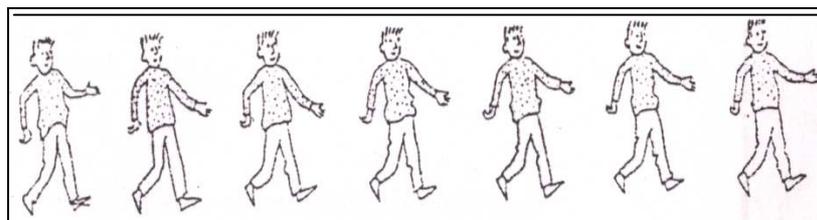


Ilustração 5 – Ritmo de língua *syllable-timed*.

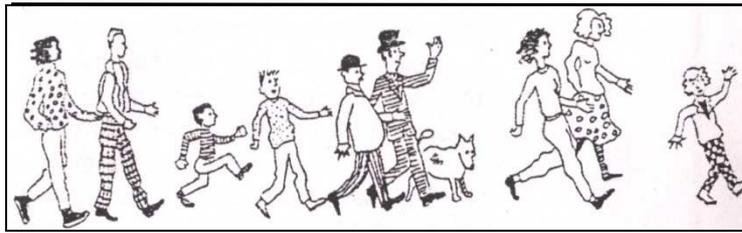


Ilustração 6 – Ritmo de língua *stress-timed*.

Ao observarmos atentamente a primeira figura podemos perceber que, embora pareça-nos não haver entre as sílabas diferentes graus de tonicidade, eles existem, porém em um grau muito menor que numa língua *stress-timed*, em que são facilmente perceptíveis. As diferentes tonicidades estão representadas pelos sutis pontinhos nas blusas das figuras que simbolizam as sílabas na ilustração 5, representante do ritmo em uma língua *syllable-timed*.

Na *stress-timed* o grau de tonicidade pode ser tão diferenciado que há sílabas quase inaudíveis, havendo ainda a possibilidade de alguma realmente nem ser pronunciada. O ritmo da fala, que é determinado pela tonicidade das sílabas cujos intervalos aparentemente ocorrem de maneira irregular, é bastante diverso de uma língua *syllable-timed*. Isso significa que o tempo que se usa para pronunciar uma frase em língua *stress-timed* dependerá da quantidade de sílabas tônicas e não da quantidade total de sílabas, como ocorre no outro grupo de sistemas lingüísticos.

Normalmente as palavras que carregam as sílabas tônicas, nas línguas *stress-timed*, são aquelas de maior conteúdo semântico, como por exemplo, os substantivos, adjetivos, advérbios. Palavras funcionais e demais sílabas atônicas são reduzidas ao máximo, ficando por vezes quase inaudíveis, como pudemos observar na ilustração 6.

As duas línguas (LI e PB), cujos vocábulos constituem nossa pesquisa, não integram o mesmo grupo rítmico. Enquanto a língua portuguesa se caracteriza como uma língua *syllable-timed* a língua inglesa é caracterizada como *stress-timed*. A diferença rítmica entre o PB e a LI é marcante e perceptível aos usuários, no entanto nossa pesquisa se restringe às ocorrências colhidas na paisagem urbana de Rio Branco. Logo, tratamos com o código escrito, em que essa distinção é pouco relevante, mas nos servirá aqui de intróito ao apontar a importância da sílaba para o ritmo e, conseqüentemente para a sonoridade de uma língua, permitindo a reflexão sobre a diferença na estrutura silábica dos sistemas anglófono e lusófono (brasileiro).

2.2.1.2 Estrutura silábica

Acabamos de perceber a importância das sílabas na produção dos ritmos de cada língua. A musicalidade é ditada pelas sílabas tônicas ou atônicas em uma língua, e na outra pela quantidade de sílabas, traços estes que distinguem dois grandes grupos de língua de acordo com o ritmo: *stress-timed* ou *syllable-timed*. Passemos então a discussão sobre a estrutura da sílaba.

Luft (1983, p. 172) conceitua a sílaba como: “Unidade fônica emitida num só impulso expiratório, e caracterizada pela presença de um centro de sílaba ou fonema silábico.” Tal proposição nos parece abrangar o conceito de sílaba de modo generalizado. Aqui nos interessa mais precisamente a estrutura silábica em LI e PB. Poderíamos perceber nesse ponto uma semelhança ou uma diferença? Seria a estrutura da sílaba a mesma nesses dois sistemas lingüísticos?

Segundo Knies & Guimarães (1989, p. 52) a ‘*sílaba* pode ser entendida como o segmento ou o conjunto de segmentos pronunciados de uma única vez, cujo núcleo, **em português**²⁶, é sempre uma vogal’. A afirmação destaca ser essa a definição de sílaba na língua portuguesa, mas essa definição é aplicável à língua inglesa, haja vista serem poucas as consoantes silábicas na LI. Vejamos o que nos diz Crystal no tocante as sílabas (2000, p. 239):

Na teoria fonológica de TRAÇOS DISTINTIVOS²⁷ proposta por CHOMSKY e Halle, o termo **silábico** é usado para substituir o termo anterior ‘vocálico’, com referência a todos os segmentos constituindo um núcleo silábico. As vogais, as líquidas e as nasais seriam [+ silábicas]; todos os outros segmentos seriam [-silábicos].

Ora, se consideramos a vogal como o núcleo desse segmento maior do que um som e menor do que uma palavra (a sílaba), podemos concluir que é possível responder as perguntas feitas no início dessa subseção com um sim e um não. Sim, pois os dois códigos lingüísticos em questão têm como centro desse segmento um som vocálico e em torno dele há a presença de consoantes. O ‘não’ devemos ao fato de que em inglês a quantidade de sons consonânticos que podem ocorrer posterior ou anteriormente a esse centro vocálico é diferente, e em se tratando de língua uma letra ou um fonema pode fazer toda a diferença.

²⁶ Grifo nosso.

²⁷ Grifo do autor.

Segundo Silva (1999, p. 171)

Pelo menos uma vogal deve ocorrer em uma sílaba bem formada do português. Se duas vogais ocorrem, uma será assilábica (glide). O glide pode preceder ou seguir a outra vogal. Temos sílabas com uma ou duas consoantes prevocálicas. Caso duas consoantes prevocálicas ocorram, a segunda deve obrigatoriamente ser uma líquida /l, r/.

A afirmação confirma ser o conceito de sílaba o mesmo nos dois sistemas, pois em LI há também a ocorrência de glide. No tocante a quantidade de consoantes possível é que temos uma divergência relevante no que se refere à estrutura das sílabas nesses dois códigos lingüísticos. O maior número de consoantes possível numa sílaba, em português, é duas, de forma que poderíamos colocar a fórmula CCVCC (C - consoante e V -Vogal) como o máximo admissível²⁸ em língua portuguesa (cf. LUFT, 1983, p. 172), como ocorre na palavra **trens**. A diferença entre as estruturas silábicas dessas duas línguas pode ser visualizada pelo quadro abaixo:

PB		LI	
CCVCC		CCCVCCC	
Iniciais	Finais	Iniciais	Finais
/pr/ /dr/ tr/	/ns/	/s/ /t/ /k/ /g/ /p/	/ns/ /ngs/ /ms/
/br/ /pl/ /bl/		/b/ /f/ /d/ /h/ /m/	/fs/ /rl/ /lb/ /lt/
		/n/ /v/	/ld/ /ŋkθs/

Ilustração 7 - Quadro dos EC iniciais e finais possíveis em PB e LI

A língua inglesa permite, no entanto, uma consoante a mais em sua estrutura silábica de forma que é possível em inglês a ocorrência de encontro consonantal - *consonant cluster*- composto por até três fonemas (CCCVCC²⁹/ CVCCC) como, por exemplo, nas palavras *sprite* [sprayt] (alma) e *jumped* [jʌmpt] (pulou). O acréscimo de uma única consoante pode parecer insignificante, mas na estrutura silábica das línguas é um diferencial importante que poderá implicar na alteração completa do que se pretende comunicar.

²⁸ Considerando a quantidade de consoantes, pois é possível a ocorrência duas vogais, sendo uma glide, o que amplia a fórmula para CCV'VCC ou para CCVV'CC, com o glide como primeira ou segunda vogal.

²⁹ É possível também a ocorrência de glide, ampliando a fórmula assim como no PB.

Na fala, o usuário do PB costuma acrescentar um som vocálico entre as consoantes que, para ele, não constituem um encontro consonantal (EC) possível, aclimatando o vocábulo ao sistema fonotático da sua língua. Tomemos por exemplo as pronúncias [ʃi'rɛk], [ʃu'rɛk] ou [ʃə'rɛk] proferidas por falantes de português no Brasil ao referir-se ao *SHREK* [ˈʃrɛk] um personagem animado da americana Walt Disney. Nesse caso o falante acrescentou um som vocálico entre sons consonânticos para que fosse facilitada a pronúncia do vocábulo que designa o personagem.

Em português os chamados 'encontros consonantais perfeitos' (ECP) - lembrando que o encontro consonantal perfeito é, segundo as gramáticas da língua portuguesa, o encontro entre duas consoantes de uma mesma sílaba - acontecem com, no máximo, duas consoantes na mesma sílaba e o número de consoantes que podem formar par considerado ECP é reduzido, de modo que eles são possíveis apenas com **r** e **l** (pr, pl, bl, br, tl, tr, dr, gl, gr, fl, fr, vr cr, cl, etc.) e encontros como **ps** nas palavras **psicologia**, **lapso**, **dv** em **advogada**, nesses, no entanto, os falantes do PB acrescentam a vogal frontal alta [i] entre as consoantes constituintes do EC.

Consideremos os ECs **ch** e **sh**. Um primeiro olhar para esses dois encontros consonantais – dígrafos – por um leigo falante de língua portuguesa, pode levar a conclusão de que são na verdade dois fonemas idênticos cuja representação fonética seria [ʃ], som pronunciado inicialmente em palavras como: **chá**, **chave**, **chuva**. No entanto, os dois encontros consonantais em língua inglesa representam cada um deles, um fonema diferente, considerando-se estarem os dois em posição inicial numa palavra – desde que a palavra em questão não seja empréstimo de outra comunidade lingüística. Tomemos, por exemplo, as palavras **chop** – “golpe”, “fatia”, “cortar”, “talhar” – com pronúncia em inglês: [ˈtʃoːp] e **shop** – “loja”, “oficina”, “fazer compras”; cuja realização fonética em inglês seria [ˈʃoːp]; podemos perceber que os sons iniciais representam fonemas distintos, a ponto de a troca de um pelo outro trocar também o sentido da palavra, sem haver qualquer alteração nos demais sons da mesma. Em língua portuguesa esses sons distintos não representam fonemas diferentes. O som [tʃ] ocorre em palavras como em **tia**, **tirano**, ou seja, quando o som **t** é seguido pela vogal alta [i]. A realização desse fonema pelo som [t] em algumas regiões do país – como no Rio Grande do Norte – não implicam, no entanto, troca de sentido, sendo perfeitamente compreensível ao brasileiro de qualquer região

quando ouve um brasileiro falar [**tia**] sem a palatalização do **t** – que torna a pronúncia em [ˈtʃia] típica de outras regiões brasileiras. Como afirma Buonamassa³⁰

Uma outra característica típica da fala nordestina é a manutenção do som [t] e [d] alveolar diante das vogais **e** e **i**. No entanto, por influência da fala do eixo considerado privilegiado Rio – São Paulo, o som alveolar evolui para palatal, diante dessas vogais. Isso foi notado, com mais ênfase, nos jovens.

O estado do Acre realiza esse som com semelhante articulação à dos rondonienses e cariocas, resguardadas as devidas diferenças que não podem ser negligenciadas. Embora palatalizemos o ‘t’ e o ‘d’ antes dessas duas vogais, temos outros elementos que caracterizam nossa fala, diferenciando-nos.

Um exemplar do que essa ausência de distinção entre os dois encontros – **sh** e **ch** – pode produzir em língua portuguesa podemos perceber no nome-fantasia de um produto produzido e comercializado na capital do estado do Acre: **Ships Bené**. O produto, vendido em embalagens plásticas transparentes, constitui-se de pequenas porções de mandioca frita, não da tradicional batata inglesa, e trazem no rótulo a ocorrência exemplificada. Há no uso desse anglicismo um fato interessante a ser analisado, caracterizando um conhecimento do falante de língua portuguesa de que esse encontro consonantal (**ch**) é recorrente na língua inglesa, contudo, também ocorrendo na língua portuguesa. Conseqüentemente, parece ser mais “inglês” escrever **chips** com **sh** - **ships** do que com **ch** – **chips**; o que deve ter motivado a escolha de **ships** (em português, “navios”) em vez do termo **chips** (em português, “fritas”) mais adequado para o produto comercializado. Esse termo pode ainda ter sido produzido por interferência fonética, tendo em vista que para os falantes do português os dois encontros teriam a mesma realização sonora podendo, portanto, serem alternados sem alteração de significados.

Observamos nas ocorrências o conhecimento do usuário a respeito da estrutura silábica das duas línguas, principalmente o uso de encontro de consoantes finais e iniciais próprios da LI, de modo que um vocábulo da língua portuguesa se assemelhe a uma palavra da língua inglesa, como por exemplo, pela supressão de uma vogal final ou inicial.

³⁰ BUONAMASSA, Stefani. *As Falas Regionais do Baixo São Francisco Sergipano: Influências clássicas, quinhentistas e africanas*. Disponível em : <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno10-06.html>. Acesso em: 20 nov. 2006.

2.2.1.3 Encontros consonantais (iniciais e finais)

Vimos na subseção anterior que os encontros consonantais (EC) entre as duas línguas diferem principalmente, pela possibilidade de acréscimo de uma consoante ao EC em sílaba na palavra inglesa. Nossos registros apontam para uma percepção do falante do PB de que a língua portuguesa não tem em seu léxico o mesmo tipo de EC no início e/ou no final de sílaba que na LI. Essa percepção instrumentaliza criações como **Sportiva**. Nessa ocorrência o usuário suprimiu a vogal inicial de maneira que seja semelhante ao inglês **sport**. Há um claro intuito de anglicizar o termo pela supressão da vogal que deixa a sílaba iniciando com um EC que não é característico do PB (**sportiva**). Isso ocorre na escrita, pois na fala a vogal suprimida surge e o falante lê **sportiva** [ispor'tiva] de acordo com o sistema fonotático da língua portuguesa.

A supressão de vogais também ocorre no uso de palavras em inglês, nestes casos o falante do PB suprime a vogal, que no seu inconsciente parece desnecessária. No lugar de suprimi-las na palavra em português para torná-la inglesa, existem ocorrências que suprimem vogal existente na sílaba do vocábulo em inglês.

Vejamos o exemplo, **Milk Shak**, bebida feita de sorvete batido com leite, acrescido de um pouco de creme como cobertura, na maioria das vezes. O termo em língua inglesa seria **Milk Shake**, sendo suprimida na ocorrência registrada a vogal final **e**. De acordo com o sistema fonotático da língua inglesa a vogal **a** é pronunciada [ey] se após a consoante que a segue houver uma vogal, como por exemplo, **e**. Ocorre que no uso registrado **Milk Shak** a ausência da letra **e** transforma a pronúncia de [mɔlk'ʃeyk] para algo como [mɔlk'ʃak] isto se for um anglófono a ler a designação. Tal supressão pode, portanto, causar certa dificuldade de compreensão para um falante de LI. A ocorrência fora registrada na parede de uma lanchonete, o que remete o leitor à cremosa bebida, o usuário poderia não concluir o esquecimento do **e**, e imaginar que o termo designa alguma iguaria típica da região e não o conhecido **milk shake**. **Milk shack** [mɔlk'ʃak] poderia ser traduzido como cabana do leite, caso houvesse a consoante **c** entre a vogal **a** e a letra **k**, outra inferência possível ao anglófono, haja vista que poderia concluir ter, o escritor do anúncio, esquecido o **c**.

De qualquer forma a ocorrência constitui-se um engano, pois esse vocábulo **shak** não faz parte do léxico anglófono. O que podemos inferir nesse equívoco? Provavelmente que quem escreveu a placa, anunciando a promoção, calculou ser mais comum, em LI,

sílabas com finais **k** do que com **e**. Logo, terminar a palavra com a letra **k** está aparentemente mais correto, mais 'inglês' do que com a manutenção da vogal final **e**, típica da língua portuguesa.

Outro exemplo de supressão pode ser visto em **Perfil Griff**. No último vocábulo desse nome fantasia, **grife** notamos o uso de um estrangeirismo aclimatado em nosso léxico, de forma que a grafia como está na fachada do estabelecimento é completamente dispensável. No entanto, o que está em jogo nessas questões não é o lingüístico, mas a relação língua – status – poder que determina as escolhas. Tal final de sílaba (**ff**) é imprópria no PB, porém, na LI ela é possível, tal fato sendo conhecido pelos usuários da língua portuguesa. Tanto no PB quanto na LI esse vocábulo **griffe** foi tomado emprestado da língua francesa e aclimatou-se para a grafia **grife** em PB, e em LI, **griffe** ou **griff**. Entre o francês e o inglês o usuário prefere o último, como citamos em nosso primeiro capítulo, por razões mais históricas e culturais do que simplesmente lingüísticas (LANGACKER, 1972, p. 186). Se dentre os dois códigos lingüísticos, o francês é o que mais se aproxima do PB, a escolha mais acertada seria tomar o termo desta. No entanto, se constituindo a língua inglesa em maior símbolo contemporâneo de status e poder do que a francesa, não é de se estranhar a preferência pela primeira.

2.3 Categorização e análise das ocorrências

Langacker (1972, p. 186) classifica os empréstimos lingüísticos em três, a saber: o fonético, o sintático e o lexical, sendo o último o responsável pelas possíveis mudanças no sistema fonológico de um sistema lingüístico, como representamos na ilustração a seguir:

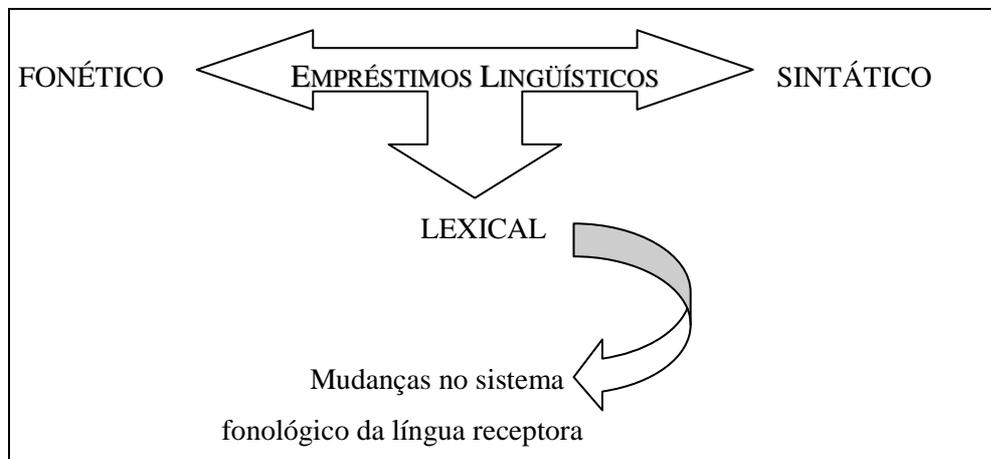


Ilustração 8 - Categorização de Empréstimos segundo Langacker.

Segundo o autor (1972) os empréstimos sintáticos constituem os padrões diversos da estrutura sintática da língua receptora tomados emprestados da língua alvo; os empréstimos lexicais consistem em tomar emprestado palavras até então não-pertencentes ao léxico da língua receptora e os fonéticos significariam uma incorporação de fonemas da língua alvo à língua receptora. O lingüista (1972) considera que dentre estas categorias, é o empréstimo lexical que, em um longo período de tempo, ocasionará mudança no sistema fonológico da língua receptora, o que precisa ser considerado quando estamos discutindo a identidade de um povo por estarem ambas, língua e identidade, inter-relacionadas.

Essa classificação nos auxiliará na categorização das ocorrências registradas no decorrer da análise. Embora haja nas ocorrências a presença de elementos que dificultem a categorização de cada uma delas em apenas uma das categorias de empréstimo, vemos a classificação de Langacker profícua a nossa pesquisa.

Nos deteremos em analisar os empréstimos lexicais e sintáticos por nossos registros terem origem gráfica, o que significa a exclusão dos empréstimos fonéticos, que seriam registrados caso estivéssemos trabalhando com a produção oral dos acreanos, o que poderíamos designar de ‘acreatês’, que não é constitui elemento de nossa pesquisa. Não que essa esteja isenta de apresentar anglicismos, mas precisaríamos de muito mais tempo para aqumbar essas duas manifestações – oral e escrita – de anglicismos recorrentes em nossa comunidade lingüística.

A título de exemplo do uso de estrangeirismos oriundos da LI na fala dos acreanos, poderíamos dizer que todos nós já ouvimos ou mesmo falamos expressões como: **mp3 player, micro system, game, fashion, no, yes, brother, big, please** e tantos outros incorporados a algumas situações normalmente relacionadas com status, estilização e/ou desejo do usuário de parecer estar “na moda”, e também por serem alguns desses vocábulos divulgados na mídia principalmente através de propaganda.

Dividimos essa categorização em cinco subseções a partir dos registros coletados. Durante a classificação das ocorrências percebemos haver uma interseção entre as categorias, de forma que tanto encontramos empréstimos lexicais e sintáticos em registros distintos, como também fotografamos espaços em que havia empréstimo lexical e sintático em um único caso. Logo, vale ressaltar que embora tenhamos dividido as ocorrências nessas categorias, algumas se enquadram em mais que um grupo. Por exemplo, a maioria dos empréstimos sintáticos também são lexicais. Dessa forma mesmo utilizando a

categorização de Langacker (1972) separamos as seções de acordo com: a quantidade de palavras, a troca da posição canônica do modificador no PB, o uso do genitivo.

Concluiremos, portanto, esse arrolar de ocorrências, que se dará concomitantemente às análises, com uma subseção que tratará das inovações, ou seja, daqueles empréstimos que não podemos claramente definir como oriundos da língua inglesa, mas que foram anglicizados por um ou outro elemento acrescido ao vocábulo, originário do sistema lingüístico anglófono e incorporados - parafraseando Barbosa (1990, p. 72), ao uso do PB por razões obviamente culturais.

O empréstimo lingüístico, por sua vez, consiste, como foi dito acima, na incorporação de elementos de uma língua em outra, 'tais elementos podendo ser, em princípio, fonemas, afixos flexionais, afixos derivacionais, vocábulos e tipos frasais'. (cf Câmara Júnior, 1977, p. 104).

As ocorrências analisadas na subseção intitulada 'criatividade lingüística' são consideradas, por nós, como frutos dessa anexação de elementos de um sistema lingüístico diferente do usuário em vocábulos do PB, cuja utilização presentifica certo conhecimento pelo usuário do PB da LI, origem de tais elementos tomados emprestados.

Como veremos nas páginas seguintes, no estado do Acre³¹ percebemos a incorporação de elementos anglófonos dos mais diversos desde que sua utilização, ou seja sua pronúncia, não implique em uma dificuldade para os falantes do PB. Não encontramos, por exemplo, ocorrências de palavras como *worthless*, cujo fonema consonântico surdo, dental e fricativo [θ] (sublinhado na palavra dada como exemplo) constitui-se uma dificuldade comum aos falantes latinos, como é o caso dos acreanos.

2.3.1 Empréstimos lexicais (Uma palavra)

Consideramos como estrangeirismos lexicais somente os que apresentavam apenas uma palavra anglófona; aqueles cujo registro tinha uma palavra em inglês, sem qualquer alteração ou aclimatação.

Ocorrências com apenas uma palavra tomada emprestada da LI não foram registradas com muita frequência. Elas somam um total de 11,4% das 159 ocorrências fotografadas no território demarcado para nossa pesquisa. Esse grupo de empréstimos não

³¹ Assim como em toda a nação brasileira.

apresenta variações, de modo que não podemos inferir serem fruto de um conhecimento do sistema lingüístico do qual fora tomado emprestado.

No capítulo anterior apresentamos o posicionamento de Dubois(2004) – para ele há a lacuna no léxico como determinante do empréstimo, o que denota a necessidade - e de Langacker(1972) – para quem não há necessidade lingüística para os empréstimos.

Dentre as ocorrências discutiremos algumas, principalmente as que deixam claro essa não-necessidade lingüística do empréstimo defendida por Langacker (1972). O primeiro motivo pelo qual, aparentemente, se chegaria a tomar emprestado algum padrão diverso do da língua materna seria a lacuna no léxico (DUBOIS, 2004, p. 209), afirmação que as ocorrências registradas não confirmam, haja vista a quase totalidade delas poder ser substituída por um vocábulo lusófono sem haver grande detrimento semântico.

Na paisagem urbana de Rio Branco, por exemplo, muitos anglicismos têm seu equivalente em Português, afinal temos ‘loja’ o que nos desobriga do uso de *store* para nomear um estabelecimento comercial. No entanto, um estabelecimento cujo nome-fantasia é **Store & Projetados** parece ter carga semântica maior ou mais privilegiada que **Loja & Projetados**, pois é o que se infere a partir da escolha do primeiro em detrimento ao segundo.

“**Gift - presentes e decorações**” é um outro exemplo do pode ser uma mostra da não-necessidade lingüística da palavra de língua inglesa. “**Presentes**” traduz sem perda semântica o termo **gift** deixando claro que não se tomou emprestado por lacuna no léxico, que caracterizaria a necessidade lingüística, mas sim um desejo simbólico de identificação com o sucesso do primeiro mundo anglófono. Embora **gift** tenha outras traduções além de presente (presentear, dom, dádiva) o estabelecimento comercial caracteriza-se pela venda de objetos de decoração e para presentes o que ficaria plenamente compreensível sem o termo em inglês.

No registro em questão a grafia também denota o status que a LI tem para os falantes do PB. Como podemos observar, na fachada do referido estabelecimento, a palavra Gift é destacada em relação às palavras em PB. Fica notório, pelo menos graficamente, a intenção de superioridade do termo em inglês o qual, além de ser apresentado em várias cores, com letras maiores, ainda é ornamentado com um laço de fita sugerindo aqueles embrulhos feitos em presentes especiais.



Ilustração 9

Não poderíamos deixar fora dessa subseção o uso de **point** registrado em muitas ocorrências, inclusive sendo encontrado nos diálogos, especialmente entre os jovens. Dentre ocorrências como **Point Gospel**, **Point do Baião**, **Point do Pato**, chamou-nos atenção, uma em especial: o **Point da Floresta**, por estarmos falando de uma possível acreanidade e da língua como prática identitária em que se pode ver o reflexo do que seja ser acreano. **Point** pode ser traduzido por ponto, mancha, sinal, questão; dependendo do contexto, pois se dizemos *'That's the point'* queremos dizer 'Eis a questão'. Na ocorrência exemplificada **point** tem a ver com ponto de encontro, espaço do encontrar-se, logo, trata-se de um ponto de encontro da floresta. Nesse local é possível saborear um açaí, tapioca recheada com diversos ingredientes à escolha do cliente, produtos hoje³² considerados típicos da região amazônica. Ocorre que um estabelecimento que tem a venda desses produtos como carro chefe ficaria mais coerentemente representado por um nome-fantasia aclimatado ou tomado emprestado de algum termo do sistema lingüístico autóctone de nossa região. A questão é que interessa a poucos a riqueza lingüística dos povos indígenas que habitam as terras acreanas mesmo antes da vinda dos falantes do PB. Os indígenas são vistos como inferiores por alguns, e a opção por uma frase oriunda deles implicaria numa pré-disposição para explicitar o significado, de forma que justificasse a escolha enquanto a preferência por **point** não demanda essa explicação. Ela já é conhecida por muitos brasileiros. É como se fossemos todos falantes de uma segunda língua, a utilizada atualmente para a comunicação internacional, e todos tivéssemos acesso a uma educação

³² Utilizamos o advérbio de tempo *hoje* por estarmos conscientes de que alguns desses produtos nos foram herdados de outras regiões do país na época em que brasileiros oriundos delas vieram para o Acre em busca da riqueza prometida, fruto da extração da borracha.

pública de qualidade em que teríamos conhecimento pelo menos instrumental daquela que tem se tornado franca: a língua inglesa.

Do outro lado, a língua dos povos que habitaram, e de muitos que ainda habitam, antes mesmo da descoberta da borracha e do branco colonizador, fica relegada às pesquisas acadêmicas e poucos livros sobre o assunto. Vale ressaltar ainda, a respeito dessa ocorrência, que **Point da Floresta** seria substituído por Ponto de Encontro da Floresta sem nenhum prejuízo de significado.

Na verdade, nenhuma das ocorrências registradas na paisagem lingüística da cidade fora tomada emprestada por, exclusivamente, motivos lingüísticos, pois todas têm seu correspondente em PB. **Office**, por exemplo, pode ser trocada por **escritório**, a loja que tem esse nome em sua fachada vende móveis para escritório. Caso o usuário da língua portuguesa não tenha conhecimento do que significa **office**, precisará de um ‘tradutor’ ou de uma entrada na loja para entender do que se trata, por não haver qualquer indicação na logomarca sobre quais tipos de artigos são vendidos no estabelecimento. No entanto, se imaginamos a troca de **office** por **escritório**, temos a impressão de que o segundo precisaria de complemento, enquanto **office**, não. Vejamos duas sentenças possivelmente ditas por um cliente em potencial:

- (1) Vou comprar uma cadeira na **Office**.
- (2) Vou comprar uma cadeira no **Escritório**³³.

Na oração 2 sentimos necessidade de um complemento, afinal que escritório seria esse? Ou melhor, na verdade, não compramos cadeiras em escritórios. Enquanto que na oração 1, o emprego como vocábulo designador do referido estabelecimento é bastante para se entender a respeito do que se está falando, de um estabelecimento comercial.

E o que dizer de **Star Livre**, loja de peças íntimas? Interessante verificarmos na fachada do comércio a presença de uma pequena e discreta estrela desenhada entre os nomes: **Star * Livre**. O usuário que idealizou o nome atentou para o desejo de sensação de liberdade, fator relevante na hora da escolha de uma peça íntima, e ainda para a necessidade, não-lingüística, de identificação do povo latino-americano com uma sociedade de grande poder político e econômico (PAIVA 1996, p. 26), a anglófona. Há uma ambigüidade de significados presente nessa ocorrência. Para o falante do PB, tanto o

³³ Não há essa possibilidade no PB.

verbo **estar** como a palavra anglófona **star** têm a mesma pronúncia, sendo, portanto, fácil utilizar as duas, atendidas pelo uso de **Star** (estrela, em LI) cuja pronúncia aportuguesada³⁴ corresponde ao verbo **estar**. Mesmo na grafia as duas palavras se parecem, sendo a vogal inicial a única diferença, o que torna a escolha perfeita para atender as necessidades citadas, ambas não-lingüísticas.

Um exemplo análogo, dessa não-necessidade, pode ser notado em **Mister Sabor** e **Baratão Mister Val Martins**. Nos dois casos, **Mister** é passível de troca por **Senhor** sem que o falante de PB tenha qualquer ruído de compreensão. No segundo caso, é mantida inclusive a posição do modificador/modificado³⁵, porém o título **Senhor** está grafado em inglês. Importante nessa ocorrência é que, observando a foto, podemos notar que o **Mister** está sobre um traço acima de **Val Martins** como se fora esquecido num primeiro momento e escrito depois no nome fantasia já pintado na fachada do estabelecimento.

Empréstimos lexicais, como os citados, são poucos, pois a maioria apresenta mais que um vocábulo que fora tomado emprestado. Dessas ocorrências trataremos na subseção a seguir.

2.3.2 Empréstimos sintático-lexicais (Duas palavras)

A designação dos empréstimos dessa subseção como ‘sintático-lexicais’ foi determinada pelo fato de que as ocorrências registradas com duas palavras tomadas emprestadas da LI, concomitantemente, apresentavam empréstimo sintático como poderemos observar nas análises a seguir.

As ocorrências em que duas palavras em inglês são utilizadas foram registradas em número maior do que aquelas em que apenas um termo fora preferido para identificar um comércio, chegando a uma porcentagem de 18,9% das 159 ocorrências registradas no espaço selecionado para coleta. Nesse grupo consideramos como anglicismos compostos por duas ou mais palavras de LI mesmo aqueles que tomaram emprestado não o vocábulo, mas a estrutura silábica para criação de termo anglicizado, considerando, como Haugen (1950), empréstimo como ‘tentativa de reproduzir, numa determinada língua, padrões já existentes em outra’.

³⁴ Em inglês a pronúncia de **star** seria /sta:/ enquanto que **estar**, vocábulo português ao qual se procura fazer analogia com o termo anglófono é pronunciado /ista/

³⁵ Veremos adiante que é muito comum, no território de nossa análise, essa inversão característica das comunidades anglófonas.

Dessa categoria analisaremos os termos anglicizados de forma livre que constituem cerca de 37% das ocorrências. Elas constituem um grupo de criações que deixam a entender o significado exatamente pelo fato de serem brasileiros, enquanto que um anglófono teria diante de si uma série de questões levantadas pela duplicidade de sentido.

Tap Center e **Tap Car** são dois registros que denominam estabelecimentos que oferecem serviços de tapeçaria para carros, e merecem análise nesta subseção. Os dois estabelecimentos oferecem serviços de revestimento para bancos de carros.

É possível inferir que o criador desse nome fantasia tomou o vocábulo tapeçaria – o trabalho fornecido pelo estabelecimento - e o reduziu a **tap** anglicizando-o, pois não é próprio ao PB o término de palavras com a consoante **p**. Os falantes do PB compreendem sem dificuldade o termo, mas um falante de LI que não conheça o português não conseguirá entender o que está escrito ao lado (tapeçaria). Logicamente, ele teria um ruído na compreensão, pois **tap** significa batida, torneira, bater de leve, sangrar, furar, o que leva uma união de **Tap** e **Car** a algo um tanto distante de serviços e produtos de revestimento de bancos de automóveis. Coincidentemente, talvez, **tap** é a primeira sílaba do inglês **tapestry**, em PB, tapeçaria. Segundo os dicionários de língua portuguesa e de língua inglesa ‘tapeçaria’ é uma fábrica ou loja de tapetes. Além do que, **tapestry** representa uma loja ou fábrica de tapetes, não estando exatamente de acordo com os serviços prestados por ambos: **Tap Car** e **Tap Center**, em inglês esse serviço seria denominado de *upholstery*.

Entre as ocorrências passíveis de serem classificadas como empréstimos sintático-lexicais, há casos de uso em que o significado dos nomes fantasia para os lusófonos brasileiros não diferem tanto do que entenderia um anglófono, como acontece em **Amazon Clinic**, **Amazon Card**, **Baby Elegance**, **Baby Fashion**, e **Dog Center**. Os dois primeiros pares de ocorrências poderiam ser agrupados por semelhança pela utilização comum de palavras – **Amazon** e **Baby**. Para os falantes do PB o significado de **Amazon** não remete a uma mulher caçadora e guerreira, que monta cavalo; como o é em LI. Em ambas ocorrências a compreensão é de que os estabelecimentos são ‘amazônicos’ assim como os clientes em potencial que são os usuários do PB residentes em Rio Branco. Com escolhas como essa o proprietário transmite, em uma palavra, a idéia de que esse é o local no qual, aqueles que exercem a florestania, são tratados como merecem, com atendimento personalizado e especificamente voltado para a regionalidade.

Um outro exemplo de manutenção do significado para brasileiros, mas não para usuários de LI pode ser **Tuning Gril**. A expressão **tuning car** é utilizada em inglês para a

designar o trabalho de estilização de veículos automotivos. A mania de estilizar automóveis tem sido difundida no mundo inteiro e os apaixonados ou não por carro já ouviram falar dela. Encontrar um carro *tunado* (termo já aclimatado no Brasil) em uma cidade brasileira não pode ser considerado um evento difícil de acontecer. Atualmente é possível, inclusive, encontrá-los em uma das inúmeras exposições pelo país. Ou seja, ver um carro personalizado com adesivos, luzes coloridas, aerofólios, com DVD **players** instalados,... e mesmo com motor alterado, estilizado de acordo com a preferência do proprietário, não é mais nenhuma novidade em nossa rotina urbana.

Enquanto que **grill** pode ser traduzido por “grelha”, grelhar, carne grelhada. **Tuning Gril** fica um pouco complexo de ser traduzido adequadamente neste contexto. **Gril** com apenas um **l** é uma gíria que significa ‘olhar alguém da cabeça aos pés como que em busca de um julgamento do quão atraente tal pessoa seja’, o que ao lado de **tuning** não teria muito sentido. O autor desse **tuning** deve ter chegado a escrever **gril** no lugar de **girl** pela inverossimilhança, para o falante do português, do encontro consonantal **rl**. Enquanto **rl** não é um encontro consonantal perfeito possível em PB, o **gr** não representa uma ‘entidade alienígena’ para o sistema fonotático brasileiro, logo a troca de um pelo outro fez-se viável. Para muitos brasileiros, o EC **rl** do vocábulo *girl* é difícil de pronunciar, embora seja palavra muito conhecida dos lusófonos e utilizada pela mídia, inclusive através de músicas. Interessante colocar que os falantes de PB a quem mostramos a ocorrência leram-na **Tuning Girl**.

Por três vezes solicitamos de transeuntes que lessem o adesivo colado no veículo que saia de um estabelecimento comercial com intenção de ratificar a inferência de que a troca **girl** por **gril** havia ocorrido pela inverossimilhança do encontro consonantal. Estávamos certos, todos leram **tuning girl**. Interessante que o registro aconteceu com a proprietária de um carro repleto de detalhes em rosa, flores e corações, ou seja, ela não percebeu a troca feita pelo profissional que tunou seu veículo.

Um registro, dentre os estabelecimentos que trabalham com assistência técnica e/ou venda de peças para automóveis, chamou-nos a atenção: **Stop Car**, traduzível por *Pare Carro*, haja vista que *Carro Parado* necessitaria de um acréscimo ao verbo **stop** (-**ped**). Esta construção pode corresponder a uma frase imperativa, pois na gramática da LI constitui-se um imperativo uma sentença com duas palavras que tem como inicial um verbo. Para que um verbo de tempo presente se torne passado ou particípio em LI é necessário acrescentar **ed** ao final do verbo, caso seja esse um verbo regular para só então

poder ser traduzido como, no exemplo da ocorrência em questão como trata-se de um verbo regular seu particípio/passado se escreve **stopped** = parou, parado.

No centro de Rio Branco registramos ainda a ocorrência **Tex Import** plenamente compreensível a um falante de PB que passe diante do estabelecimento, como sendo um lugar em que se venda tecido importado. Analisemos essa ocorrência. Logicamente, houve nesse caso a preocupação em deixar o nome do comércio em um tamanho razoável que facilitasse tanto ser divulgado, quanto lembrado. Como abreviação de **tecido**, produto vendido na loja, poderíamos ter um **Tec** cuja pronúncia e grafia levaria a pensarmos em **tecnologia**; ou **Teci**, que não parece ser tão charmoso quanto **Tec**, e ainda tem uma sonoridade não muito favorável a sua divulgação. Ora, o usuário não utilizou nenhuma dessas alternativas que poderiam nascer da palavra portuguesa **tecido**. O escolhido foi **Tex** que não é vocábulo pertencente ao léxico da língua inglesa, mas é a primeira sílaba de **Textile**, traduzido para o português: tecido, pano, fazenda. Logo, esse uso tem mais lógica para um anglófono que para um lusófono³⁶ o que torna essa ocorrência atípica, haja vista que a maioria dos registros coletados se caracteriza pela facilidade de compreensão para os usuários do PB e possibilidade de ruído na compreensão para os falantes de língua inglesa. Nesse caso podemos perceber que o usuário a criou a partir da LI, de forma que os usuários do PB podem ter certa dificuldade de concluir do que se trata, caso não esteja diante da loja ou nunca tenha ouvido propaganda divulgando o referido comércio.

Uma expressão difundida entre os brasileiros pela mídia televisiva - **Making Of**- também foi encontrada no ecossistema lingüístico em que coletamos as ocorrências. As gravações de momentos preparatórios a eventos como *shows*, gravações de DVDs, em que os protagonistas dos mesmos são filmados em momentos de descontração, de ensaios, são por vezes, adicionadas ao trabalho final formatado por um especialista, como uma parte ‘extra’, o que amplia seu valor no mercado fonográfico. Esse tipo de gravação é bastante comum entre os famosos, e serve depois para ‘enriquecer’ possíveis documentários sobre a vida dos mesmos ou simplesmente para serem guardados como memória familiar. Esse significado deve ter sido a motivação para a escolha de **Making Of** para designar um salão de beleza, por ser também um espaço de preparação, de embelezamento. A mídia televisiva, principalmente, tem utilizado bastante os ‘making of’ numa aparente tentativa de mostrar aos telespectadores que os artistas também necessitam de maquiagem, por exemplo, para ficarem bonitos como aparecem nas imagens veiculadas. O fato de tal expressão ter se tornado, entre os brasileiros, tão familiar deve ter levado o prestador do

³⁶ Sempre que nos referimos a lusófono aqui estamos falando dos brasileiros.

serviço à preferência por esse nome para o seu estabelecimento. Tal escolha parece transferir *glamour* a todos os frequentadores do local, por ser uma clara alusão de que as pessoas estão ali em momento de preparação anterior ao espetáculo e, como os artistas que admiram, estão sendo preparados para brilhar.

As ocorrências registradas não representam uma tendência da atualidade apenas, há entre elas algumas perceptivelmente antigas, em estabelecimentos tradicionais da cidade de Rio Branco como uma antiga barbearia no centro comercial, no térreo da prefeitura municipal, um local cuja fachada tem pintado o nome fantasia: **Salão Barber Shop 3 Amigos**. A expressão em inglês – **Barber Shop** – designa uma barbearia, não um salão onde se encontra serviços tipo escova permanente, chapinha, escova progressiva, mas apenas serviços para um público masculino como o corte de cabelo masculino e o ‘fazer’ a barba. O que redundo no nome escolhido é a palavra **salão**, pois sendo **Barber Shop** salão de barbeiro, a palavra salão antecedendo-a se torna completamente desnecessária, caso o usuário conheça a tradução dos termos. A concomitância do estrangeirismo ao lado de sua possível tradução parcial – pois apenas salão é traduzido na fachada - leva-nos à compreensão de que não se tinha o conhecimento ou pelo menos o proprietário pensou que seus conterrâneos poderiam não saber o significado de **Barber Shop**.

Tivemos a oportunidade de, no decorrer da escrita desta análise de caráter sincrônico, presenciar uma alteração que, caso não tivesse ocorrido, limitaria a presença da ocorrência apenas aos anexos do trabalho. Trata-se de **Take - vídeo e game - locadora**. **Take** em português poderia ser traduzido como pegar, tomar, apropriar-se, extrair, levar - no meio fonográfico ainda tem o sentido de ‘tomada’, parte de uma filmagem - significados coerentes com o serviço oferecido aos clientes de locação de fitas de vídeo, dvds de filmes ou de jogos eletrônicos. Em princípio, a ocorrência não nos chamou a atenção e fora registrada como um dos exemplos a ratificar a forte presença de anglicismos em Rio Branco. No entanto, o estabelecimento não funciona mais como locadora. Hoje a **Take** é uma *lan house*³⁷, deixou a locação para ser um espaço para que os residentes no bairro, em que está situada, tenham acesso a rede mundial de computadores e ainda possam jogar em rede em tempo real com amigos, agora com o nome **Take – lan house**. A troca da oferta de serviços não exigiria a conseqüente alteração do nome da casa? Se agora é uma *lan house* não seria o caso trocar o **Take**? Talvez por uma palavra em português? No

³⁷ Expressão relativamente nova designa um local em que se pode pagar por hora o uso da rede mundial de computadores, ou o jogo em rede entre os que utilizam a rede interna do estabelecimento.

entanto, o proprietário opta pela manutenção do nome anterior mesmo tendo sido o nome do serviço que faliu.

Como percebemos nessa subseção, os empréstimos com duas palavras são uns dos que produziram algumas das ocorrências mais interessantes, por deixarem claro serem essas combinações possíveis sem haver perda de significado para os falantes do PB. O significado dessas palavras se torna um tanto complicado para um anglófono, que teria certa dificuldade para compreensão exata do que se quis dizer, a não ser que o mesmo tenha algum conhecimento da Língua Portuguesa.

Os empréstimos lexicais registrados na cidade de Rio Branco, nos três bairros escolhidos são freqüentes com até duas palavras; embora tenhamos encontrado ocorrências com três ou mais palavras, esse tipo de empréstimo não representa uma quantidade significativa dentre os demais.

Um fator interessante é a presença de empréstimos sintáticos que têm apenas palavras em português, ou seja, ocorrência em que o que se toma emprestado é simplesmente a ordem das palavras e não as palavras em si. A nosso ver esse tipo de empréstimo denota também um desejo de pertencer a uma comunidade vista como ‘privilegiada’ pela maioria. Desses empréstimos trataremos na subseção a seguir.

2.3.3 Empréstimos sintáticos I - Os modificadores

No PB a ocorrência de modificador anteposto ao nome modificado não é inviável, existindo no seu sistema lingüístico com algumas particularidades, mas não é produzida com todos os modificadores. No exemplo de número um (1) abaixo detectamos que a anteposição do modificador traz uma estranheza ao SN (sintagma nominal) em PB. Enquanto que em (2) a posposição ou anteposição apenas têm diferença semântica, sendo usadas para conferir determinado significado ao SN. Nos quatro sintagmas seguintes (3) e (4) a inversão denota alternância semântica, como podemos perceber nos exemplos a seguir:

- (1) Verde Parede* / Parede Verde
- (2) **Pedro Cabeleireiro**³⁸ / Cabeleireiro Pedro
- (3) **Gold Ourivesaria** / Ourivesaria Gold
- (4) **Camelô Modas** / Modas Camelô

³⁸ Os exemplos em negrito foram registrados no território selecionado para coleta de ocorrências.

(5) Moça bonita/ Bonita moça

Em (5) temos uma ocorrência também possível no PB, mas há diferença na produção dessas duas orações. A respeito da posposição do adjetivo à manutenção de um valor objetivo *versus* a aquisição de um valor subjetivo do modificador anteposto, como em (5). Lapa (1968) afirma que a anteposição de um adjetivo tende a levar ao substantivo um sentido afetivo, de subjetividade. Essa inversão comum na linguagem literária tem se apresentado no comércio de maneira muito freqüente e, possivelmente denotam subjetividade, pois a divulgação dos serviços e/ou produtos se fará pelo cliente que tenderá a não falar o nome fantasia todo, mas apenas o modificador, o que agiliza a identificação pelo ouvinte sobre qual estabelecimento estejam se referindo.

A posição canônica do modificador em Língua Portuguesa é exposta pela maioria das gramáticas como sendo: primeiro o modificado depois o nome modificador. A troca dessa posição, em alguns casos, implica na alteração do sentido. Se dissermos **amigo velho**, não queremos dizer o mesmo em **velho amigo**, e a única mudança nos dois sintagmas foi a mudança do modificador, porém, no primeiro caso nos referimos a alguém que esteja na terceira idade, e no segundo a alguém que faz parte do nosso rol de amigos há bastante tempo.

O empréstimo, nesse caso, assim como nas demais categorias de empréstimos, normalmente é uma escolha deliberada por parte do proprietário do estabelecimento comercial, que o escolhe por entender que o cliente também conhece e valora o termo como ele. Vamos analisar alguns exemplos. Um dos critérios para a escolha das ocorrências a serem analisadas nesta subseção foi a não-presença de empréstimos lexicais constituindo o nome fantasia, ou seja, nesses registros não há a presença de palavras em inglês.

Karibiju - bijouterias e acessórios é um exemplo de como ocorrem os empréstimos sintáticos comentados no parágrafo acima. O registro está caracterizado como anglicismo pela inversão da posição do modificador em que o nome modificado precede o modificador, seguindo essa regra o estabelecimento teria por nome: **Bijouterias e Acessórios: Karibiju**.

Tomemos outro exemplo, Pedro Cabeleireiro, designação dada a um estabelecimento que fornece serviços de estética e higiene masculina. Duas construções plenamente compreensíveis hoje em português brasileiro, Cabeleireiro Pedro e Pedro Cabeleireiro, podem se alternar com sutil diferença. O usuário da língua compreende as

duas construções sem maiores dificuldades, porém as mesmas apresentam carga semântica diferenciada. Normalmente, os falantes do PB se referem a Pedro Cabeleireiro quando estão se referindo a um lugar, um estabelecimento onde se corta cabelo, faz barba, por exemplo. O segundo uso acontece em conversações em que Pedro é o substantivo próprio utilizado especificamente para destacar sobre qual cabeleireiro se está referindo o falante. Ao enunciar a oração: “Gosto de ser atendido pelo cabeleireiro Pedro” o interagente usa Pedro no intuito de deixar claro ao seu interlocutor a qual cabeleireiro se refere, procurando eliminar quaisquer confusões num estabelecimento onde haja vários cabeleireiros. A oração “Gosto de ser atendido pelo Pedro Cabeleireiro” soa estranho. Os falantes do PB usam esse termo em orações como: “Eu vou cortar meu cabelo no Pedro Cabeleireiro” referindo-se ao estabelecimento em que Pedro é o proprietário e por vezes o único cabeleireiro atendendo.

Um sintagma nominal como os que compõem a maioria das ocorrências registradas costumam seguir a posição canônica, quando composto por mais de um vocábulo, modificador seguindo o nome modificado.

A utilização de palavras em português com a inversão da posição do modificador pode ser exemplificada por: **Universal Farma**. Nessa ocorrência, embora haja supressão de duas sílabas da portuguesa **farmácia**, os dois vocábulos seguem o sistema fonotático da língua portuguesa, se constituindo um exemplo adequado para a categoria de empréstimos sintáticos que utilizam apenas o léxico lusófono. **Farma** como o nome modificado pela palavra **Universal** deveria anteceder a mesma para estar de acordo com a posição do modificador em relação ao modificado na ordem do PB e não ser considerada um anglicismo.

Um outro exemplo dessa inversão foi encontrado em um luminoso na fachada do estabelecimento comercial **Florestar Artesanatos** localizada no **Mira Shopping** (também um exemplo dessa inversão), no centro da capital do estado da federação em que realizamos os registros. **Florestar Artesanatos** também apresenta empréstimos sintáticos oriundos do sistema lingüístico anglófono em seu nome fantasia, mas detenhamo-nos no primeiro termo. Na placa luminosa podemos ver desenhos que representam um céu estrelado com lua e sol presentes, imagens que podem nos conduzir a inferência de que **Florestar** é fruto da junção de **Floresta** com **star** (estrela).

Testemunhamos no decorrer dos anos de 1999 a 2006 no Estado do Acre uma tentativa, por parte dos governantes de, segundo os mesmos, elevar a auto-estima do ‘povo acreano’, usando para isso a força da propaganda através das tecnologias midiáticas.

Côncios dessa política, o uso de **Florestar** nos leva a conclusão de que, um comércio auto-intitulado **Estrela da Floresta**³⁹, quer apresentar-se à população como parte da família acreana, com oferta de produtos da floresta produzidos para os que exercem sua florestania⁴⁰, no entanto, através do uso de anglicismos. Vale informar que no luminoso as letras estão grafadas em um tipo de fonte que dificulta a identificação de **star** como anglicismo. Concluímos se tratar de uma junção de PB e LI pela ausência do vocábulo ‘florestar’ no léxico do PB e por ser possível uma tradução de **FloreStar**, corroborada pelo fato, já colocado anteriormente, do luminoso apresentar um céu estrelado.

Além dessa junção de palavras do PB e da LI temos a inversão dos constituintes do sintagma nominal em que, como nos exemplos citados nessa subseção, o elemento modificador precede o modificado.

Embora a inversão da posição dos modificadores seja um empréstimo cujas ocorrências são muitas, um dos preferidos empréstimos sintáticos ainda é o uso do caso genitivo, assunto de nossa próxima subseção.

2.3.4 Empréstimos sintáticos II – Caso genitivo

O empréstimo sintático a que nos referimos intitula as análises do uso do caso genitivo nas ocorrências registradas. Nessa categoria estão os estrangeirismos que apresentam a estrutura do caso que indica posse da língua inglesa. Vinte e dois por cento das 159 ocorrências são de uso deste caso, seja com vocábulos de língua portuguesa, seja de língua inglesa. Não é de hoje que essas ocorrências povoam as fachadas dos comércios acreanos⁴¹ das maneiras mais diversas, seguindo ou não as regras de formação desse caso possessivo como veremos a seguir.

Um falante de língua portuguesa que tenha pelo menos cursado os dois primeiros anos do ensino médio e resida em uma cidade brasileira reconhece em: **Armarinho Três’’s** um ar de anglicidade, pois percebe a presença de um elemento que em seu sistema é utilizado para destacar uma citação – as aspas – e que, na verdade, nesse uso, remonta ao apóstrofo. O famigerado caso genitivo da língua inglesa foi repensado nesse uso, deixando suas regras de construção canônica.

³⁹ Nossa tradução para **florestar**.

⁴⁰ Termo criado pelo governo petista na gestão do então governador Jorge Viana para explicar a ‘relação harmoniosa’ do povo do Acre com a natureza, a cidadania dos povos da floresta.

⁴¹ Aliás, dos povos latino-americanos.

De modo que sejamos compreendidos a contento, a respeito da adoção desse traço lingüístico no exemplo acima citado, precisamos nos deter um pouco na colocação dessas regras. As gramáticas de língua inglesa ensinam, na construção desse caso que indica posse, que primeiro coloca-se o substantivo que nomeia o possuidor depois o que nomeia a coisa possuída. Entre esses dois substantivos, mais precisamente junto ao nome do possuidor, acrescenta-se o apóstrofo seguido de **s**. De forma que **Michel's pet**, significa o animal de estimação que pertence a Michel. Quando da ausência da coisa possuída, o uso do apóstrofo **s** remonta o lugar onde aquela pessoa reside ou atende prestando algum serviço à comunidade. Assim **grandma's** significa 'na casa da vovó'; e **I'll go to the dentist's** - eu vou para (o consultório d) o dentista. Com ou sem a coisa possuída expressa na oração, o apóstrofo **s** é acrescido ao possuidor. A coisa possuída pode ser omitida no chamado caso genitivo com elipse, se o contexto deixar claro a identidade daquilo que é possuído, por exemplo, 'His memory is like an elephant's ' que em português seria "A memória dele é como a de um elefante".

Na ocorrência **Armarinho Três's**, citada no início dessa subseção, 'Três' seria o possuidor, devendo ser acrescido de apóstrofo para constituir um exemplo desse caso, contudo acaba por ser alterado de forma irreconhecível, ao falante de língua inglesa, dificultando o estabelecimento de qualquer relação de posse, devido a presença de aspas no lugar do apóstrofo. Tal uso parece denotar uma preocupação demasiada em realmente caracterizar o anglicismo, ou seja, no intuito de não assemelhar-se a língua portuguesa em sua estrutura o usuário acaba por optar por um uso distinto da gramática da língua inglesa. Ocorrências como essa, do uso do caso genitivo, vêm se popularizando de maneira tão veloz que podemos afirmar que trata-se de um traço lingüístico não pertencente ao nosso sistema tradicional que temos adotado de maneira muito livre.

Vale ressaltar que não temos este caso, como na estrutura anglófona, como constituinte do sistema lingüístico brasileiro, pois não utilizamos o 's (apóstrofo s) indicando posse. **Camelô Moda's** é um exemplo de construção de caso genitivo peculiar, que também apresenta inversão de modificador, utilizando vocábulos em PB e o 's da LI junto à palavra Moda. Nessa ocorrência temos **Moda** como sendo o possuidor. Podemos concluir que o usuário que criou esse nome fantasia quis unir num único nome as idéias, inicialmente antagônicas, de moda e baixo custo, procurando materializar essa junção através de dois termos: Moda e Camelô, fazendo clara referência aos camelôs, conhecidos pela venda com preços abaixo dos de mercado formal. No entanto, Camelô Moda's seria, numa tradução forçada, definido em português como 'da moda camelô', haja vista que para

ser o ‘camelô da moda’⁴² teria que ser trocada a posição do termo **Camelô** substituindo **Camelô Moda’s** por **Moda’s Camelô**. Esse exemplo nos leva a inferir que o proprietário tem conhecimento de que a omissão do modificado é possível em LI. Concluímos, pela análise que fizemos, que essa ocorrência foi produzida a partir do conhecimento de que ‘s (**apóstrofo s**) é um elemento característico da Língua Alvo em questão – a LI – e pela posterior audição de palavras com caso genitivo como em **Moda’s**, pois apenas ouvindo, sem se ter o conhecimento de como se constrói o mesmo, o usuário-ouvinte não tem como saber da presença de um apóstrofo, nem mesmo onde posicioná-lo, entendendo apenas o s como flexão de número – conhecimento adquirido através da aquisição da língua materna, no caso o PB. Quando ele tem consciência da necessidade de um apóstrofo, o usuário, não sabendo as regras de colocação deste, o dispõe no lugar que mais lhe apraz, não necessariamente seguindo as regras do caso que utiliza.

Spaço’s Lanche, traduzido por nós como **Lanche do Espaço** – se seguimos a construção canônica do caso genitivo da LI, também nos chamou a atenção. Através da grafia do nome fantasia na fachada do estabelecimento, acreditamos que o significado que se quis dar foi o de **Espaço do Lanche**, pois o mesmo fora grafado em fonte que imita galhos retorcidos. Caso o objetivo fosse relacionar os produtos à disposição do público como algo extraterrestre, alimentação espacial, comidas para astronautas – como **Lanche do Espaço** pode deixar a entender - o recurso pictórico seria outro e não o de galhos de árvore grafando a designação.

Essa noção de que ao nome do possuidor é acrescentado apóstrofo s (**em nomes que não terminem com s**) e que ele é seguido pelo nome da coisa possuída constitui um conhecimento que, caso o falante de português não detenha, poderá permitir criações como as apresentadas acima. Percebemos que para alguns usuários há um entendimento que, havendo a presença do ‘s, já se constituiu o caso genitivo da LI, ou seja, para estes usuários do PB o acréscimo desses dois elementos já configura o nome fantasia como anglicismo, e isto lhes é suficiente para escolhê-lo para designar algo que desejam ter como bem sucedido.

Mister Paulo Hamburger’s é um anglicismo que reforça essa afirmação. O possuidor é o Sr. Paulo, a coisa possuída é o hambúrguer, o que no caso genitivo anglófono construiria **Mr. Paulo’s Hamburgers** que pode ser traduzido como **Hambúrgueres do Sr. Paulo**. Na verdade acreditamos que esse significado é o que é entendido pela maioria dos usuários do PB, servidos pelo estabelecimento comercial, de forma que não sejam

⁴² Sentido que acreditamos queria ser passado para os clientes.

suscitados quaisquer questionamentos e o nome seja bem aceito entre os clientes, embora sua tradução em português possa ser: a casa/o escritório⁴³ do **Sr. Paulo Hamburger**.

Em **Art's Decorações** temos mais um exemplo de uso desse caso, igualmente interessante. Provavelmente o usuário do PB que criou esse termo teve como meta o significado Arte da Decoração, pois o estabelecimento tem oferta de produtos para decoração como cortinas, persianas especiais, portas sanfonadas, papel de parede e outros afins. Porém, a utilização deste caso que indica possessividade na LI, não contempla as regras de estruturação do mesmo para se ter o significado **Arte da Decoração**, pois para tanto deveria ter grafado **Decoração's Arts**, ou no caso de manter-se a flexão de número do registro coletado, 'Decorações's art' – Arte das decorações. O motivo da não-escolha dessa construção, acreditamos, talvez tenha sido pela pronúncia por falantes do PB. Um s entre duas vogais, na língua portuguesa, é oralizado como **z** de maneira que não haveria referência ao anglófono caso que indica posse e a pronúncia do nome ficaria como: ['decorasão'za:tis].

Embora nossa pesquisa tenha caráter sincrônico tivemos a oportunidade de registrar uma alteração em um dos estabelecimentos dos quais fotografamos as fachadas. Trata-se de **Brother's Design Sound** que fora alterado para **Brother's Auto Som**. Nesse caso foram trocadas as palavras em inglês por outras em português contra a corrente de anglicização de termos do PB, apesar de ter sido mantido o caso genitivo, uma das preferências nacionais em se tratando de nomes-fantasia de comércios. Talvez, essa troca tenha ocorrido pela dificuldade de compreensão do que significa **Design Sound** pelos falantes do PB. Temos consciência de que, no comércio, a divulgação pelos que adquiriram os produtos e/ou serviços é de fundamental importância para a construção de uma imagem sólida da empresa e conseqüentemente para seu crescimento. Se a empresa tem um nome-fantasia com pronúncia e compreensão difícil à comunidade em que deseja se estabelecer, o comércio automaticamente cria um segundo nome que facilite a divulgação oral.

O entendimento é de fundamental importância para que uma comunicação se efetive. Quando falamos do uso de estrangeirismos, necessariamente precisamos considerar as traduções e adaptações feitas para que esses estrangeiros circulem entre nós como um dos nossos. Devido a essa reestruturação acabamos por estar expostos no dia-a-dia a vocábulos e/ou sintagmas que em nada, ou pouco lembram, o que fora a inspiração ou modelo.

⁴³ Em inglês na ausência da coisa possuída, usualmente, se o contexto deixar claro de quem ou a que lugar está se referindo a frase.

Analisemos **João e Maria Kid's**. Traduzir um sintagma em que o caso genitivo não segue a estruturação canônica é uma aventura um tanto arriscada, podendo o autor ter tido a intenção de utilizar o caso genitivo para um dos exemplos abaixo

- (6) *Criança João e Maria
- (7) *João e Maria Criança
- (8) Filho (a) de João e Maria
- (9) *João e Maria do(a) Filho(a)
- (10) Filhos (as) João e Maria
- (11) João e Maria das Crianças

Os sintagmas (6) e (7) não possuem sentido para o falante de língua portuguesa falada no Brasil. O (9) terá algum significado em um contexto em que se tenha conhecimento de algum objeto que tenha sido designado como João e Maria pelo proprietário do mesmo, apesar de que para ter esse sentido a construção, em inglês, deveria ser outra – a saber: **Kids' João e Maria**. O estabelecimento em questão é uma loja especializada em vendas de roupas e acessórios infantis, o que nos leva a considerar como mais aceita a compreensão expressa em (11).

Muito comum é essa inversão da posição do possuidor quando se reestrutura o caso genitivo de forma que ao ser utilizado no ecossistema lingüístico do PB não ocasione estranhamento, ou ruído na compreensão dos indivíduos da comunidade. **Lanchonete e Restaurante Neno's** é um exemplo dessa troca. Fica claro que se quis transmitir a compreensão de que a lanchonete/restaurante pertence ao Neno, porém a expressão está ordenada de forma inversa, levando a compreensão, por um anglófono, para o nível das inferências. È um exemplo de como a estrutura do sistema receptor influi no empréstimo lingüístico, no caso invertendo a ordem do caso que se quis tomar emprestado.

Realmente o caso genitivo é uma das presenças anglófonas mais constantes em nosso cotidiano. Registramos, por exemplo, o **Lira's**, conhecida lanchonete da cidade de Rio Branco com cerca de 10 anos de funcionamento. Antes de ser o famigerado **Lira's**, o nome fantasia era **Lira's Lanche**. Com a difusão do nome e da função do estabelecimento a palavra **Lanche** se tornou desnecessária, resumindo-o apenas à **Lira's**. Sabemos ser possível realizar essas supressões quando for óbvia a relação de posse – quem possui o que. A omissão do nome modificado pelo genitivo -'s acontece, em inglês se o contexto

deixa-lo claro, é o chamado genitivo com elipse, especialmente válido em expressões relacionadas a estabelecimentos ou firmas comerciais, como é o caso em **Lira's**.

A utilização do apóstrofo no PB, no entanto não estabelece relações de posse, sendo recurso raramente utilizado para indicar elisão de um ou mais fonemas como nos exemplos:

(12) Vam' nessa.

(13) Olho-d'água.

(14) 'Stamos em pleno mar... (Castro Alves - O Navio Negreiro)

Ao verificarmos os exemplos (13) e (14) acima podemos perceber que o uso do apóstrofo no PB explicita a elipse do fonema vocálico /ê/. Em (12), o apóstrofo indica a elipse de fonemas para representar pronúncias não previstas pela variante culta, registrando pronúncia elíptica coloquial. Existe ainda o uso do apóstrofo em casos como:

(15) Está escrito n'Os Sertões.

(16) Encenação d'A Moratória.

Tanto em (15) quanto em (16) ocorreu a separação em duas partes de uma palavra aglutinada por ser uma das partes pertencentes a uma locução continuada na seqüência.

Em qualquer uma dessas situações de uso do apóstrofo no PB não há uma relação de posse como no caso genitivo da LI, como fica claro nas ocorrências registradas e analisadas acima. Aliás, esse não é um recurso gráfico muito popular entre os falantes do PB a não ser quando lançam mão de anglicismos ou nas relações comerciais, espaço onde ele (a apóstrofo) tem sinal verde para outras utilidades que não apenas a expressão de posse. Esse recurso serve para destacar uma pronúncia distinta, um rompimento da expectativa com base na escrita.

O 's tem sido utilizado inclusive para indicar flexão de número, fugindo do uso na LI desses traços, constituindo o caso genitivo que parece ser o intuito na maioria dos casos registrados. Esse emprego pode ser registrado nos mais diversos ambientes e situações, desde apresentações de instituições públicas até as paredes de lanchonetes. Todos demonstram, através desse uso, a internalização de uma regra: o 's indica plural em siglas ou acrônimos, podendo ainda indicar plural em outros vocábulos como, por exemplo, em **sanduíche's**.

Na gramática do PB não encontramos qualquer referência à utilização desses elementos como indicativos de flexão numérica, não obstante é comum nos depararmos com o uso dos mesmos especialmente em siglas, como por exemplo em: os PM's, os CEFET's, ..., indicando plural destas designações. Inferimos ser esse uso fruto da noção de que, não havendo palavras lusófonas que terminem em oclusivas, como é usual nos vocábulos anglófonos, a flexão de número deve apresentar elementos do sistema lingüístico inglês. Uma outra razão para essa construção pode ser ainda a necessidade de não se confundir o s que demarca o plural como parte da sigla ou acrônimo, mas isso se resolveria com a escrita em minúscula do s como, por exemplo, em CEFETs. Mesmo sendo pronunciadas com sons vocálicos finais, siglas como as de nosso exemplo são grafadas com consoantes que em PB não terminam palavras. No caso de PM lê-se /pê emê/ e CEFET / cefeti/, como a consoante **m** - antecedida por consoante e **t** não ocorrem nessa posição, seu plural não deve seguir as normas da gramática do PB.

Na LI os elementos em questão ('s) são utilizados em duas ocasiões:

- a) No caso genitivo
- b) Na contração dos verbos modais⁴⁴ (restrito a linguagem informal)

Tanto em (a) quanto (b) não há referência à flexão de número, o que nos leva a concluir que, se um falante do PB chegou à utilização de apóstrofo s ('s) indicando plural, foi simplesmente por conviver em uma comunidade que está exposta a uma difusão do caso genitivo pela indústria cultural, sem o devido conhecimento de como ocorre seu uso na LI, haja vista ser possível, e até utilizado por alguns a escrita da sigla em maiúsculas com o s em minúsculo, como exemplificamos anteriormente.

As ocorrências da categoria empréstimos sintáticos – caso genitivo - não fogem a estas construções:

- 's como indicação de flexão numérica de alguns substantivos;
- Inversão da posição canônica possuidor-possuído;
- Acréscimo do apóstrofo ao possuído;
- A junção das duas anteriores em um único registro.

⁴⁴ Por exemplo: *He's my friend.* (contração de He e Is)
Joseph'll buy a new farm. (contração de Joseph e Will)
You'd travel with John to France. (contração de You e Would)
Guns'n roses. (contração de Guns e And)
 I won't buy a car. (will + not = won't)

Qualquer uma das ocorrências representa, a nosso ver, a popularidade de um caso do sistema anglófono entre os lusófonos residentes no Brasil, não diferentemente no Acre onde foram coletadas as ocorrências analisadas nesta subseção. Em nosso terceiro capítulo discutiremos esse caso singular: a presença de anglicismo em um estado que procura desenvolver uma política ufanista de florestania, acreanidade.

A diversidade de uso desses elementos da LI ainda demonstram a liberdade que os usuários têm ao lançar mão de uma língua distinta da sua.

Desse modo podemos dar continuidade a nossa análise passando para nossa última subseção de categorização dos anglicismos. Como a maioria das ocorrências analisadas nesta subseção é fruto da fusão das duas línguas em questão, optamos por classificá-las como criativas.

2.3.5 Criatividade lingüística

A categorização das ocorrências dessa subseção como ‘criatividade lingüística’ foi uma decisão embasada no modelo chomskyniano de criatividade. Trata-se de uma ‘criatividade governada por regras’, que caracteriza a ação da linguagem como atividade infinita, mas dentro de um sistema de regras. O usuário cria infinitamente, a partir das regras internalizadas, elaborando palavras grafadas de maneira diversa da grafia lusófona, que são perfeitamente compreensíveis em sua comunidade lingüística mesmo quando essas inovações são frutos da miscigenação com outros sistemas lingüísticos, como veremos nessa subseção. Diferentemente da criatividade artística que pode gerar o inesperado, inclusive através da superação de regras, a criatividade lingüística é delimitada por elas. Este é o preço que ela tem que pagar para ser um mecanismo de interação verbal. Se um indivíduo de uma comunidade lingüística cria algo totalmente fora dos padrões de sua sociedade, como por exemplo, uma palavra com apenas sons consonânticos – talvez algo como *jhpklm* - ele não consegue efetivar a interação e se verá às voltas com a necessidade de explicação.

Elas, as inovações, ocorrem seguindo as regras da língua receptora, sob pena de não atingirem seus objetivos comunicacionais e, mesmo misturando códigos lingüísticos aparentemente muito diferentes, continuam sendo entendidas pelos indivíduos da comunidade lingüística onde foram geradas, sendo inclusive bem aceitas como palavras oriundas de um outro código lingüístico diferente do seu, embora tenham as feições dele.

Encontramos, no território delimitado para coleta das ocorrências, uma quantidade razoável de termos cuja origem podem suscitar algumas dúvidas como, por exemplo, se os mesmos são de procedência anglófona ou lusófona como nos casos de: **Bury's Burg, Destak, Stilus, Skina, Sportiva,...** Nessa subseção analisaremos os que se destacaram pelo engendramento criativo de elementos de um outro código lingüístico em uma palavra da língua receptora.

Os empréstimos lingüísticos, classificados aqui como fruto desta 'criatividade', foram gerados seguindo uma lógica binária que nasce tanto a partir do sistema anglófono como também do lusófono. Tanto ao integralizar um vocábulo da LI ao ecossistema lingüístico da comunidade rio-branquense como ao anglicizar uma palavra do PB, o processo é exatamente o mesmo: tem início em uma análise, seguida de reestruturação. Esse processo ocorre quando os empréstimos tomados de uma língua alvo são aclimatados na língua receptora, e por essa razão classificados por nós como 'criativos'. As ocorrências dessa subseção se efetivaram, de modo geral, seguindo os dois percursos exemplificados na ilustração a seguir:

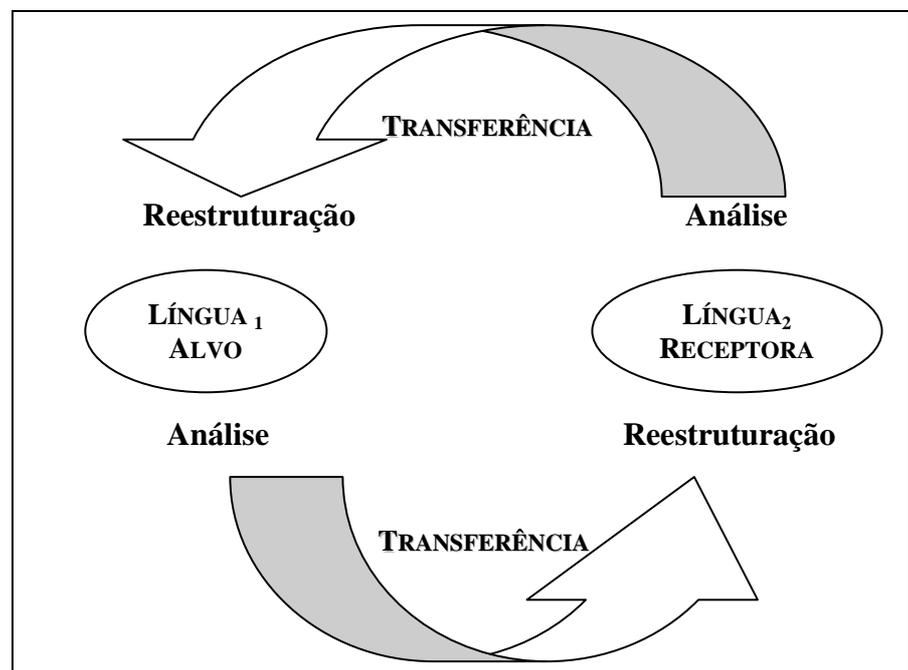


Ilustração 10 - Fluxo dos empréstimos lingüísticos.

Ao observarmos a ilustração 10 acima podemos perceber como se dá o fluxo da criação dos anglicismos, incluindo os pertencentes à classificação analisada aqui. O

empréstimo ocorre tanto ao tomar emprestada uma palavra ou expressão da LI, quanto ao tomar uma palavra ou expressão do PB e a anglicizarmos, reestruturando-a de acordo com a estrutura mórfica da LI, língua alvo dos empréstimos que são objeto de nossa pesquisa. Nos dois trajetos, seja de PB a LI ou vice-versa, há a análise e transferência, nesta ordem necessariamente, antes da reestruturação. A transferência ocorre de forma que o anglicismo utilizado seja fruto de empréstimo ou simplesmente da anglicização de uma palavra da língua portuguesa, denotando que o que realmente importa ao tomar esses empréstimos é a semelhança com o sistema lingüístico anglófono. Através dos registros feitos podemos considerar que esta anglicização, tomando um vocábulo do PB e dando-lhes feições anglófonas, se dá principalmente pela supressão de vogais e pela inversão da posição do modificador, operando em dois níveis: o fonético e o sintático, que passa quase imperceptivelmente como se não fora um empréstimo. A supressão de vogais, por sua vez, pode vir concomitante a substituição de letras como o **c** por **k**, como veremos em algumas ocorrências analisadas a seguir, ou simplesmente pela utilização de **y** ou **w** até então letras consideradas ‘estrangeiras’.

Disk, por exemplo, é um anglicismo constituinte do léxico da língua inglesa, utilizado no Brasil com um significado um tanto diferente do que no uso em inglês. Disk, traduzido em português: disco, é vocábulo que designa tanto os objetos que servem como um mecanismo de gravação de documentos pelo computador como os utilizados para gravações fonográficas. Significados que estão distantes do uso corrente pelos comerciários – disk, significando entrega em domicílio, com solicitação do produto feita por telefone.

Há neste termo a presença de dois elementos ‘estranhos’ ao nosso sistema lingüístico, o que nos permite caracterizá-lo como produzidos por nossa criatividade. O primeiro seria a estrutura da sílaba final. Essa não é uma construção final de sílaba característica da língua portuguesa. Ademais o vocábulo em questão passa a muitos como uma palavra anglófona cujo significado é o mesmo tanto para os falantes da LI quanto para os do PB. No caso a utilização desse termo no contexto em que o vemos no Brasil trata-se de uma criação característica da criatividade do povo brasileiro. Em inglês, os termos equivalentes seriam dial ou press (discar), call (chamar, ligar) e delivery (entrega em domicílio) sendo o último o que melhor traduz nosso *disk*. Tomou-se o imperativo em língua portuguesa disque, e com a simples troca da última sílaba (-que) pela letra **k** aparentemente anglicizou-se o vocábulo que designa o serviço de entrega em domicílio

oferecido por alguns serviços e comércios, fruto da criatividade lingüística da comunidade receptora em questão.

Uma das preferências nessas criações é a troca de uma sílaba da língua portuguesa por uma única consoante que sonoramente tenha, de acordo com a pronúncia dos falantes brasileiros, semelhança com a sílaba substituída. O usuário troca uma sílaba por uma única letra sem ocasionar alteração na pronúncia, quando da leitura do vocábulo por conterrâneos.

Em **Salão de Beleza Destak** temos um exemplo dessa substituição. No vocábulo **destak** a última sílaba em português seria ‘**que**’ (destaque), porém para os brasileiros a pronúncia da palavra **destaque** [destaki] e de sua substituta **destak** [destaki] é exatamente a mesma. Não diferenciamos uma da outra.

A permuta, na ocorrência, não incide em mudança de significado, visto que o ‘k’ (em posição final) têm a mesma sonorização para os brasileiros que o ‘que’ de **Destaque**, não ocorrendo, portanto, o travamento por oclusiva final como ocorre em inglês. No sistema fonotático da língua portuguesa não é possível terminar uma palavra com uma consoante que tenha esse modo de articulação (plenamente realizável na língua inglesa). Quando o falante do PB encontra uma palavra cuja grafia não apresente uma vogal final, apenas uma oclusiva, na fala o usuário naturalmente acrescenta um som vocálico. Normalmente a vogal alta, frontal [i]. Como afirma Câmara Jr. (1985, p. 59)

Ficou assim estranho à fonologia portuguesa o travamento por oclusiva final. Em certas onomatopéias, que a língua escrita representa com –c final, por exemplo, há na realidade um /k/ crescente, apoiado na vogal anterior do quadro vocálico átono final: tic-tac, para o ruído do relógio, ou toc-toc, para o patear de cavalgadas, têm 4 sílabas, como exemplificam os seguintes versos hendecassílabos do poeta português⁴⁵.

“Toc-toc-toc, como se espanja/Lindo, o jumentinho pela estrada chã!”

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Essa tendência ao acréscimo ocorre não apenas nas onomatopéias, mas também nos empréstimos lingüísticos oriundos da língua inglesa. A presença do **k**⁴⁶ angliciza a palavra para a comunidade brasileira, sem haver qualquer perda semântica, uma escolha vista como valorosa para o proprietário. A comunidade lingüística reconhece a anglicização sem deixar de entender o que o estabelecimento deseja fazer pelos clientes –

⁴⁵ Guerra Junqueiro, Os Simples, 9ª ed., p. 25. Onze sílabas, excluída a última átona.

⁴⁶ Em 2010 os livros didáticos já devem estar em conformidade com o acordo ortográfico que inclui, entre outras, o ‘k’ como letra do alfabeto brasileiro. O objetivo do acordo é acabar com as diferenças entre a grafia do Brasil e a dos demais países que têm o português como língua oficial.

colocá-los em **Destaque**. Esse vocábulo tem inclusive recorrência entre outros estabelecimentos que fornecem serviços de embelezamento no mesmo bairro onde esse registro foi feito.

Além desse tipo de substituição, podemos perceber que há uma tendência em manter a grafia do termo que se tomou emprestado da LI, embora a pronúncia deste se aclimate. Tal fato nos leva a afirmar que há uma crescente disseminação de palavras anglófonas em nossa comunidade lingüística, principalmente através dos meios de comunicação social que costumam conferir uma aura de superioridade às mesmas, preferindo-as ainda que tenhamos correspondentes em PB, como é o caso de **personal trainer**, por exemplo. Se não houvesse essa difusão, muito provavelmente os indivíduos não se sentiriam tão à vontade para criações tão inusitadas.

O contato dos usuários com essa língua se dá principalmente por dois meios: a escola – a rede pública, em sua maioria no Acre, oferece a LI como língua estrangeira moderna; e a mídia. Enquanto na escola o indivíduo tem um contato sistêmico, estrutural com a língua⁴⁷, a mídia a oferece ao público dentro de um contexto atraente e cheio de significados relacionados ao status, ao poder, principalmente o de consumo. Fica na memória dos falantes expostos a essa prática discursiva que: inglês é **chic**, bonito, mais interessante e sonoro do que a língua brasileira. Por utilizar os mais modernos meios para atrair a atenção dos consumidores em potencial, a mídia transmite com maior eficiência essa imagem e, a partir dos termos por ela difundidos, os indivíduos fazem as inferências a respeito do código lingüístico do qual querem tomar emprestado, gerando ‘novos’ termos. Ou seja, a partir das análises feitas até aqui podemos inferir que o conhecimento a respeito da LI, possivelmente adquirido na escola, não é o guia para a construção dessas ocorrências, mas simplesmente o conhecimento adquirido através do contato com a indústria cultural, e regado pela pronunciabilidade de tais invenções. O que percebemos é que o conhecimento transmitido pelas instâncias pedagógicas oficiais ou adquirido através do contato com a mídia, terminou por proporcionar as mais criativas possibilidades como as analisadas nas próximas linhas.

Uma das possibilidades nessas criações é a de ignorar-se a grafia de uma palavra e escrevê-la como foi ouvida. **Play Art**, por exemplo, seria pronunciada [*ˈpleyˈa:t*] por anglófonos. No entanto, falantes do português que apenas ouviram a expressão, não tiveram contato com sua grafia, e que não têm conhecimento do sistema fonotático da LI,

⁴⁷ Língua inglesa.

sem qualquer constrangimento ou culpa a grafarão: **Pleyarte**. Esse é o nome dado a uma locadora de vídeos em um dos bairros nos quais realizamos nossa pesquisa.

Pleyarte Vídeo Locadora apresenta, além da inversão da posição do modificador, uma criação fruto da junção de **play** e **art**, em que fora desconsiderada a grafia das mesmas. Em inglês as letras **e** e **y** juntas representam um dígrafo que pode ocorrer no final da palavra, e produzem o som de uma vogal alta como nas palavras anglófonas **monkey** [m' nki], **key** [ki:], **galley** [g'æli]. Portanto, significa dizer que, ao ler o nome fantasia, a primeira pronúncia imaginada pelo falante de língua inglesa seria algo como [pli:t], em vista da vogal final **e** ser suprimida na pronúncia pelos mesmos. No estabelecimento⁴⁸ era possível locar vídeos e fitas de jogos, o que nos levar a inferir **pley arte**, como tendo o significado de: 'a arte de tocar', 'jogar' e/ou 'jogue arte', para os quais a grafia anglófona seria **The art of playing** ou **Play art**.

Seguindo o mesmo modelo da criação discutida acima, analisemos uma ocorrência registrada em uma lixeira em um dos bairros selecionados, a palavra **brodthere's**. A criação foi escrita próxima a dois nomes masculinos o que nos leva a inferir se tratar de **brothers** no sentido de companheiro, amigo próximo. Como o criador chegou a **brodthere's**? Analisamos que para a criação dessa ocorrência o usuário seguiu a lógica de seu sistema lusófono sem, contudo, deixar de considerar elementos que demonstra saber existirem na LI. Temos nessa ocorrência três sinais que nos levam a afirmar isto. Em primeiro lugar o acréscimo da consoante **d**. Ao ouvir a palavra **brother** o usuário entendeu como sendo o terceiro som consonântico o som de um **d**. Isto por que em PB não temos a ocorrência do fonema dental, fricativo, sonoro [ð] que é produzido pelo encontro das consoantes **th**, como nessa palavra. Por exemplo, a palavra em questão – **brother** - é pronunciada em inglês: [ˈbrʊðə:] o som que para os falantes do PB é confundido com uma alveolar, oclusiva, sonora [d] é na verdade uma dental, fricativa, sonora [ð] o que justifica a presença do **d** na ocorrência, como sendo fruto da interferência do sistema lingüístico na grafia da palavra estrangeira. Um segundo ponto é a permanência de **th** na palavra indicando que o usuário sabe que há esse dígrafo na mesma, mas como não conhece a sua pronúncia ao certo coloca a letra **d** seguido do **th**. Um terceiro sinal constitui-se de dois elementos: o uso do caso genitivo e do acréscimo da vogal final **e**, que entendemos estarem inter-relacionados. O usuário queria dizer que os dois indivíduos do sexo masculino, cujos nomes estavam grafados nas proximidades da palavra, eram 'irmãos'. Isto exigia que o substantivo fosse para o plural, devendo ser escrito: **brothers**.

⁴⁸ Fechado durante a pesquisa. No lugar o proprietário abriu um lava-jato.

No entanto essa terminação **rs** não ocorre em PB. A flexão numérica no sistema lusófono não produz tal encontro. Logo, pareceu-lhe óbvia a indispensabilidade da presença do **e** entre **r** e **s** que o levou a chegar a **brodtheres**. Novamente o caso genitivo⁴⁹, provavelmente sendo usado nessa ocorrência pela compreensão do usuário de que palavra com terminação **s** é sempre grafada com um apóstrofo. É exatamente o que ele vê em muitos lugares de seu ecossistema lingüístico, não se tratando **brodthere's** de uma criação absurda a que ele chegou em homenagem, talvez a uma bela amizade.

No entanto, esses tipos de ocorrências comentados acima não são muito fáceis de serem encontrados. Entendemos esse fato como resultado da ampla divulgação dos anglicismos tanto por meios escritos como falados⁵⁰, diminuindo as possibilidades de ocorrências dessa categoria.

Um fato é perceptível beirando a obviedade, quando o usuário não conhece o termo que possa designar o que ele deseja, toma uma palavra do léxico de sua comunidade lingüística e a angliciza utilizando para isto o que chamamos de instrumentos anglicizantes, ferramentas para a reestruturação de palavras do léxico lusófono de modo que se pareçam com um vocábulo anglófono.

A substituição de sílaba pela letra 'k' é um dos meios mais utilizados nesse processo proposital de anglicização de palavras de origem lusófona. **Skina da Moda** é um exemplar disso. Além da troca de uma sílaba (**qui** – de **esquina**) houve também a supressão da vogal inicial, no intuito de remeter a estrutura silábica inicial **sk** da LI. O criador do nome fantasia, ao engendrará-lo, lançou mão desses dois instrumentos anglicizantes para aproximar a palavra do PB da estrutura mórfica da LI sem que os clientes tivessem qualquer ruído na compreensão do significado do mesmo. Como no exemplo citado no parágrafo anterior o nome continua a ser oralizado da mesma forma que em PB, haja vista esquina [*χskin.ɛ*] e skina [*χskin.ɛ*] terem a mesma pronúncia em nossa comunidade, mas está escrito como se fora uma palavra de origem inglesa.

Nesse mesmo tipo de anglicização podemos incluir a ocorrência **Rosa Chok**. Nesta houve apenas uma alteração a sílaba final **que (de choque)** foi substituída por **k**. Se a razão fosse apenas destacar o nome fantasia, sem anglicizá-la, não poderia ter ocorrido apenas a supressão de **ue**, chegando a **choq**? A pronúncia fica a mesma, pois tanto em 'choque', como em 'chok' e 'choq' os falantes do PB pronunciam [*ch*]kω]. Esse tipo de

⁴⁹ Esta ocorrência poderia inclusive estar na subseção do caso genitivo, mas a vemos mais como fruto de uma inovação de um vocábulo da LI regida por regras das duas línguas em questão.

⁵⁰ Novamente: a força da mídia, muito mais que do o ambiente escolar e suas enfadonhas repetições gramaticais descontextualizadas.

supressão, tem se tornado prática cada dia mais comum entre os usuários dos bate-papos da internet e/ou das mensagens de texto via celular, ocasião em que quase todas as sílabas com ‘que’ e ‘qui’ são transformadas em apenas **q** ou **k** sem qualquer dificuldade de compreensão. Além da supressão, a troca do **q** pelo **k** indica sinais de busca da anglicização, pelo menos gráfica, da palavra.

A ocorrência **Bury’s Burg**, também consideramos como possível de ser classificada como fruto dessa criatividade – embora pudesse estar também na seção do caso genitivo, decidimos analisá-la aqui por ser, a utilização dessas duas palavras juntas, mais pertinente para essa subseção. O nome fantasia nos leva a entender tratar-se de um local em que são vendidos sanduíches pela presença do vocábulo **Burg** do, já familiar aos nossos ouvidos, hambúrguer. A palavra que o precede, no entanto, nos leva a entender que se trata do proprietário do estabelecimento **Bury** por não haver tal substantivo comum em nosso léxico. A criação deve ter ocorrido a partir da corruptela de hambúrguer – **burg**, seguida da troca do **g** por **y**, o que tornou o nome fantasia da lanchonete fácil de ser lembrado pelos usuários, clientes em potencial. Em LI a palavra **bury** é traduzida para o PB como **enterro**. Embora haja o uso dessa palavra **bury** como gíria, os significados dados à ela são sempre no sentido de enterrar, ação/acontecimento que não nos agrada lembrar na hora de fazer um bom lanche, mesmo que em nosso sanduíche exista um **presunto** (gíria utilizada por alguns estratos sociais para designar ‘cadáver’).

A partir das ocorrências fotografadas concluímos que as criações se dão principalmente, pela utilização do que chamamos de instrumentos anglicizantes⁵¹, de modo que a palavra do léxico do português se assemelhe a palavra da LI, nessa categoria também podemos citar palavras como **disk** e **chick** discutidas anteriormente.

As estratégias anglicizantes preferidas são: a supressão de vogais (em especial as iniciais e finais) e a utilização de letras ainda não-pertencentes ao alfabeto lusófono como **k**, **w** e **y**, podendo ser usados separadamente ou em conjunto, quando tanto há supressão de vogais como há o acréscimo das citadas letras em lugar das correspondentes conhecidas.

O uso de anglicismos como os que analisamos nessas páginas nos remetem ao caráter performático da língua. Silva (2000, p. 92-96), ao discutir identidade e diferença como produções dos processos discursivos e lingüísticos, levanta essa questão afirmando que a repetibilidade, a que é passível todo signo, que torna possível a comunicação entre nós, mas também é a mesma que garante o fortalecimento dos valores estabelecidos, donde a razão da linguagem ser performática. Ao serem utilizadas, as palavras fazem coisas

⁵¹ Resguardadas ocorrências como **brodthere’s** que não pode ser incluída nesta categoria de ocorrência.

conosco e com os outros, pois perpetuam uma ordem, ao reafirmá-la. Vejamos como é colocado por Tomaz Tadeu da Silva (2005, p. 94) em relação a esse assunto.

Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção da identidade [...] Uma característica essencial do signo é que ele seja repetível.

A repetição de vocábulos de origem inglesa em nossa comunidade reafirma o *status* que os países anglófonos têm entre nós e contribuem para a afirmação de que muito há que ser feito para conseguirmos alcançar um ponto em que a língua do outro não nos seja tão atraente assim. Como acontece, por exemplo, no encontro que muitos acreanos, não apenas os rio-branquenses têm com os bolivianos residentes em Cobija, ou na antiga Montevideo, em que há mais contato regido pelo sentimento de superioridade de uns pelos outros, do que contatos culturais entre iguais⁵². Os empréstimos lingüísticos – mais precisamente os espanholismos⁵³ - deveriam ser registrados em grande quantidade no território escolhido por nós para a coleta de dados, haja vista a proximidade e a facilidade de locomoção até a fronteira, no entanto não ocorreram até o momento. Embora goste de atravessar a fronteira Brasil-Bolívia para a aquisição principalmente de aparelhos eletrônicos bem abaixo do custo no Brasil, o acreano não toma emprestado termos lingüísticos que naturalmente seriam fruto desse contato. Não interessa muito aos brasileiros emprestar termos do léxico de um povo cuja moeda, por exemplo, é mais fraca do que a nossa. Discutiremos essa questão em um subseção de nosso terceiro capítulo.

Nesse ponto queremos destacar esse fato como mais um a reafirmar a importância do *status* de uma comunidade lingüística para que ocorram os empréstimo lingüísticos, ratificando que pode não ser, em certos casos, a necessidade lingüística a principal motivação dos mesmos (Langacker, 1972).

Para nos auxiliar na delimitação de um perfil identitário do acreano a partir da presença registrada de anglicismos no ecossistema lingüístico da comunidade rio-branquense podemos resumir que as ocorrências podem ser classificadas em dois subconjuntos, que constituem o conjunto maior: o dos anglicismos. Observemos a ilustração a seguir.

⁵² Cobija (Bolívia) faz fronteira com Brasília - Acre, e Montevideo, incendiada no ano de 2006 está sendo reconstruída em outro local, mas ainda na fronteira com Plácido de Castro.

⁵³ A Bolívia é um país de língua espanhola.

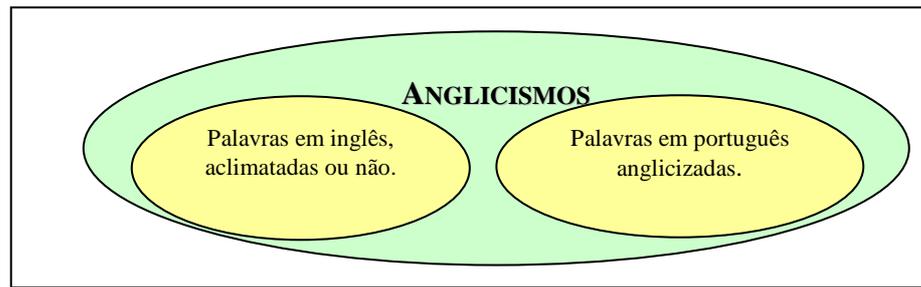


Ilustração 11 - Anglicismos com ou sem aclimação e anglicização de palavras do léxico lusófono.

Essa ilustração resume em imagens as conclusões às quais chegamos embasados nas análises feitas. Os anglicismos formados a partir de uma palavra da língua portuguesa mantiveram, em todas as ocorrências registradas, as regras do sistema fonotático do PB. Isso quer dizer que, embora a escrita apresente certa semelhança à língua inglesa, ao passar do nível gráfico para o sonoro tais criações são alteradas de modo a não haver necessidade de tradução para a língua portuguesa.

Essa alteração se realiza da seguinte forma: O usuário cria o termo suprimindo uma vogal final ou inicial como, por exemplo, em **Skina da Moda** e **Rosa Chok**, discutidas acima. Nas duas ocorrências, houve a supressão de uma vogal e a substituição do **q** - factível nos dois casos – por um **k**. Os criadores desses nomes utilizaram esses dois instrumentos para anglicizá-los sem alterar a pronúncia desses dois vocábulos pelos falantes do PB. A divulgação destes nomes ou mesmo a leitura dos luminosos dos dois estabelecimentos é realizada como se não houvesse ocorrido qualquer troca de modo que são pronunciadas [χskinɛ] e []k].

Seguindo as linhas de pensamento de Haugen (1950), Bloomfield (1933), Dubois (2004) e Crystal (2000) a respeito desse fenômeno da linguagem, podem ser considerados empréstimos os traços tomados emprestados de um sistema lingüístico diverso do materno, da comunidade receptora dos mesmos.

Como foi possível observar neste capítulo, tanto palavras de origem inglesa quanto de origem portuguesa foram analisadas como anglicismos. Ora, se consideramos como anglicismo um empréstimo oriundo da língua inglesa – como afirmamos no início de nossa subseção 1.3.3 (com o título ‘Anglicismos’) - não seria uma contradição incluir nela as ocorrências cuja origem foi uma palavra do PB? De fato, seria contraditório coletar essas ocorrências e analisá-las como anglicismos sendo que foram criadas a partir de palavras

lusófonas; no entanto, nos é bastante clara a distinção entre os termos ‘palavra’ e ‘traço’. O termo ‘traço’ açambarca um número maior de elementos característicos de um código lingüístico do que simplesmente a ‘palavra’. Com a afirmação de que são considerados ‘empréstimos lingüísticos’ os **traços** tomados emprestados de uma língua, podem ser incluídas as palavras, a estrutura silábica, a inclusão de letras ainda não constantes do alfabeto da língua receptora e a sintaxe, como vimos nas análises feitas acima.

Logo, se os anglicismos presentes no ecossistema lingüístico de Rio Branco são produzidos a partir da palavra estrangeira ou a partir de uma palavra do léxico lusófono. O produto que a comunidade cria na hibridização dos dois códigos pode ser caracterizado como sendo ambos, tanto os vocábulos cuja origem foi a LI quanto os que, sendo lusófonos, foram anglicizados para terem as feições de palavra de origem inglesa, mesmo não sendo, o que legitima a categorização dessas ocorrências como anglicismos. Devemos ainda considerar, como determinantes para essa categorização com tais criações, a motivação dos seus criadores, que utilizaram os elementos, chamados aqui de estratégias anglicizantes, no claro intuito de deixar a palavra lusófona com os traços de uma anglófona, sem que o falante do PB encontre qualquer ‘ruído’ de compreensão, quando diante das mesmas. Apesar de haver um ruído ‘visual’ causado pela anglicização, ele não é de compreensão ou seriam utilizadas palavras que não circulam muito no aparelho midiático ao qual os lusófonos estão expostos como, por exemplo, **awesome**, sinônimo para *totalmente legal*. Importante ressaltar que ainda que tenha buscado a semelhança de uma palavra do PB com um da LI, o usuário não se afasta daquilo que para o sistema fonotático de sua língua é passível de ser pronunciado, como exemplificamos acima. Não encontramos, por exemplo, criações com encontro consonantal perfeito **rl**, como ocorre nas palavras anglófonas *curl*⁵⁴, *whorl*⁵⁵, cujas pronúncias representam uma dificuldade para os aprendizes portugueses da LI como língua estrangeira.

O fato de a criatividade lingüística destes usuários obedecer a esses limites⁵⁶ possibilita a criação somente de palavras pronunciáveis aos falantes do PB. Não foram encontrados, por exemplo, quaisquer registros semelhantes à *column*⁵⁷, devido à dificuldade, para os falantes do PB, em pronunciar em inglês esse dígrafo para a nasal [m] como o que o vocábulo exemplificado apresenta. Nesse exemplo em especial, o que ocorreria seria a nasalização da vogal arredondada alta /u/, pois, no sistema lingüístico dos

⁵⁴ Cacho, anel, caracol, ondulação, encrespamento.

⁵⁵ Uma volta de um espiral, uma forma espiralada.

⁵⁶ Não foram encontradas ocorrências que não apresentassem um desses elementos, ou mais de um.

⁵⁷ Coluna, artigo em um jornal, editorial.

lusófonos, ambas letras **m** ou **n** quando em posição final de palavra apenas nasalizam a vogal anterior a elas, logo não constituem um encontro consonantal significativo para os falantes. As estratégias anglicizantes das quais os usuários lançam mão seguem, como critério primordial, a pronunciabilidade, ou seja, mesmo que o falante busque total originalidade e procure criar uma palavra que, ortograficamente tenha feições anglófonas bem diferenciadas das lusófonas, esse anseio estará limitado pelo fato de que, se não for pronunciável, seu serviço ou comércio encontrará dificuldade de divulgação entre cliente e cliente em potencial.

A razão de considerarmos as palavras inglesas não-aclimatadas (card, clinic, center, dog, new, burgs,...) como anglicismos, e não como estrangeirismos, está alicerçada na percepção de que, ao serem estampadas em veículos particulares ou pertencentes a uma empresa, em muros, fachadas comerciais e mesmo em rótulos de produtos da região, essas palavras automaticamente se incorporaram a esta comunidade. Na medida em que se incorporam à comunidade lhe são atribuídos significados deixam de ser *estrangeiros* para se configurar como termos integrantes do léxico desta, tomando corpo (sentido) no seu ecossistema lingüístico.

Consoante com Rajagopalan (2005, p. 155) entendemos que, ao se tornar uma língua franca, a LI passa a estar suscetível às mais diversas hibridizações.

Conforme já frisei em outras oportunidades, embora se trate de um fenômeno jamais visto em épocas passadas, o que a questão do inglês (ou, como insisto em dizer, do *World English*) traz à baila é algo que talvez ocorra em todas as línguas do mundo, em especial naquelas que convivem em contato permanente umas com outras.

Ou seja, o hibridismo inevitável é o preço que todo e qualquer idioma tem de pagar ao se transformar em *língua franca*.

Para o autor, as hibridizações a que a LI está suscetível é o fim de toda a língua que se quer internacional, levando inclusive o *World English*, ou seja, não é o *American* nem o *British English*, mas um terceiro inglês, o do mundo, assim sendo todos os seus usuários têm liberdade para utilizá-lo assim como o fazem com sua língua materna.

Analisadas as ocorrências à luz da teoria dos empréstimos lingüísticos, cabe a nós, a partir dessa análise, discutir a relação linguagem e identidade no Acre. E ainda, como a língua tem influência no processo identitário do povo acreano e qual seria a agência, neste processo, da presença de anglicismos em seu ecossistema lingüístico? As anglicizações, registradas no âmbito gráfico comercial, indicam que a identidade acreana está se

anglicizando? Se considerarmos a língua como prática identitária e presenciarmos a presença de vocábulos anglófonos começando a integrar o léxico desta, a resposta a esse questionamento seria uma afirmativa. No entanto, ainda nos faltam reflexões para podermos chegar às conclusões que respondam essas perguntas.

3. ANGLICISMOS E ACREANIDADE: EM BUSCA DA RELAÇÃO

Antes de iniciarmos a discussão a respeito da relação entre anglicismos e acreanidade, vale explicitar o porquê de, entre empréstimos lingüísticos, estrangeirismos e anglicismos termos preferido o último. Não que se trate no caso de três categorias distintas de produto do contato entre línguas, afinal anglicismo é um empréstimo lingüístico, são apenas diferentes quanto à abrangência, mas queremos deixar claro nossa escolha para designar as ocorrências analisadas.

Em primeiro lugar por nosso objeto de estudo ser o empréstimo lingüístico oriundo da LI, logo, o termo anglicismo classifica bem o tipo de vocábulo que focalizamos como materialização da identidade através da língua. Barbosa (1990) considera como sendo o diferencial entre um estrangeirismo e um empréstimo lingüístico o fato de ser o estrangeirismo ‘um empréstimo vocabular não integrado à língua que o toma, conservando da outra os fonemas, a flexão e a grafia’. Por conseguinte os termos coletados no ecossistema lingüístico de Rio Branco são anglicismos, empréstimos lingüísticos oriundos da LI, e não estrangeirismos. Como pudemos verificar em nosso capítulo anterior mesmo mantendo a grafia do vocábulo de origem anglófona, o termo que foi tomado emprestado não mantém a flexão e os fonemas originais. Aliás, podemos afirmar que esses dois traços lingüísticos são os que se prestam a miscigenação quando tais palavras – de origem inglesa – passam a ser utilizadas pelos brasileiros.

Apenas a título de exemplificação refletimos sobre a palavra **plug**⁵⁸ que se incorporou a nossa língua mantendo a mesma grafia. Em ambientes em que se trabalha com aparelhos musicais como guitarras, teclados, violões, sistemas de som em geral, os indivíduos que estão encarregados do bom funcionamento destes, através de uma boa transmissão do som a platéia, conhece bem o que é um **plug** e foram apresentados a ele já com essa designação. A flexão de número, neste anglicismo, se manteve também na escrita, porém em sua pronúncia os brasileiros a incorporaram a em seu sistema lingüístico realizando-a com uma sonoridade de acordo com seu sistema fonotático. Isto significa que,

⁵⁸ Tomada, cavilha.

enquanto um anglófono vê essas quatro letras e as lê [*'pl g*], o lusófono lê as mesmas quatro letras como [*'plugi*], novamente a questão da oclusiva final à qual o usuário do PB costuma acrescentar um som vocálico, normalmente a vogal alta [*i*]. No plural, em português, se mantém a mesma grafia do inglês, **plugs**, mas a realização fonética será distinta. Em LI há uma relação entre o som final da palavra no singular e a pronúncia dessa terminação no plural. Logo, ao pronunciarmos uma palavra no plural em inglês devemos estar atentos à terminação desta no singular, o que não ocorre no PB. Por exemplo, se uma palavra termina com som surdo, o plural em inglês é simplesmente pronunciado com [*s*]; se a terminação é com fonema sonoro, a pronúncia do plural é [*z*] e quando um vocábulo termina com som consonântico sibilante a pronúncia do substantivo no plural é [*əz*]. Assim, no vocábulo citado, por exemplo, a pronúncia do plural seria [*'pl gz*] em inglês, haja vista o singular terminar com uma consoante sonora velar [*g*], enquanto que em PB a mesma grafia é pronunciada [*'plugis*], pois em português não há relação estabelecida na LI entre a terminação da palavra no singular e seu plural. O que significa dizer que mesmo a flexão é alterada, não graficamente, mas na realização sonora do vocábulo.

Por entendermos que até agora não houve, no ecossistema lingüístico analisado, um empréstimo oriundo da língua inglesa que mantivesse os fonemas, a flexão e a grafia, classificamos todas as ocorrências oriundas da LI como anglicismos, não os diferenciamos como estrangeirismos, especialmente por terem a pronúncia sempre aclimatada no PB, como exemplificamos no parágrafo acima. A partir do momento que é incorporado no cotidiano lingüístico da comunidade lusófona, automaticamente é alterado de modo que seja, com certa facilidade, pronunciável pelos seus usuários.

Discutimos no capítulo anterior o conceito de anglicismo, analisando, inclusive, ocorrências registradas em Rio Branco, mas e a acreanidade? Até aqui não apresentamos conclusão alguma a respeito dela. Existiria entre os acreanos esse sentimento de pertencimento às terras do Acre, ou a sua história? O sentimento de pertencimento as terras acreanas é alterado pela presença desses anglicismos? Ou seria a presença destes um sinal de que a identidade acreana não é firme ou atávica?

Cerca de quinze anos atrás não se ouvia, pelo menos não com a mesma freqüência que hoje, esse termo: acreanidade. No Estado do Acre o vocábulo foi difundido a partir do governo de Jorge Viana, que não mediu esforços em divulgá-lo entre os acreanos com o intuito de, no mínimo, querer despertar o sentimento de pertencimento dos mesmos a 'uma

história de luta'. Até bem pouco tempo grande parte dos residentes⁵⁹ olhava o “Brasil” como se não fizesse parte dele e mantinha práticas discursivas indicativas de um consenso da comunidade de que: “tudo é melhor ‘lá fora’, ‘lá pra baixo’ é diferente, ‘onde tudo é melhor’”.

Podemos definir, desse modo, a acreanidade como a palavra que quer resumir o sentimento de pertencimento não só às terras acreanas, mas principalmente ao espírito de luta dos que tornaram essas terras legalmente pertencentes à atual República Federativa do Brasil, conceitos a serem fortalecidos pelas narrativas da história oficial. Ter acreanidade significaria, a partir deste ponto de vista, ter o jeitinho acreano de ser e viver em uma cidade amazônica, respeitando o meio ambiente, desenvolvendo a florestania⁶⁰ com sustentabilidade, mas com a altivez e coragem dos colonizadores dessas terras, como incita, aos acreanos, o hino do Estado em sua última estrofe:

Mas se audaz estrangeiro algum dia/ Nossos brios de novo ofender/
Lutaremos com a mesma energia/ Sem recuar, sem cair, sem temer/ E
ergueremos, então, destas zonas/ Um tal canto vibrante e viril/ Que será como a
voz do Amazonas/ Ecoando por todo o Brasil.⁶¹

Palavras fortes, como as que devem tecer o hino de um Estado, que ressaltam inclusive a defesa do território de possíveis ofensas de estrangeiros.

Conceituamos acreanidade desta forma, conscientes de que a difusão desse termo, e subseqüentemente de seus significados, faz parte de uma política governamental e que a unificação de um povo, a partir de denominações como esta, através de uma noção de pertencimento dos indivíduos que o compõem a uma terra em particular, torna o estado mais governável. Em nossa opinião o movimento nesse caso é vertical. Ao invés de ser reflexo do que o povo pensa e sente, essa designação quer suscitar neste o sentimento de pertença que *a posteriori* unifique-o como povo a ser governado rumo ao progresso.

Se essa acreanidade é mais um discurso político do que um sentimento de um povo, haveria uma identidade acreana? Caso obtenhamos resposta afirmativa a essa pergunta, qual a importância para esta identidade da presença de anglicismos em nosso ecossistema lingüístico? O fato de haver tanta recorrência (repetição) desses empréstimos

⁵⁹ A mudança desse paradigma ainda está ‘sendo’ se construindo.

⁶⁰ Termo criado pela equipe do ex-governador Jorge Viana.

⁶¹ A letra do Hino Acreano foi escrita pelo poeta médico Dr. Francisco Mangabeira em 05 de outubro de 1903, no acampamento do exército de Plácido de Castro no seringal Capatará, situado acima do igarapé Distração, na cidade de Rio Branco, onde prestava seus serviços médicos.

lingüísticos ocasiona o quê, tendo em vista que fazemos coisas com as palavras (LARROSA, 2004)? Para responder essas perguntas discutiremos nesse capítulo a relação linguagem e identidade, procurando, a partir dessa discussão, compreender a agência dos sujeitos na sua possível acreadidade a partir da preferência pelos empréstimos oriundos do sistema lingüístico anglófono.

3.1 Linguagem e identidade

Poucos leigos, usuários comuns⁶² do PB discordam da afirmação de que ‘o falar de um povo indiscutivelmente o identifica’. Não é incomum ouvirmos frases como: “O guri ainda está brincando, tchê?” serem seguidas da pergunta-classificatória: “Você é gaúcho?”. Esta questão já foi abordada em nosso primeiro capítulo. Aqui aprofundaremos a reflexão.

Falar ou não português indica se somos brasileiros ou não, na maioria dos casos⁶³. É uma forma simples de declaramos nossa nacionalidade sem a dizermos explicitamente. Nossa identidade constitui-se da soma de nossa história e cultura que são tecidas na e através da língua, esta por sua vez produzida pela sociedade. O falar de uma comunidade lingüística se tece também dentro da sua cultura e do seu percurso histórico. Na verdade, ele é cultura, e se consideramos a identidade de um indivíduo como fruto de sua cultura, então língua e identidade são inseparáveis.

Se voltarmos nosso olhar para países como Brasil e Estados Unidos, a título de exemplificação, podemos comprovar a veracidade dessa afirmação. Tanto o primeiro quanto o segundo tiveram institucionalizadas como línguas oficiais as de seus colonizadores, sendo, portanto erroneamente designadas idiomas nacionais. Se elas foram trazidas pelo estrangeiro e impostas aos nativos – indígenas – então não poderiam ser chamadas línguas nacionais. O que, com naturalidade, ocorreu é que essa língua do colonizador recebeu influência dos sistemas lingüísticos presentes nas terras antes da chegada do mesmo. Além desta mistura os imigrantes que se estabeleceram contribuíram lingüísticamente no léxico destas ‘línguas oficiais das nações’.

⁶² Utilizamos ‘comuns’ nos referindo aos que não se dedicam aos estudos da língua e as reflexões um pouco mais aprofundadas a respeito da identidade dos falantes.

⁶³ Um estrangeiro pode por ventura, perder o sotaque que o caracteriza, mas são poucos os que conseguem e tentamos compreender a motivação desta conquista exigiria de nós um outro trabalho de modo que pudéssemos discuti-la a contento.

Tanto os americanos quanto os brasileiros são indivíduos cujas nações têm códigos lingüísticos que se diferenciaram das nações que foram suas colonizadoras. As divergências vão desde a pronúncia ao léxico, porém, a despeito dessas diferenças não são consideradas como duas línguas diferentes. A língua portuguesa, a título de exemplificação, tem o mesmo nome em Portugal como no Brasil, haja vista serem ‘línguas’ que ainda não se distanciaram tanto a ponto de poderem ser consideradas códigos lingüísticos diferentes.

No Brasil, ‘rapariga’ não é uma palavra pela qual uma brasileira gostaria de ser designada podendo inclusive, ser tomada como um desrespeito, uma afronta, sendo inclusive não mais utilizada na atualidade, enquanto que para as portuguesas soa natural como é natural para os brasileiros chamar uma pessoa do sexo feminino de ‘moça’.

Na Inglaterra, elevador é *lift*⁶⁴, enquanto que nos EUA a mesma máquina utilizada para subir de um andar ao outro de um edifício sem utilizar as escadas é chamada de *elevator*, por exemplo.

O português brasileiro, o inglês norte-americano e as demais línguas são frutos de todo um percurso histórico e cultural que cada nação viveu de uma forma. Um oceano de distância, como nos dois exemplos citados, quase impossibilita a manutenção da língua do colonizador, nem ao menos possibilita que tenha o mesmo desenvolvimento no decorrer dos anos. Nas terras em que foram ‘deixadas’ essas línguas encontraram outros povos e naturalmente se enriqueceram das culturas destes a partir de uma mistura lingüística inevitável e enriquecedora. Mesmo que não propositalmente, os indivíduos dessas comunidades amoldaram a língua do colonizador de acordo com os encontros sociais e étnicos vividos, gerando mudanças no sistema lingüístico herdado. Fato que não é mérito dos brasileiros ou norte-americanos, pois mesmo antes de cruzar o Atlântico a língua portuguesa, por exemplo, se prestava a essas mudanças, como afirma Câmara Júnior (1985, p. 189).

O léxico português, entendido como o conjunto de nomes e verbos da língua, é fundamentalmente de origem latina.

Nele é que se apresentam, entretanto, em larga escala os fatos de empréstimos lingüísticos. A história do nosso léxico reflete de maneira expressiva, a história externa da língua, ou seja, a história dos contactos da população de língua portuguesa, a partir do romance lusitânico, com as mais variadas nações aloglotas.

⁶⁴ Que em inglês norte-americano significa **levantamento, suspender, erguer**.

Se o latim chegou a gerar, dentre outras, a nossa língua portuguesa foi exatamente por conta dos contatos com outras comunidades lingüísticas. Nosso falar está repleto de nossa história, das relações de poder, *status* e desejos vivenciados em todo o percurso histórico de nossa comunidade lingüística e, caso nos detenhamos no estudo do léxico, das mudanças de qualquer ordem no sistema lingüístico desta vamos encontrar rastros – resíduos dos encontros vividos por ela. Ou seja, somos/falamos hoje a soma destes encontros que viveram nossos antepassados, além das escolhas que fazemos diante das possibilidades, que na atualidade são bastante heterogêneas. Embora saibamos que muitas de nossas escolhas sejam feitas a partir de valores construídos em sociedade, entendemos que a agência do sujeito, indivíduo integrante desta, não pode ser negligenciada nesse processo. Consoante com Brandão (1999, p. 5) “Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.”. A agência do falante determina o que a língua é ou vai um dia ser.

A respeito da relação língua – história, Crystal (2000, p. 41) afirma que

Uma língua encapsula a história de seus falantes. ‘Língua é um arquivo da história’, diz Emerson. Ela arquiva obviamente, por expressar, através da gramática e do léxico de seus textos, os eventos que formam seu passado. Mesmo uma olhada rápida a uma seção de referência de qualquer biblioteca deixa claro o quão dependentes da língua escrita, são as pessoas, para que tenham um sentido pleno de suas origens e desenvolvimento, como uma nação⁶⁵.

A língua escrita é, sem sombra de dúvida, fundamental para se ter essa compreensão de como uma comunidade se tornou o que é, pois nela estão ‘registrados’ os percursos, se não, pelos menos os indícios dos caminhos percorridos para tal. Através de pesquisa em textos de diferentes épocas, podemos, por exemplo, analisar e chegar às conclusões a respeito de como se deram algumas mudanças. Adicionamos a essa afirmação de Crystal que a língua falada também é repositório da história do povo que a fala de modo ainda mais atualizado por seu caráter momentâneo.

O código lingüístico que usamos na atualidade – não só na escrita - está repleto de marcas históricas, sejam as pessoais, as familiares e/ou as da comunidade a que pertencemos. No texto da citação, Crystal utiliza o verbo ‘encapsular’ que a nosso ver,

⁶⁵ Tradução nossa de: A language encapsulates its speakers’ history. ‘Language is the archives of history’, said Emerson. It does this, most obviously, by expressing, through the grammar and lexicon of its texts, the events which form its past. Even the most casual glance at the reference section of any library conveys the extent to which people are reliant on written language for a full sense of their origins and development, as a nation.

metaforiza de forma rica a relação língua/identidade/história. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, **encapsular** significa colocar em cápsulas, protegendo a coesão da essência. Ao afirmar que ‘uma língua encapsula a história de seus falantes’ o lingüista conduz o leitor à compreensão de que cada falante, ao utilizar a língua no seu cotidiano, apresenta comprimidos aqueles com os quais convive. A fórmula destas cápsulas está bastante concentrada, contendo a história de seu povo, de sua comunidade lingüística e dos encontros étnicos que ela viveu, incluindo os conflitos ocorridos a partir destes. O fato das palavras, que compõem o léxico de uma língua, serem cápsulas da história de um povo, não é perceptível para indivíduos de uma mesma comunidade lingüística tanto quanto o é quando os mesmos se encontram em situações de imersão em uma divergente da sua e precisam aprender a língua da comunidade em que estão. Essa compreensão não se dá apenas quando um indivíduo atravessa as fronteiras de seu país e necessita aprender a língua do outro. Mesmo dentro dos limites do território de uma única nação é possível encontrar, especialmente no léxico, marcas desses encontros que, como não ocorreram na comunidade de origem, não puderam gerar nelas as mesmas designações, por exemplo.

Consideremos o Estado do Acre neste aspecto. Entre seus falantes parece existir a aquiescência de que não há quaisquer diferenças nos falares das regionais nas quais está dividido o estado, a saber, Vale do Acre, Vale do Purus, Vale do Tarauacá e Vale do Juruá, desde que os indivíduos em questão sejam considerados acreanos. Todos os acreanos, como brasileiros que são, falam português.

Mesmo não sendo um estado de grande extensão territorial⁶⁶ que pudesse ser uma das justificativas para algumas diferenças no léxico, elas existem. Um falante do Vale do Juruá, por exemplo, que se muda para a região do Vale do Acre passa inicialmente por pequenos mal-entendidos no uso de algumas designações. Como exemplo anedótico dessas designações podemos citar: ‘banana grande’, ‘papagaio’, ‘bolinho’⁶⁷ e ‘vip’, no Juruá e seus respectivos termos em Rio Branco: ‘banana comprida’, ‘pepeta’⁶⁸, ‘bodó’, e ‘refresco’. Uma palavra que soa estranha aos ouvidos dos juruaenses é ‘bribote’ ou ‘biribote’⁶⁹ pois não há correspondente no Vale do Juruá, e designa uma série de alimentos que não são considerados saudáveis como os sanduíches, salgadinhos, cachorros-quente,

⁶⁶ Acreditamos que essas diferenças no léxico permanecem ainda principalmente pela ausência de rodovias que pudessem permitir trafegabilidade aos usuários dos dois vales de modo contínuo, e não apenas nos meses do verão como ainda ocorre nos dias de hoje. Caso houvesse esta possibilidade, o contato entre as comunidades já teriam homogeneizado ao menos alguns desses usos.

⁶⁷ Fritura feita com uma mistura de trigo, ovos, açúcar e uma pitada de sal.

⁶⁸ Em Rio Branco este brinquedo é conhecido por ambas as designações.

⁶⁹ Encontramos as duas realizações na comunidade.

refrigerantes, etc. A substituição de um desses termos pelo seu correspondente normalmente induz a emissão de juízos de pertencimento ou não do usuário àquela comunidade onde utilizou o mesmo. Ou ainda, essa troca pode levar o próprio emissor a se considerar um forasteiro em seu estado de origem. Quando um cruzeirense procura por ‘banana grande’ em uma mercearia em Rio Branco muito provavelmente ouve a pergunta: ‘Você é daqui?’. Ou ouve uma negativa seguida da explicação: ‘Temos banana comprida, que talvez seja o que você está procurando’. Na maioria das vezes esse tipo de sentença introduz uma conversa que objetiva saber a origem do cliente que demonstrou não conhecer a fruta pelo mesmo nome que os rio-branquenses. Esses falantes estão tão acostumados a estabelecer essa relação linguagem-identidade que tais julgamentos ocorrem quase que automaticamente nesses casos.

A pesquisa sobre a razão das sutis diferenças no léxico dessas comunidades lingüísticas que constituem a comunidade acreana, indubitavelmente seria bastante interessante. Além de trazer à tona os primeiros povos constituintes dessas regiões, iria também de encontro com o delineamento de um possível perfil identitário desses acreanos, separados a maior parte do ano, pela densa floresta amazônica. Embora partilhem de uma mesma característica - serem amazônidas – os sujeitos, acreanos, que habitam essas regiões podem ser sim considerados iguais, mas sem se desconsiderar o fato de que têm peculiaridades que os diferenciam.

Entendemos, portanto, ser a língua um repositório da história dos falantes, e essa história é construída pelos sujeitos, agentes que compõem a comunidade lingüística, logo são estes que vão dirigir os rumos que a língua tomará. Ao afirmarmos serem história e cultura elementos constituintes da língua de uma comunidade, e, sendo essa língua invólucro histórico desta, não podemos esquecer de que os indivíduos que a constituem são agentes, e sua agência também decide os rumos que a língua e a comunidade vão tomar, mesmo que esta ação se dê inconscientemente.

3.1.1 Língua e sujeito

Como estamos tratando, nesse trabalho, com a palavra estrangeira escrita vale discutir neste momento, a partir dos conceitos bakhtinianos de sujeito e língua, a agência desta no indivíduo e em sua comunidade. Discussão que consideramos indispensável para

podermos dar continuidade em nossa busca pela delimitação do perfil identitário dos acreanos⁷⁰ a partir dos anglicismos encontrados no ecossistema lingüístico de Rio Branco.

Para Bakhtin, a língua em seu uso prático é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida (BAKHTIN, 1997, p. 96). O signo, portanto, está indissociavelmente relacionado socialmente a uma ideologia sendo que mais ainda o está a palavra estrangeira:

A palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião e da organização política (...). Esse grandioso papel organizador da palavra estrangeira (...) fez com que, na consciência histórica dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a idéia de poder, de força, de santidade, de verdade, (...) (BAKHTIN, 1997, p. 101).

Hoje a palavra estrangeira à qual conferimos esses valores, que queríamos que nossa identidade tivesse como característicos, é a palavra anglófona. Como sujeitos responsivos e tendo a língua como arena e ponto de encontro entre estes sujeitos, podemos concluir que a palavra anglófona encontra espaço em nossa comunidade lingüística por ter em nossas consciências esta força, santidade e verdade a que se refere Bakhtin. A língua espanhola, de nossos vizinhos bolivianos, não contém para a nossa comunidade a mesma força, mesmo sendo também palavra estrangeira, isto neste momento histórico que vivemos. Pode ser que daqui a algumas décadas a presença do espanhol também seja forte. Com relação ao inglês, pode perder a força, no entanto, já será parte da língua, posto que está sempre em transformação. Uma mudança levaria muito tempo e não apenas algumas décadas.

A presença da palavra estrangeira não é, no entanto de todo maléfica, alienante, como pode deixar a entender nosso parágrafo anterior e nos aprofundaremos nessa discussão nas próximas páginas quando trataremos da presença do estrangeiro em nossa comunidade lingüística.

Uma questão que podemos discutir já aqui é o fato de que “na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas, para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala.” (BAKHTIN, 1997, p. 92). Como já colocamos, ao escolher uma palavra estrangeira para designar algo ou estilizar um veículo, o sujeito enuncia seu desejo de pertencimento a uma sociedade que considera superior. Com uma única palavra – a estrangeira, os anglicismos no caso - ele

⁷⁰ Não nos custa lembrar que tratamos aqui dos acreanos residentes em Rio Branco, uma pesquisa sobre todos os acreanos tomaria muito mais tempo e leituras.

transmite a idéia de que é moderno, atualizado, e por vezes, quer inclusive passar a imagem de eficiente, ou esnobe a depender do uso e de onde ele se realiza.

A língua, como se lê em Bakhtin (1997, p. 102,108) “é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos provocada por imperativos econômicos (...); não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo e contínuo” o que implica dizer que, como criação de uma sociedade que está se transformando ante a globalização, a língua também se transforma. Desse modo não podemos atravancar esse processo, como por exemplo, através da interdição de palavras oriundas de uma comunidade lingüística diversa da nossa. Inclusive por ela ser um processo evolutivo e contínuo tem também, e talvez principalmente, na intercomunicação entre os povos, sua fonte mais inspiradora de evolução. Residiria neste ponto à razão pela qual as línguas se interpenetram e se auto-influenciam. Uma língua necessita de outra para continuar seu processo evolutivo, não que seus indivíduos não pudessem dar conta dessa tarefa, mas ela se torna muito mais enriquecedora contando com a contribuição de outros povos e culturas, além da criatividade de seus usuários.

O que queremos dizer é que o poder econômico, bélico e tecnológico dos países anglófonos nos atrai sim, contudo, não fossem eles, seriam outros povos. A necessidade de interação verbal que nos é inerente não nos permite aquietar-nos em nossas fronteiras⁷¹ nacionais, felizes por nos considerarmos uma nação de bravos, cuja história oficial está repleta de heróis e mártires que, sem titubear, morreram pela pátria e seus interesses em detrimento aos pessoais.

Dada a limitação de nossa criatividade lingüística, muito diversa da criatividade artística – essa muito mais ampla e livre – sabemos ser afirmativa a resposta a pergunta que poderíamos fazer nesse ponto: Não nos empobreceria a abstenção do contato com outros sistemas lingüísticos que não o nosso, ‘materno’?

Se a língua é uma criação da sociedade, uma corrente evolutiva ininterrupta – enquanto viva, os sujeitos que a criaram impregnaram nela marcas de sua identidade. Podemos, aliás, afirmar que ambos, tanto identidade individual quanto comunidade de pertença, se mostram na língua e em sua interação verbal dão forma e alteram a identidade dos mesmos.

⁷¹ Nem mesmo em nossas casas.

3.1.2 Língua performática

Não podemos negligenciar, assim, o caráter performático da língua na questão da identidade. Ou seja, a língua tanto pode reforçar nossa identidade, mesmo construí-la, como destruí-la, desconstruí-la. Em contrapartida também nós podemos fazer o mesmo com as identidades dos indivíduos com quem convivemos, ou encontramos algum dia através desse poderoso meio: a palavra. Assim como através da língua, do modo com que nos pronunciamos no mundo, passamos aos nossos contemporâneos algo do que somos, também nos construímos nela, reafirmando-nos. Há palavras que fazem com que algo aconteça em nós e nos outros.

Este aspecto da língua tem haver com o fato de que fazemos coisas com as palavras que utilizamos em nosso cotidiano, assim como elas fazem coisas conosco (LARROSA, 2004, p. 152).

(...) atividades como atender às palavras, criticar as palavras, escolher as palavras, cuidar as palavras, (...) impor palavras, transformar palavras, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como juntamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

Elas não nos servem apenas para comunicarmos algo, mas podem inclusive servir de instrumento para estabelecer ou reafirmar uma realidade. Se ouvirmos muito a respeito de nossa irresponsabilidade, muito provavelmente, caso ela não exista, passará a constituir nossa personalidade. Ou ao contrário, se todos nos falam da competência, responsabilidade e eficiência que apresentamos no trabalho, caso não sejam um fato, muito comumente passarão a ser, pois nos esforçaremos para tal. Por este motivo, Larrosa (2004) fala do 'fazer coisas com as palavras'. Logo, utilizamo-nos das palavras para construir, reconstruir ou desconstruir as identidades nesse mundo. Dialogando com a idéia de Larrosa, citemos Silva:

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um 'fato' do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. (SILVA, 2005, p. 93)

Desse modo, ao recorrermos a anglicismos como o termo *fashion* para designar uma atitude ou um vestuário que esteja na moda no lugar de o dizermos em PB ('Estar na moda'), estamos firmando e fortalecendo a idéia de que os anglófonos é que conseguem ser ou estar na moda de verdade, não havendo portanto uma palavra da língua portuguesa que possa açambarcar todo o simbolismo do termo em inglês. De maneira que 'ser *fashion*' não se configura entre nós como igual a 'estar na moda'. Consoante com Larrosa (2004) 'escolher palavras, impor palavras, transformar palavras' como as de origem anglófona não são simplesmente mero palavrório. Elas, além de indicarem algo de nós, ainda fazem algo conosco através da repetição.

A repetição reforça o conceito passado e é apenas através desta que se estabelece e/ou fortalece uma idéia. Quanto mais se usa o termo mais se ratifica o significado arbitrariamente dado. Caso ele não caia nas graças da comunidade lingüística e, portanto, não seja repetido em outros discursos, que o de origem, então perderá sua função de signo e talvez possa ser encontrado em algum texto escrito ou apenas deixe de existir.

Saussure em seu Curso de Lingüística Geral (2003, p. 80) afirma que o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica, ligação esta intimamente relacionada à sua possibilidade de repetição. Apenas por haver uma total aquiescência dessa união - conceito e imagem acústica de cada termo integrante de um léxico - é que, ao pronunciar um vocábulo, os indivíduos, que integram a mesma comunidade lingüística ou que entendem a mesma língua que o emissor, conseguem compreender seu significado.

No entanto, essa receptibilidade do signo lingüístico também pode servir a desconstrução, da mesma forma que se constrói e fortalece uma identidade pela palavra podemos destruí-la e reconstruí-la. Isso se realiza ao repetirmos exatamente o contrário do que se havia proferido até então, ou simplesmente interditar tal repetição em nosso discurso. Ainda consoante com Silva (2005) essa repetição pode ser interrompida, questionada e contestada. Logo, se os usuários da língua começam a questionar essa repetição, e ao colocar em dúvida sua legitimidade serão induzidos a nova prática, um novo sentido ou uma nova relação com essa repetição. Ou seja, os sentidos são construídos socialmente e não estão aí na natureza prontos para serem anexados a algo ou alguém, sendo menos ainda inerentes à natureza humana, pois não nascemos isto ou aquilo. Por conseguinte está nas mãos do falante interromper a ordem vigente ou estabelecer uma nova ordem de reflexão e conseqüente renovação das práticas identitárias. A partir dos desejos e

das escolhas, os mesmos vão escrevendo a história e transformando sua língua que enquanto for viva, respirará a diferença e se reconstruirá nela.

Nessa questão identitária costumamos referir a identidade como fruto do ambiente, do lugar em que se nasce. O que podemos perceber, no entanto, é que o fato de termos uma certidão de nascimento legitimando nossa naturalidade, o lugar onde nascemos, não há o que nos impossibilite ser ‘atipicamente’ diferentes de outros em nossa comunidade. Ter nascido em uma comunidade ‘x’ não torna o indivíduo automaticamente análogo aos demais desta. Tal afirmação é ainda mais facilmente compreendida se pensarmos nos países da América Latina, desde seus primórdios, caracterizados pelo hibridismo e miscigenação. É difícil delimitarmos o perfil da identidade de uma nação latino-americana como, aparentemente, poderia ser mais fácil se estivéssemos nos reportando às antigas comunidades européias. Como afirma o escritor peruano Mario Varga Llosa⁷²,

“A riqueza da América Latina consiste em ser tantas coisas ao mesmo tempo, o que faz dela um microcosmo no qual coabitam quase todas as raças e culturas do mundo. [...] Esse amálgama é sua riqueza. Ser um continente que carece de identidade porque têm todas elas”.

Nascido num ambiente assim, composto de miscigenações, não se torna difícil para o indivíduo optar pela diferença, haja vista a dificuldade residir exatamente no delineamento do que possa ser considerado o perfil identitário da comunidade à qual se considera pertencente. Nós, latino-americanos, somos todos iguais por sermos todos diferentes e frutos de miscigenações diversas. Porém, mesmo nesses países, a língua unifica e identifica os seus cidadãos, de modo que é irrefutável a relação linguagem e identidade, ainda mais quando estamos falando não de regiões dentro de uma nação, mas do estrangeiro em seu sentido mais completo, daquele que nos é estranho no agir, no falar, no vestir.

O Estado do Acre, cujo território está inserido neste espaço latino americano, poderia ser considerado um lugar em que identidades atávicas se fortalecem se o consideramos afastado dos chamados ‘grandes centros culturais’? A palavra estrangeira – através do anglicismo – teria quê importância nesse processo? Dentro dessa perspectiva

⁷² *Fantástico Estréia Te Quiero América*. Disponível em <http://www.jornaldoestado.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2007.

identitária qual a agência do estrangeiro? Nos propomos a responder a essas perguntas até o final deste capítulo.

3.2 A presença do estrangeiro

O estrangeiro, na contemporaneidade, se presentifica das mais diversas formas. As tecnologias midiáticas globalizantes disseminam-no, e com ele também sua cultura, por vezes através de algumas palavras de seu léxico, de modo que passa a se tornar um tanto familiar a nós alguns traços do sistema lingüístico deste. Obviamente o estrangeiro que mais está sob os holofotes dessa mídia é aquele cujo poder monetário, bélico e político seja suficientemente grande a ponto de ser desejável pelo público exposto a influência do aparelho midiático. Apesar de esses meios apresentarem outras culturas além dessas do convencional ‘primeiro mundo’⁷³, elas são apresentadas e compradas pelo público dessas tecnologias como etnias, culturas ‘exóticas’, não dignas de serem desejadas, nem copiadas. Elas servem apenas como alegorias do que há de diferente no mundo e são mostradas ao público como um convite à aventura.

O estrangeiro, especialmente o anglófono, se faz presente no cotidiano dos brasileiros através da indústria cultural e não vislumbramos alteração disso, pelo menos a curto ou médio prazo. Diante desses fatos perguntamo-nos: seria negativa essa presença? O que essa presença realiza em nós? Passamos incólumes a essa presença? O que ela diz ou faz com nossa possível identidade?

Segundo o pedagogo Larrosa (2002) o estrangeiro tem um papel fundamental na autocompreensão do sujeito e como estamos discutindo a identidade dos acreanos residentes na capital do Estado, vale a pena aqui discutir a importância de estrangeirismos no ecossistema lingüístico de Rio Branco, vendo-a como presença do forasteiro entre nós.

A presença de um espelho – como a própria língua - não auxilia muito na compreensão ou mesmo na simples definição, se é que possível, do que seja a identidade de um indivíduo. Se tudo com o que nos deparamos em nosso ecossistema lingüístico for nossa língua, nosso entendimento do que seja ser um falante do PB e, por conseqüência, de nossa própria cultura não apresentará argumentos consistentes; pois é apenas na oposição ao outro que podemos entender melhor o que somos (Larrosa, 2002). Isso se dá por, no caso, não encontrarmos em nosso cotidiano elementos que possam causar em nós um

⁷³ Com destaque para os países anglófonos, por serem os Estados Unidos da América a grande potência mundial da contemporaneidade.

impacto que subsequentemente nos leve a cogitar a possibilidade de refletir sobre o que somos e como somos no mundo.

Uma experiência que nos instrumentaliza dizer de nós, de nossa etnia, de quem somos é o estar diante do outro – a exposição à língua de um outro - que nos é estranho, singular, no entanto, porque ao nos chocar, causar espanto, essa vivência nos induz a uma reflexão sobre nós mesmos. A estranheza do outro nos faz parar, olhar-nos e nos dar conta da razão do estranhamento: a diferença. Sem a referência do outro a impossibilidade de uma autocompreensão seria inevitável. Mas é exatamente a partir do outro que podemos delimitar com maior definição o perfil de nossa identidade passando, assim, a perceber a nós mesmos como o OUTRO diferenciado do que está diante de nossos olhos.

Para alcançarmos essa compreensão é imprescindível, permitirmos que o outro **seja**, mesmo que esse **ser** dele nos toque tão profundamente que termine por causar sentimentos inquietantes - desprezo, asco, admiração, desejo ou inveja - como causa a alguns indivíduos a utilização de anglicismos, o que não aconteceria não fosse o fato destes vocábulos envolverem esses sentimentos. De acordo com Larossa (2002) essas são emoções as quais o ‘indivíduo da experiência’ está sujeito.

Para Larossa (2002, p. 77)

A compreensão tem uma estrutura reflexiva, como um movimento de ida (até o outro) e volta (até si mesmo). Toda compreensão é retorno, [...] (p. 68) ‘A verdadeira morada da compreensão está na região intermediária entre a estranheza e a familiaridade.’ A compreensão habita, então, um lugar fronteiro: o limite de onde se daria a tensão entre o familiar e o estranho, o que é ele mesmo, entre o idêntico e o diferente, entre o próprio e o alheio, entre si mesmo e o outro.

Logo, a compreensão da própria identidade se realizará em plenitude quando nos depararmos com o outro, mesmo se através apenas da língua, embasando-nos na proposição de que a língua é uma prática identitária irrefutável. Sendo que essa compreensão da qual fala Larossa será efetivada apenas quando o indivíduo conseguir habitar o ‘lugar fronteiro’ o “entre-lugar”, em que ele se ‘abandona’, saindo de si, para poder olhar, dessa posição, para si e para o outro.

A língua estrangeira, ao homem que nunca se interessou por estudo de línguas, geralmente é um ser obscuro e sempre enigmático que alguns indivíduos tentam – e muitos conseguem – não se deixar atingir por esse ‘ser’ e cuja simples presença provoca reações contraditórias, inquietantes às vezes.

Ainda segundo Larossa (2002, p. 69,83)

[...] o estrangeiro é o que não se deixa representar. Não permite que ninguém o represente (que nada fale em seu nome) e não quer representar nada nem ninguém. Não representa nada, senão que é ele mesmo a pura presença que burla toda representação, que não admite captura. [...] É o que te permite sentir-se em casa, te permite ser tu mesmo fazendo de ti proprietário da casa.

Em suma, a estranheza causada pela presença do estranho, é indispensável para a autocompreensão. Somos incapazes de percebermos como somos sem que tenhamos o auxílio da presença do **outro** como o diferente de nós, servindo-nos como parâmetro a própria identidade que só pode ser considerada diferente havendo comparativos, senão é igual, ‘mesmo’. Somente podemos afirmar que somos brasileiros por termos ciência de que existem norte-americanos, franceses, africanos,... Não podemos nos esquecer, nesse processo dialético de autocompreensão e afirmação da identidade, da necessidade da dúvida. A compreensão exige o duvidar de si mesmo, de suas certezas e dogmas. Compreender demanda, por conseqüência, abandono de crenças e preconceitos para que possa olhar e ver no outro o que ele é, não o que gostamos que seja. Importante nesse processo é, não apagando nossa experiência de vida, nossa razão, mas do entre-lugar do que sejamos nós e do que é o outro para, o compreendendo, passarmos a compreender melhor a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor, nossa identidade.

A presença do estrangeiro, através dos estrangeirismos, pode auxiliar um indivíduo a compreender melhor sua identidade, sua comunidade, podendo inclusive, contrariamente a que muitos pensam auxiliar na valorização de sua cultura e do outro. No entanto, é fundamental que se este indivíduo exposto à presença do estrangeiro seja ‘o sujeito da experiência’ ao qual se refere Larossa (2004, p. 161).

‘O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de ex-por-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

Na questão a que nos propomos analisar – a presença dos anglicismos como o ‘estrangeiro’, entendemos que não será a rejeição, a tentativa de dizimação ou qualquer atitude negativa que oportunizará saber mais de nossa própria identidade, nem ao menos a

reafirmará. A presença deles não é uma ameaça a nós ou a nossa acreanidade. Isto se concordarmos haver uma identidade acreana, designada por acreanidade. A exposição tanto passiva, por deixar que o outro seja, quanto reflexiva, por levar a olhar para si mesmo, é que nos conduzirá a autocompreensão. Ou seja, ‘ser sujeito da experiência’, nesse caso, seria ser um falante do PB capaz de, exposto a presença dos estrangeirismos que a mídia, no caso escrita, nos impõe e nossa comunidade aceita, compreender melhor sua própria identidade, as diferenças que a constroem e a beleza existente nelas. Isto sem desejar ser o outro, atitude que firmará sua noção de pertencimento à nação, se assim for de seu agrado, e o tornará mais cômico da sua parcela de responsabilidade nos rumos que elas, a nação e a língua, tomarem.

Discutida a agência do estrangeiro em uma comunidade concluímos ser importante, diante da mesmidade, a diferença que nos possibilite dizer de nós. Segundo Silva (2005, p. 76)

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística. Dizer que são atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. [...] Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.

Tanto a mesmidade quanto a diferença – o OUTRO – são criaturas sociais produzidas na e pela linguagem. As identidades são criadas por meio de atos de linguagem. O conceito do que seja a acreanidade (parafraseando SILVA, 2005, p. 76), a identidade do acreano, é o resultado da criação de variados e complexos atos lingüísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades, como a identidade dos sujeitos que exercem a florestania. Os atos lingüísticos criados pelo conceito de florestania podem levar à construção de uma comunidade de indivíduos preocupados com as questões ambientais, como o único meio coerente e sábio de ser no mundo. Isto em contrapartida aos países do primeiro mundo dos países de primeiro mundo que destruíram grande parte de suas riquezas naturais, e ainda hoje, são os que mais poluem o meio ambiente, em nome do crescimento de seu poder econômico e conseqüentemente político, no mundo. No entanto, não podemos afirmar que essa diferença se põe clara e indiscutível. Se assim o fosse não precisaria haver sido criado e tão divulgado um neologismo que sintetize a relação do acreano com a natureza.

De modo que, se podemos afirmar que o somos e como somos no mundo o fazemos na língua da comunidade em que vivemos e nas relações sociais tecidas nesse meio sócio-ambiental. Ao analisarmos a presença dos anglicismos em nossa comunidade podemos sim dizer de nossa identidade acreana, por a entendermos como resultado dos nossos discursos.

3.3 Identidade, um conceito em debate

Estamos tentando delinear o perfil de uma identidade acreana. Antes de buscarmos as possíveis respostas vemos como relevante a discussão feita por Édouard Glissant em sua Introdução a uma Poética da Diversidade (2005, p. 43) a respeito da diferença entre comunidades atávicas e comunidades compósitas,

[...] as comunidades atávicas baseadas na idéia de Gênese, isto é, de uma criação do mundo, e na idéia de uma filiação, ou seja, de um elo contínuo do presente da comunidade com essa Gênese (considero como comunidades atávicas as antigas comunidades da Ásia, da África Negra, da Europa, bem como as das culturas ameríndias) e as culturas compósitas nascidas da crioulização, nas quais toda e qualquer idéia de uma Gênese só pode ser ou ter sido importada, adotada ou imposta: a verdadeira Gênese dos povos do Caribe dá-se no ventre do navio negreiro e no antro da Plantação.

A partir dessa proposição entendemos identidade atávica como sendo aquela com uma raiz central que caracteriza seu perfil identitário, tradicional, arraigado nas tradições perpetuadas de geração em geração. Por outro lado a identidade compósita não tem uma única raiz, mas na verdade, tem o fruto da junção de várias raízes, constituindo, portanto, um rizoma. O que equivale dizer que a identidade compósita é a mesma identidade rizomática.

Aplicando esses conceitos a identidade do povo brasileiro. Como poderíamos designá-la?

Em se tratando de Brasil, podemos afirmar que fazemos parte de uma cultura compósita, miscigenada que incorporou tantas outras culturas para poder se tornar a 'cultura brasileira' que só o é a partir dessa mistura. Se nos colocássemos diante de diversas fotos 3x4 de brasileiros de regiões distintas e nos fosse pedido que disséssemos a origem de cada um, teríamos nas mãos um jogo em que a sorte contaria mais do que os elementos físicos ditos a nós como característicos de uma região brasileira.

Como essa identidade rizomática se presentifica lingüisticamente falando? Uma resposta possível a essa pergunta pode ser: através dos empréstimos lingüísticos. O PB apresenta uma série desses empréstimos que já estão há tanto tempo entre nossas conversas que perderam qualquer estranheza e nos soam totalmente familiares, de forma que não conseguimos sequer inferir a origem de alguns destes sem o auxílio de um dicionário etimológico. A presença deles corporifica a idéia de que identidade é processo.

Se a comunidade lingüística apresenta em seu léxico termos oriundos de outros sistemas lingüísticos e acaba os incorporando, isso significa dizer que ela tem uma língua viva que está ‘sendo’, que não pode ser considerada um sistema fechado e inerte, mas vivaz e cujos rumos, alterações e possíveis retornos, só poderão ocorrer mediante uma decisão consensual de seus usuários. Sendo uma comunidade rizomática pouca rejeição terá por termos estrangeiros e os verá, na verdade, como possíveis integradores de sua própria identidade que está sempre ‘sendo’, ocasionando a aceitação relativamente fácil desses termos, em sua maioria aclimatando-os. Especificamente no Acre, por exemplo, ainda não nos decidimos por *stand*, **estand**, **estandi** ou **estander**, como designamos as barracas que abrigam produtos ou serviços em exposição nos eventos abertos ao público em geral. Isso em se falando de escrita, pois na fala o termo já compõe o nosso léxico e é pronunciado segundo nosso sistema fonotático [istandi], como usualmente ocorre no terreno dos empréstimos lingüísticos.

Câmara Jr. (1985) afirma, a respeito desse fenômeno:

Os empréstimos a quaisquer outras línguas seguem as mesmas diretrizes. A fonologia e a morfologia das línguas tipologicamente mais distanciadas do português foram mudadas nos empréstimos, de acordo com a tipologia fonológica e morfológica portuguesa, fixada pelo acervo dos vocábulos populares, provenientes do latim vulgar. (CÂMARA JR, 1985, p. 191)

O autor se refere a mudança que ocorre nos empréstimos afirmando que ela segue a ‘tipologia fonológica e morfológica portuguesa’, seguindo esse raciocínio compreendemos como se chegou a escrita de **estandi** para o correspondente em inglês **stand**. Nesse caso o acréscimo das vogais final e inicial se deu pelo fato de que no PB não há palavras que iniciem com a consoante **s**, nem há alguma que termine em **d**, como no termo em questão.

Um dos indícios de que nossa identidade brasileira é proteiforme, e sempre foi vocacionada a isto, tem sua base no fato de que nossa língua não tem uma única raiz – o latim – como sustento e constituição.

Mesmo sendo uma comunidade compósita, a nação brasileira poderia abrigar estados ou etnias cujos cidadãos seriam indivíduos com identidades atávicas? Seria o Acre uma comunidade atávica dentro de um país cujas identidades são compósitas? A localização geográfica do estado poderia ser uma razão de resposta afirmativa a esse questionamento, não fosse conhecido o fato de sermos um território cujas cidades foram produzidas na hibridização de outros povos que aqui vieram estabelecer-se. No entanto, o que verificamos é que não há uma identidade acreana, compósita. O que podemos concluir, portanto, dessa seção é que discutir esse conceito é tarefa difícil e que necessitamos do auxílio de autores como Hall e Bhabha para conseguirmos responder em parte algumas dessas indagações.

3.3.1 Identidades na fronteira, segundo Hall e Bhabha

Como nos referimos anteriormente, a presença de anglicismos no Acre nos leva a reflexão sobre as fronteiras pós-modernas. Para o delineamento de um perfil da identidade acreana, pós-moderna, nosso intuito nesta seção, vale discutir o que acontece com as identidades que estão expostas a mudanças lingüísticas. Neste ponto queremos trazer a nossa discussão os pontos de vista de Hall e de Bhabha a respeito da identidade e das fronteiras na pós-modernidade.

Stuart Hall (2004) afirma que “idéias/representações, identidades como gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que eram consideradas estáveis, hoje têm sua solidez abalada.” Passamos a perceber que elas vão se transformando no tempo e no espaço social em que estão inseridas a partir dos discursos. Na atualidade a identidade de dona-de-casa que só pilotava o fogão, que não podia ter orgasmos, nem opinar em questões políticas, se desfez. O gênero feminino tem tantas ou até mais incumbências do que seus parceiros masculinos e por vezes são elas, arrimos da família, contendo em si as identidades de cozinheira, de gerente, de motorista, mãe, esposa, amante, dona-de-casa e intelectual.

A identidade do sujeito pós-moderno está, portanto, se construindo constantemente, tendo como ponto de partida a desconstrução dos paradigmas identitários anteriores a essa época. Anteriormente éramos um sujeito visto como “totalmente centrado, (...) cujo centro

consistia num núcleo interior” - o sujeito do iluminismo. Após esse conceito de ‘homem’ passamos a concepção de identidade do sujeito como um ser social, formado nas relações sociais – sujeito sociológico. Na atualidade, somos um sujeito sem identidade fixa ou permanente (HALL, 2004, p. 10-12).

Ainda consoante com Hall (2004, p. 82) a globalização exerceu influência irreversível na construção desta identidade. Vejamos o que ele diz com respeito à sociedade britânica, que pode ser válido para outros lugares:

Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade britânica têm sido postas em questão. Num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza.

Na mesma linha de pensamento, Bhabha (2005, p. 298) também reflete o papel da globalização na desconstrução das fronteiras e na relevância desta para as identidades dos indivíduos pós-modernos.

O que deve ser mapeado como um novo espaço internacional de realidades históricas descontínuas é, na verdade, o problema de significar as passagens intersticiais e os processos de diferença cultural que estão inscritos no “entre-lugar”, na dissolução temporal que tece o texto global.

Subseqüentemente à desconstrução das fronteiras, ocorre a desconstrução identitária. Acabam-se as certezas relacionadas às identidades nacionais. A compressão do tempo e do espaço na globalização, que teve como transmissora e impulsionadora a indústria cultural, nos possibilita estar nesse entre-lugar, como se estivéssemos sempre na fronteira, espaço de constante confronto com o totalmente outro. Lugar onde nossas identidades se refazem. Segundo ele, “A temporalidade não-sincrônica das culturas nacional e global abre um espaço cultural – um terceiro espaço – onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às existências fronteiriças.” (BHABHA, 2005, p. 300). O sujeito para Bhabha se constitui exatamente nos entre - lugares, na fronteira que é ponte - tanto reúne como atravessa. Fronteira que tanto é ponto de chegada como ponto de partida, se constituindo como campo intersticial no qual a subjetivação pode se efetivar em verdade. O sujeito pós-moderno é, portanto, nômade,

móvel e dinâmico de modo que as fronteiras delimitadas geograficamente pelas nações são desconsideradas, e ele produz outra forma de marcar território para além delas.

Por estas razões mesmo o indivíduo – que segundo o dicionário Aurélio significa ‘indiviso’, passa a ser visto como proteiforme, mas em sua identidade, o que não quer dizer que este indivíduo finja ser uma pessoa em um lugar e depois em outra situação assuma outra maneira de ser. Na verdade, esse indivíduo proteiforme mantém alguns de seus valores, mas assume a postura de uma metamorfose que de acordo com os imperativos de seu tempo adequa-se e, porventura, transforma-se. Suas práticas identitárias demonstram bem isso, inclusive na língua que utiliza para interagir com seus semelhantes.

Como afirma Hall (2004, p. 89):

Eles devem aprender a habitar no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Nessa sociedade com fronteiras diversas os indivíduos precisam traduzir-se no tempo e no espaço, com a fluidez própria da água sem deixarem de ser indivisos. A exemplo da água que não deixa de ser o que é ao se amoldar ao vaso que a acolhe, as identidades dos sujeitos desse tempo pós-moderno são em suma diaspóricas – em movimento. Essas identidades não podem, por conseguinte, serem conceituadas com o tempo presente do verbo ser: **é**. Para falarmos delas de maneira mais precisa devemos usar este verbo no gerúndio - “forma nominal que indica um processo verbal em curso, desempenhando função semelhante à do adjetivo e a do advérbio”(TERRA & NICOLA, 2002, p. 248). Ao utilizar o verbo **sendo** para discutir a identidade da contemporaneidade deixamos claro que ela está em processo, em movimento, em desconstrução/construção.

A luz das reflexões feitas até aqui podemos concluir que se a língua é processo evolutivo e o indivíduo uma identidade diaspórica, ambos se fazem assim fluídos, de modo que podem ser considerados dois pontos de relação biunívoca, em que tanto há a agência de um quanto do outro mutuamente se interferindo e se construindo. Observemos o desenho a seguir:

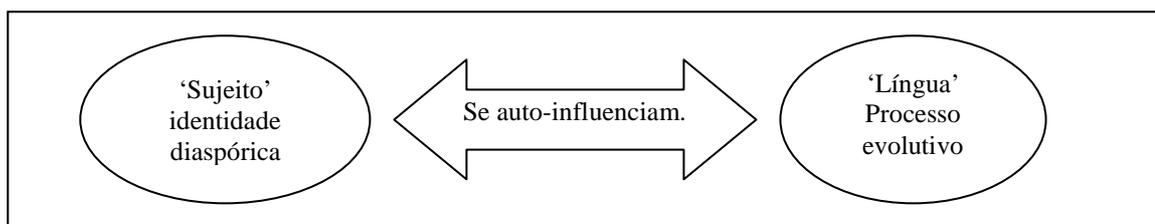


Ilustração 12: Influência da língua na identidade e da identidade na língua.

A influência do sujeito com sua identidade diaspórica se mostra na língua que sua comunidade lingüística utiliza, da mesma forma como o fato da língua ser um processo evolutivo que também contribui para a manutenção da identidade diaspórica do sujeito.

3.4 A identidade acreana

Diante do exposto vale a pergunta: O Acre, espaço considerado tão distante dos centros-culturais pode ser considerado um lugar em que identidades diaspóricas se apresentem? Os acreanos deixaram sua história resguardada aos livros e às provas de história do ensino fundamental? A luta dos revolucionários representaria uma coletiva vontade de salvaguardar a identidade acreana?

Dizer que temos pouca história para contar pelo fato de sermos considerados o último estado da federação a ser anexado ao território da nação não é de fato uma verdade. No entanto, um ponto que podemos considerar consenso é: não temos em nossa história marcas do orgulho de ser acreano e da defesa de uma identidade. A questão da nossa identidade é um assunto relativamente novo em terras acreanas. Como comentamos em páginas anteriores, o acreano acostumou-se a olhar para o ‘resto’ do Brasil como diferenciado de si, mas no sentido de melhor, mais desenvolvido.

Cerca de dez anos até muito recentemente, presenciamos altos investimentos em belas propagandas idealizadas pelo poder público com o intuito de ‘firmar’ e ‘fortalecer’ a identidade do povo acreano. A criação de designações como florestania, povos da floresta e mesmo o destaque aos ‘heróis da história acreana’ - com evidência especial para Chico Mendes, Galvez e Plácido de Castro - foi moldada e motivada por uma intenção: a de construir uma identidade acreana. O termo acreanidade, por exemplo, é muito novo e um tanto controverso, por não haver de fato elementos que explicitem a existência desse sentimento de acreanidade nos indivíduos nascidos ou residentes em terras acreanas.

Um dos sinais mais claros de que não temos esse sentimento de acreanidade é exatamente termos visto e ouvido⁷⁴ tanta propaganda a respeito. Ora, se ela fosse uma realidade não haveria necessidade de investimentos na divulgação dela entre nós. Tais montantes poderiam ser despendidos para ações de saneamento, ou mesmo para o desenvolvimento de políticas públicas que pudessem diminuir o subemprego no Estado, que ainda tem como base de sua economia a agro-pecuária e o comércio.

Na tentativa de fabricação de uma memória coletiva, figuras como Galvez, Plácido de Castro e Chico Mendes foram heroificados sob a égide de interesses políticos, (parafrazeando QUEIROZ, 2006), no intuito de servirem de base na criação de uma identidade atávica, como se fosse possível homogeneizar a todas as misturas que integram, desde o início, a composição dessa comunidade.

A história acreana não está centrada nos sujeitos coletivos (seringueiros, índios), estes são meros coadjuvantes encenando uma história que é engendrada por outrem. O seringueiro é apenas um nome, semantizado em um desvão de nomes: são apenas emblema do ofício que executam, são "coisas", são sujeitos reificados. (QUEIROZ, 2006, p.1)

Centrar a história em sujeitos coletivos, pobres e sem a formação escolar mínima exigida pela sociedade atual, talvez não pudesse conferir a mesma incisividade que têm as figuras de heróis fortes, letrados, com caráter ‘incorrupível’, verdadeiros mártires capazes de colocarem seus interesses pessoais em segundo plano pelo bem da maioria e, portanto, dignos de serem imitados. Os índios e seringueiros que foram personagens muito importantes nessa história ficam à margem como coadjuvantes, como se não fossem capazes de suscitar admiração.

A identidade acreana é, portanto, como as demais do Brasil e da América Latina, uma identidade hibridizada. O Acre é um Estado multi-étnico e subseqüentemente multilingüístico, como um boliviano cujo nome é Juan Luiz Juarez Ponce, 43 anos, residente em terras acreanas afirmou para um jornalista do jornal ‘Página 20’ de Rio Branco, em artigo publicado no jornal do dia 27 de novembro de 2005: "O Acre é o Brasil inteiro, haja vista que é a união de muitos estados".

⁷⁴ Nos anos de 2005-2006 uma dessas propagandas, uma música, foi veiculada na televisão e no rádio. Esta tinha sentenças que exaltavam os heróis da história oficial acreana, como por exemplo, no refrão: “Chico falou, o mundo ouviu, o nosso Acre tem valor”, referindo-se a Chico Mendes como sendo o indivíduo que colocou o Acre no mapa-múndi.

Os anglicismos disseminados em nosso ecossistema lingüístico corporificam a proposição de que somos um povo cuja identidade é rizomática, híbrida; e que o legislativo pode até deliberar proibindo a presença anglófona nas fachadas de comércios, nos ecossistemas lingüísticos de uma nação, mas quem realmente legitima ou não esses usos é a comunidade lingüística e os valores por ela estabelecidos.

4 PALAVRAS FINAIS

Muitos dos questionamentos, que suscitaram essa pesquisa, tiveram seu nascimento nos conflitos vividos no ensino da língua inglesa para estudantes de escola pública no Estado do Acre, como discorremos em nosso capítulo inicial. As inquietações nascidas nos espaços pedagógicos oficiais nos auxiliaram na busca de algumas das conclusões, a que chegamos ao decorrer das análises feitas nesse trabalho, a respeito da relação anglicismos e identidade acreana.

O que concluimos com as análises realizadas através dos registros fotográficos é que muitas escolhas parecem estar intimamente relacionadas com o desejo de ser *chic*. Ser *chic* significa ter poder aquisitivo, status, mas também boa alimentação, pele bonita e saúde, de modo que para tal, é preciso que haja, na remuneração mensal do cidadão, um montante que sirva de subsídio ao andar bem vestido, freqüentar boas escolas, ter acesso a saúde, a diversão e a cultura.

A LI que nos seduz está inter-relacionada em nossas memórias como a língua daqueles que vivem bem, têm mais e melhores oportunidades, e vivem em um país desenvolvido com uma economia forte que influencia todo o mundo, os que vivem o ‘sonho americano’. Não tivéssemos tudo isto como uma verdade, passaria a LI a muitos brasileiros como bela? Seria tão *chic* aprendê-la? Estaríamos diante da exposição de tantos anglicismos? A resposta a todas essas perguntas parece-nos ser uma só: Não. O movimento que impulsiona a construção das identidades discutidas nesse trabalho se faz em função de querermos sempre viver melhor, ou seja, ter acesso às benesses que nos tornaria cidadãos. Queremos nos identificar com quem ‘passa bem’, vive tranquilo em um estado em que a distribuição das riquezas produzidas pelo país, seja, pelo menos aparentemente, melhor.

Uma segunda conclusão a qual chegamos durante a análise é que a identidade acreana, brasileira, latino-americana, é fluída e os estrangeirismos encontrados no ecossistema lingüístico de Rio Branco, analisados durante a pesquisa, são a materialização

disso. Fôssemos nós, os acreanos, um povo de identidade atávica, nenhuma palavra estrangeira seria acolhida e divulgada em nossa comunidade lingüística. Entendemos que essa fluidez poderia nos levar a um total apagamento de nossas raízes, no entanto, elas também são rizomáticas, miscigenadas, logo se prestam bem a convivência com o híbrido que trará sempre o ‘novo’. Esta fluidez está inclusive materializada nas hibridizações realizadas nas ocorrências registradas, pois como vimos misturam-se vocábulos anglófonos com lusófonos originando um novo termo que só pode ser entendido, por vezes, por uma mente lusófona.

O que constatamos durante a análise dos anglicismos registrados é que, na verdade, estamos todos ‘sendo’, construindo nossa identidade todos os dias, transformando-a, a partir dos encontros e, inclusive de nossas práticas identitárias. No entanto, ninguém realiza essas mudanças sozinho, apenas os confrontos e seus conflitos, como no caso o encontro com o estrangeiro, podem realmente desembocar numa transformação real ou pelo menos numa desinquietante reflexão a respeito do que somos, como somos e o que seremos no mundo.

Mesmo aqueles que não vivem no mundo como o ‘sujeito da experiência’ de que fala Larrosa (2004, p. 161), assim como toda e qualquer comunidade, caminham, e cada um dos seus indivíduos a seu tempo, passará por mudanças. De modo que acabamos todos inacabados sempre ‘sendo’ e, portanto sem identidade definida. A presença de anglicismos escritos em tantos espaços publicitários acreanos, e talvez, incluindo a frequência destas ocorrências no ecossistema lingüístico selecionado, são uma prova disso, principalmente pelo modo como ela se faz e pela liberdade de criação que os usuários apresentam a partir de alguns conhecimentos básicos da LI.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Identidade e Poder: Reflexões sobre a crítica lingüística. In RAJAGOPALAN, Kanavillil & FERREIRA, Dina Maria Martins [orgs.]. *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Os Anglicismos e as Linguagens de Especialidade no Português do Brasil*. apud Haugen, Einar. *The Analysis of Linguistic Borrowing. Language*, v. 26, 1950, p. 210-231. Disponível em: http://www.ritem.net/revista/n_2/barcellos_almeida.pdf Acesso em: 7 nov. 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

AVERY, Peter; EHRLICH; Susan; JULL, Douglas. *Teaching American English Pronunciation*. UK: Oxford University Press, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BASSNETT, Susan. *Translations Studies*. London: Routledge, 1991.

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Trad. de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BOHN, Clarice Knies; GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. *Elementos de Fonologia e Ortografia do Português*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1989.

BRANDÃO. Sílvia Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BUONAMASSA, Stefani. *As Falas Regionais do Baixo São Francisco Sergipano: Influências clássicas, quinhentistas e africanas*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno10-06.html> Acesso em: 13 nov. 2006.

Caderno de Cultura do Acre: Novembro 2003/ concepção e supervisão pedagógica Vilma Guimarães; roteiro e redação dos textos Ana Jurema Loureiro. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2003.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. 7ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CATFORD, J.C. *A Linguistic Theory of Translation. An Essay in Applied Linguistics*. Hong Kong: Oxford University Press, 1980.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens: Literatura, gramática e redação*. 2º grau. Vol. 1, 2 e 3. São Paulo: Atual, 1996.

CLOSE, R. A. *A Reference Grammar for Students of English*. 13ª ed. Singapore: Longman. 1988.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. *Language Death*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os Estrangeirismos da Língua Portuguesa*. Vocabulário Histórico-etimológico. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 2003.

DUBOIS, Jean et all. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. *Estrangeirismos: Guerras em torno da língua*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FREITAS, Alice Cunha. As identidades do Brasil: Buscando as identificações ou afirmando as diferenças? In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (orgs.). *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.

Guia Para o Uso da Terra Acreana com Sabedoria. Zoneamento Ecológico Econômico do Acre. Coordenação: Marcos Sorrentino. Brasília: WWF – Brasil. 2001.

GUIMARÃES, Floriante; GUIMARÃES, Margaret. *A Gramática Lê o Texto*. São Paulo: Moderna, 1997.

GRIGOLETTO, Marisa. *Leituras sobre a Identidade: Contingência, negatividade e invenção*. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José. *Práticas Identitárias. Língua e Discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAUGEN, Einar. The Analysis of Linguistic Borrowing. *Language*, v. 26, 1950, p. 210-231.

_____. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, Marcos [org.] *Norma Lingüística* São Paulo: Loyola, 2001.

IANNI, Otavio. *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1976.

LYONS, John. *Língua(gem) e Lingüística*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

LARROSA, Jorge. *Para qué nos sirven los extranjeros?* In: *Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/ Centro e Estudos Educação e Sociedade (CEDES)* Campinas: CEDES, 2002.

_____. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 4ªed. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

_____. *Linguagem e Educação Depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A Estrutura Morfo-Sintática do Português*. São Paulo: Pioneira: 1999.

MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETO, Marisa; CORACINI, Maria José (org.). *Práticas Identitárias*. Língua e Discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.

MONTREZOL, Osmarina Catarina. *O Estado do Acre*. Rio Branco: Copgraf, 2000.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências*. São Paulo: Pontes, Campinas, 1996.

PERINE, Mário A. *A Língua do Brasil Amanhã e Outros Mistérios*. São Paulo: Parábola, 2006.

PRATOR Jr., Clifford H. *Manual of American English Pronunciation*. New York: Holt Inc.1957.

QUEIROZ, Francisco Aquinei. *O Mito da Acreanidade*. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/en/blue/2006/02/345034.shtml> Acesso em: 10 fev. 2006.

QUIRK, Randolph & GREENBAUM, Sidney. *A University Grammar of English*. 19th Edition. Hong Kong: Longman, 1987.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. *Por Uma Lingüística Crítica: Linguagem, identidade e a questão ética*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____ (org) *Linguística que nos faz Falhar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____ & FERREIRA, Dina Maria Martins [orgs.]. *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

_____. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I [org.]. *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo, Fapesp, 1998.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas In: Revista *Linguagem em (Dis)curso*, volume 5, número 1, 2005. Disponível em:

<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/09.htm> Acesso em: 14 dez. 2006.

ROACH, Peter. *English Phonetics and Phonology*. A practical course. 3rd edition. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

SILVA, Fábio Lopes da. & RAJAGOPALAN, Kanavillil. [orgs.] *A Linguística que Nos faz Falhar*. Investigação crítica. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. Roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da [org.], HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 9^a ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

SCHUTZ, Ricardo. *História da Língua Inglesa*. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html> Acesso em: 14 de jan. 2007.

TERRA, Ernani & NICOLA, José de. *Português de Olho no Mundo do Trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)